

JUVENTUDES, EDUCAÇÃO E PROJETO DE VIDA

RELATÓRIO DE PESQUISA



su má rio

8. Introdução

9. i. A pesquisa

14. ii. Metodologia

21. iii. Com quem falamos

30. 1 _Projeto de Vida

31. 1.1 _Referências e objetivos

44. 1.2 _Futuro Profissional

56. 2 _Escola e Aprendizagem

57. 2.1 _Relação com a escola

67. 2.2 _Formatos de aula e gestão escolar

72. 2.3 _Internet e Aprendizagem

98. 3 _Evasão

134. 4 _Desafios e Redes de apoio

150. 5 _Considerações finais

162. Equipe

sumário executivo

A pesquisa realizada com 1.500 jovens das classes C, D e E, que estudam em escolas públicas em todo o Brasil, **encontrou heterogeneidade de preparo para a formulação e planejamento de projetos de vida. Em geral, o principal sonho dos jovens é a conclusão do Ensino Superior. No entanto, a segmentação trouxe três perfis: Autoconfiantes, Resignados e Desesperançosos.**

» Maior perfil é o de **Desesperançosos**, que tem menos clareza sobre seu futuro, não sabe muito bem qual caminho seguir e que se sente menos capaz de alcançar seus objetivos;

» **Resignados** têm planos para o futuro relacionados à vida profissional e conquistas materiais. No entanto, assim como os de-

mais, não sentem que a escola os prepara para o mundo do trabalho;

» **Autoconfiantes** se identificam com o formato atual da escola e têm como principal objetivo alcançar a universidade. Não sabem, necessariamente, o que farão depois.

Um dos principais diferenciadores entre os perfis é a existência de redes de apoio e referências para os jovens se espelharem. O estudo apontou para três grupos de referências: os pais, alguém famoso e professores. Os atributos que fazem dessas pessoas referências são: ser batalhador e ser humilde. Nos dois casos, são atributos que os jovens conseguem se enxergar e possíveis de serem alcançados.

Quando pensam o futuro profissional, a partir de suas referências e da sensação de capacidade de chegarem lá, os jovens apontam o desejo de melhorar sua condição financeira e de trabalhar “com o que gostam”. O que diferencia os perfis Autoconfiantes dos Desesperançosos é a capacidade de descrever com mais clareza o que gostariam de fazer. Os Resignados miram conquistas materiais, muitas vezes por necessidades de curto prazo. Em geral, **os pais são descritos como um apoio no caminho para seus sonhos profissionais, mas não como uma inspiração na escolha da profissão.**

A escola, que poderia ocupar o espaço de referência, não conecta com as aspirações futuras dos jovens, no que tange às orientações e preparação para o trabalho. A escola é vista como um passo rumo à

universidade, o maior sonho dos alunos. No entanto, quando os jovens não se veem ou não têm condições concretas de investir no Ensino Superior, o ambiente escolar perde o sentido, por não se conectar com o mundo do trabalho. Para tornar a escola mais relevante, os jovens apontam a necessidade de aulas mais participativas e com mais espaços de escuta entre professores e alunos. Simultaneamente, pedem por uma gestão escolar disciplinadora, capaz de regular as tensões e conflitos que existem entre os alunos e entre professores e alunos. Nos dois casos (pedido por aulas participativas e gestão rígida), aparece um **desejo de maior escuta e acolhimento por parte da escola.**

Quando há uso de inovações pedagógicas, os jovens apontam falhas e desconfiança.

Para a maioria, as escolas não deveriam permitir o uso de internet em sala de aula. Muitos também não se consideram totalmente proficientes no uso da internet, especialmente entre os de renda menor. A sensação é de que eles não seriam capazes de aprender de forma autônoma, sem o apoio próximo de um professor.

A falta de escuta é apontada como principal causa de evasão. O aluno que vê seu desempenho cair, muitas vezes por problemas pessoais, sente vergonha de pedir ajuda de professores e colegas. Quando a escola não abre espaços de diálogo, os jovens encontram barreiras para permanecer na escola. A maior parte dos que abandonaram não foram pro-

curados durante o processo de abandono. Mesmo quando a escola proporciona acolhimento, a violência, bullying e um clima escolar descrito como caótico favorecem a evasão.

Os jovens evidenciaram a importância de suporte de amigos, professores e outros profissionais para lidarem com desafios como problemas pessoais, bullying, depressão e crises de ansiedade.

A maioria diz que já teve seu desempenho afetado por questões externas à escola, e apontam que a comunidade escolar dificilmente identifica e acolhe questões externas, que afetam a vida escolar dos jovens.

introdução

i. a pesquisa

O estudo apresentado neste relatório nasceu a partir de um desafio de entender de forma aprofundada as características dos jovens das classes C, D e E e sua relação com a educação e a escola. O objetivo principal da pesquisa **foi explorar as percepções, hábitos, e expectativas de alunos da escola pública sobre projeto de vida e seus sonhos,** educação e aprendizagem, assim como o acesso e uso da internet.

Esse objetivo já delineia algumas características especiais do projeto. Em primeiro lugar, **o foco na juventude mais vulnerável, que representa 80% dos alunos da escola pública no Brasil.**¹ Em segundo lugar, **a ênfase na escola pública,** com todos os desafios já conhecidos, de altas taxas de repetência e evasão; baixo desempenho em Leitura e Matemática e desigualdade de aprendizado.

O estudo, enfim, buscou entender a relação estabelecida entre esse jovem de origem vulnerável, sua estrutura social e as dinâmicas da escola. Por isso a ênfase

nos sonhos e projetos de vida do público da pesquisa, e a relação entre a construção de sonhos e objetivos futuros e aspectos como referências familiares, referências profissionais, aprendizagem na escola, uso de internet, entre outros tópicos que serão tratados ao longo do relatório.

Um segundo objetivo da pesquisa foi subsidiar um debate amplo sobre atuação do terceiro setor e políticas públicas educacionais, para que estes esforços estejam, no futuro, mais alinhados às demandas e aos direitos da juventude das classes C, D e E. Os produtos deste estudo serão abertos para a divulgação entre gestores públicos e o terceiro setor, para que seus aprendizados não sejam limitados aos que participaram do projeto diretamente.

Para iniciar o estudo, traçamos alguns princípios que deveriam nortear nossos esforços e aprendizados. Em primeiro lugar, o foco em impacto social, portanto, na juventude da base da pirâmide.

¹ Segundo a PNAD 2018, 83% das crianças e jovens que frequentam escola pública vem de famílias com renda per capita abaixo de 1 salário mínimo.

Além disso, a valorização de diversidade de visões e percepções dos jovens e de especialistas sobre a realidade da educação pública brasileira. Para isso, trouxemos a participação de diversos atores para colaborar com a construção deste material. Em terceiro lugar, demos atenção especial ao problema do abandono escolar, que atinge 11,8% dos jovens entre 15 a 18 anos². Acreditamos que o entendimento da percepção do jovem sobre sua escola e sobre sua educação traz uma grande contribuição ao debate sobre como evitar o abandono escolar e garantir o direito de todos os jovens à educação básica. Por último, entendemos que o conceito de Projeto de Vida é um tema transversal aos demais. Para abordar os planos dos jovens, deve-se ter o cuidado de considerar a construção de projetos de vida como consequência de inúmeros fatores psicológicos, sociais e econômicos. Veremos, mais adiante, a importância das redes de relacionamento para a formação desta juventude.

O relatório a seguir está dividido em quatro capítulos, com as seguintes perguntas de pesquisa com foco no público dos jovens CDE.

1. Projeto de Vida

- :: O que é importante em suas vidas? Quais suas referências?
- :: Quais são seus sonhos e expectativas de futuro? Existe algum planejamento?
- :: Quais suas ambições profissionais e motivações?

2. Escola e Aprendizagem

- :: O que gera engajamento com a escola e a educação?
- :: Como e quando aprendem melhor?
- :: Quais são os obstáculos em relação à aprendizagem?
- :: Quais os usos da internet para aprendizagem?

3. Abandono dos estudos

- :: Por que abandonaram os estudos?
- :: O que poderia ser diferente na escola para que eles continuassem estudando?
- :: Em que condições voltariam a estudar?

4. Desafios e redes de apoio

- :: Quais são os desafios pessoais e com a escola?
- :: Com quem podem contar para falar sobre a vida, sobre a escola e o futuro?

:: O projeto contou com quatro fases:

(1)

Workshop de co-criação que contou com a presença de profissionais da Plano CDE, Fundação Roberto Marinho e educadores, além da participação de 6 jovens consultores representando cada uma das regiões do país, para definir perguntas de pesquisa e materiais das etapas seguintes;

(2)

Pesquisa quantitativa nacional para a mensuração das percepções e segmentação de perfis;

(3)

Pesquisa qualitativa, online e presencial, para entendimento das percepções da escola, projetos e desafios;

(4)

Workshop de fechamento para debate dos resultados e construção coletiva de direcionamentos que contou com a presença de profissionais da Plano CDE, Fundação Roberto Marinho, Fundação Bradesco, Atlas da Juventude e os jovens consultores.

² Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) / IBGE, 2018

:: Jovens consultores



:: Clara Vaz, 19 anos

De Cuiabá, terminou ensino médio com apoio de um professor Ensina Brasil, já desenvolveu um projeto de saúde mental na escola. Estudante de direito, trabalha no desenvolvimento de projetos sociais com foco em protagonismo juvenil.



:: Camila Silva, 23 anos

De Porto Alegre, graduanda em Relações Internacionais Na UFRGS. É voluntária há 4 anos em projetos que procuram integrar conhecimento produzido na Universidade com a sociedade.



:: Elias Costa, 22 anos

Da periferia de Belém, participa do coletivo audiovisual Tela Firme, com foco em direitos humanos e contra narrativas sobre as periferias, é co-fundador da Plantar Fotografia e Embaixador da Juventude pela ONU/UNO-DC. Evadiu e voltou a estudar.



:: Jonas Fernandes, 20 anos

De Campina Grande, perdeu um ano do Ensino Médio devido à má gestão escolar. Atualmente, é estudante de Engenharia de Materiais. Criado pela avó, trabalha com projetos sociais de educação há 6 anos, sendo criador do Programa Guardiões da Educação.



:: Lays dos Santos, 20 anos

Da zona norte do Rio, estudante de Serviço Social, integrante da Plataforma de Centros Urbanos do Unicef. Criadora do projeto Social "Eu vivo favela" e hoje está no MPRJ, na Assessoria de Direitos Humanos e de Minorias.



:: Patrick Pereira, 17 anos

Da zona Oeste do Rio, está cursando o Ensino Médio, já tendo estudado mais do que seus pais. Participou de programa Centros Urbanos da Unicef.

ii. metodologia



:: Workshop de co-criação

Jovens e especialistas ajudam a desenhar a pesquisa.



:: Etapa quantitativa

Mensuração das percepções



:: Etapa qualitativa

entendimento dos porquês



:: Workshop de fechamento

Jovens e especialistas discutem os resultados e debatem caminhos de atuação

O desenho de pesquisa utilizando métodos mistos deste estudo seguiu a seguinte lógica:

- i) etapa qualitativa de desenvolvimento de hipóteses (revisão bibliográfica e workshop com jovens consultores, educadores e especialistas);
- ii) etapa quantitativa de mensuração de percepções; e

iii) etapa qualitativa de entendimento destas percepções.

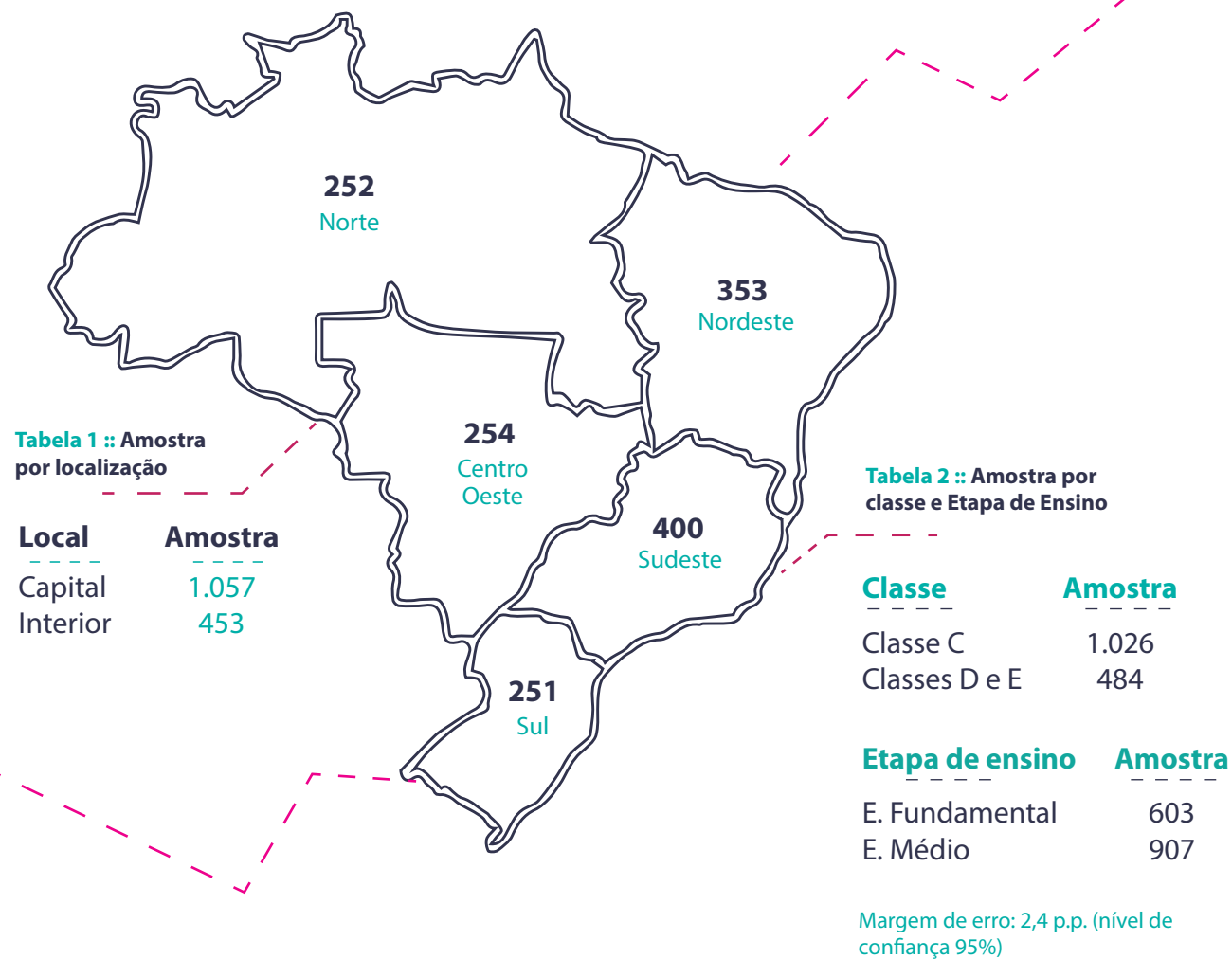
A fase de pesquisa foi dividida em três etapas. A primeira delas foi uma **pesquisa quantitativa presencial** com uso de um questionário estruturado. O questionário foi elaborado a partir das questões levantadas no workshop inicial. O público da pesquisa quantita-

tiva foi de **jovens de 14 a 19 anos, das classes C, D e E³, estudantes de escolas públicas**. Entre esses jovens, alguns já haviam abandonado e voltado a estudar – todos estavam necessariamente matriculados entre o 9º ano do Ensino Fundamental e o 3º do Ensino Médio. Foram entrevistados 1.510 jovens, se-

gundo as tabelas abaixo. A margem de erro, considerando intervalo de confiança de 95%, é de 2,4 p.p.

Para garantir representatividade da amostra nacional, todos os dados foram ponderados para se adequar às distribuições da população CDE nas regiões

³ Por tratar de jovens, que na maior parte das vezes não são os responsáveis pela renda da casa, utilizou-se o chamado “Critério Brasil” para definição de classes sociais. Esse critério parte da posse de bens. Para saber mais, acesse: <<http://www.abep.org/criterio-brasil>>



pesquisadas (de acordo com a PNAD). As variáveis utilizadas na ponderação⁴ e que, portanto, seguem a distribuição da PNAD em todos os dados analisados, são:

- :: Regiões;
- :: Distribuição entre capital e interior;
- :: Gênero;
- :: Idade;
- :: Cor / Raça.

Dois análises estatísticas foram realizadas, para complementar as respostas às per-

guntas de pesquisa mencionadas no item anterior.

Em primeiro lugar, uma segmentação de perfis chamada Grade of Membership (GoM). O GoM, ao contrário de outros métodos de segmentação, separa a amostra do estudo em perfis de acordo com a probabilidade de pertencimento de cada indivíduo. Ou seja, o GoM é um método que considera o quão próximos os indivíduos estão de cada perfil, ao invés de simplesmente "induzir" a alocação dos

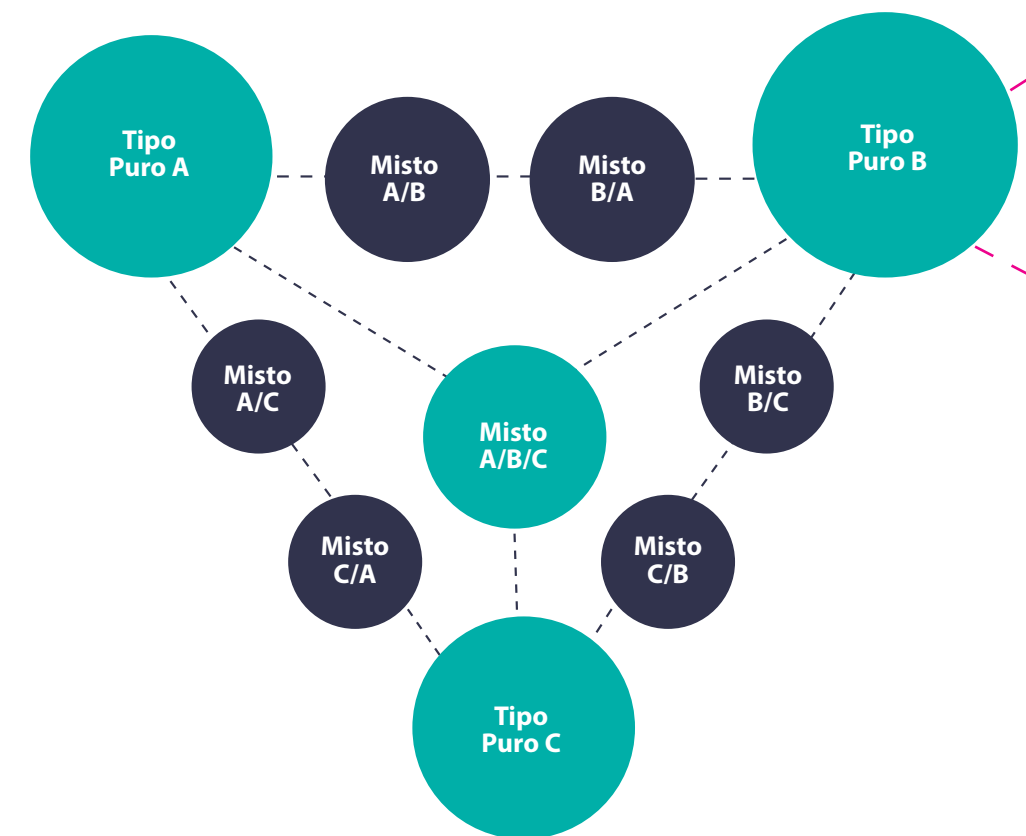
indivíduos nos perfis. Isso faz com que a segmentação seja menos estereotipada, considerando a existência tanto de perfis "puros" (aqueles com características mais extremas do perfil) quanto de perfis "mistos", isso é, grupos com características predominantes de um perfil, mas que carrega também características de outro.

A vantagem desse método é que, ao identificar esses perfis "mistos", o pesquisador mantém um grupo "puro" bastante homogêneo, que permite uma análise aprofundada das diferenças entre os grupos. Essa análise facilita na constru-

ção de personas para basear a formulação de projetos e políticas públicas direcionadas aos desafios de cada um dos perfis.

O GoM tem também a vantagem de espelhar de forma mais intuitiva a realidade social, uma vez que podemos pressupor que cada indivíduo tem características diversas e não é, normalmente, claramente classificável como pertencente a um determinado perfil de comportamento⁵. O resultado da segmentação utilizando o GoM pode ser expresso no gráfico abaixo (considerando uma análise com 3 grupos puros):

Figura 2 :: Gráfico de resultados da segmentação



⁵ O GoM está fundamentado na teoria dos conjuntos nebulosos (fuzzy sets) de acordo com a qual o pertencimento de um elemento a um dado conjunto não é, necessariamente, exclusivo (Manton, Woodbury e Tolley, 1994). O elemento de um conjunto pode pertencer integralmente a ele ou, de outra maneira, pertencer, simultaneamente, com diferentes graus de intensidade, a vários conjuntos. Os conjuntos nebulosos se opõem aos conjuntos bem definidos (crisp sets) nos quais o pertencimento dos elementos a mais de um conjunto não é possível.

Cada indivíduo da amostra, a partir da distribuição de suas respostas, é classificado como pertencente em graus diferentes a cada perfil (totalizando 100%). Um indivíduo que tenha todas as características típicas do perfil A será classificado como 100% neste perfil e 0% nos demais. Foram considerados “puros”, no nosso estudo, indivíduos que tivessem acima 75% das características de um perfil, ou entre 50% e 74% em um perfil, e menos de 25% em qualquer um dos demais.

A segmentação foi utilizada para identificar perfis de formulação dos projetos de vida dos jovens. As variáveis que geram os perfis são relativas aos sonhos dos jovens, suas referências e motivações, quanto se sentem capazes de alcançar seus sonhos e objetivos e quais as suas inspirações. A lista de variáveis utilizadas está abaixo:

:: **Sonhos** (Qual o seu sonho para o seu futuro/para sua vida? - Aberta)

:: **Inspiração para sonho** (Quem é a sua inspiração para pensar nesse sonho? – espontânea)

:: **Prioridade em 10 anos** (Qual é a sua prioridade para daqui a 10 anos? – espontânea)

:: **Percepção de capacidade** (Pensando nessa sua prioridade (número 1) de longo prazo (daqui a 10 anos), o quanto

você se considera capaz de alcançá-la? – fechada)

:: **Plano para alcançar objetivo** (Você tem um plano para alcançar esse objetivo (número 1) de longo prazo (daqui a 10 anos)? – fechada)

:: **Razão para escolher profissão** (Por que você escolheu esse trabalho? Qual foi a principal razão? – espontânea)

:: **Inspiração para profissão** (Quem te inspirou a pensar neste trabalho? – espontânea)

A segunda análise estatística utilizada no estudo foi a análise de CHAID. Essa análise funciona como uma árvore de decisões⁶. O CHAID **é um método de seleção e classificação de preditores de uma variável dependente**. Este método testa a relação entre cada preditor e a variável dependente e escolhe aquele com maior nível de significância.

Quando encontra o preditor mais significativo o método então divide a amostra em categorias desse preditor e testa os demais preditores em cada subamostra, para escolher a “segunda camada” de preditores mais importantes. O processo de teste e subdivisão da amostra se repete até que as subamostras fiquem pequenas demais (n=50) ou que não haja mais preditores significativos.

Os resultados são apresentados na forma de árvore, em que cada ramificação

representa um preditor e suas categorias, em que ramos mais altos indicam os primeiros preditores escolhidos. Ao final de todas as ramificações, exibem-se as probabilidades associadas à variável dependente.

Em nosso estudo, esse método foi utilizado para analisar fatores associados à possibilidade de abandono escolar. Como nossa etapa quantitativa teve foco apenas sobre os estudantes de escola pública usamos a possibilidade de abandonar como uma proxy para variáveis associadas à possibilidades do abandono escolar. Neste sentido, esta análise é diferente daquelas realizadas tradicionalmente em estudos de fatores associados ao abandono escolar.

Além disso, diferente dos estudos de abandono escolar mais tradicionais (que usam modelos de regressão logística), em nossa análise estamos mais interessados na **hierarquização** de fatores **intraescolares** associados à consideração sobre o abandono escolar. Por isso, a análise por árvore de decisão se mostrou mais adequada ao tipo de pergunta da pesquisa⁷.

Como fatores intraescolares foram testadas as seguintes variáveis:

- :: Sexo (Masculino X Feminino)
- :: Faixa etária (até 17 anos X 18 anos ou mais)
- :: Cor (Negro X Não negro)
- :: Escolaridade do responsável (EF completo X EF incompleto)
- :: **O que mais gosta de fazer na escola** (Encontrar amigos/parceiro(a) X demais opções)
- :: **Valorização/escuta dos alunos** (Escola valoriza muito X pouco)
- :: **Violência na escola** (Sofreu algum tipo X nunca sofreu)
- :: **O que mais atrapalha o aprendizado** (Bagunça dos alunos X demais opções)
- :: **Como considera o próprio desempenho** (Bom/excelente X regular/ruim)
- :: **Já reprovou** (Sim X Não)

Com os resultados da etapa quantitativa, que permite a descrição de um retrato da juventude C, D e E no Brasil, buscamos em uma segunda etapa sequencial as explicações mais aprofundadas dos dados. A etapa de explicação, qualitativa, incluiu painéis online digitais de três semanas de duração, e entrevistas etnográficas com alguns dos entrevistados. A amostra da etapa qualitativa foi a seguinte:

⁶ CHAID é a sigla para Chi-squared Automatic Interaction Detector, originalmente proposto por G. V. Kass, no artigo An Exploratory Technique for Investigating Large Quantities of Categorical Data, Applied Statistics, Vol. 29, No. 2. (1980).

⁷ Além disso, existe uma razão técnica mais profunda para não se usar, neste estudo, um método de regressão logística. Em estudos sociais/comportamentais, a variável dependente binária (ex., abandonar ou não a escola) deriva de um modelo de decisão prévio sobre o qual incidem os fatores associados que se quer analisar. Tipicamente, toma a decisão de abandonar o estudante cujas características e experiências escolares geram uma utilidade abaixo de um nível limítrofe. No caso deste estudo, como a variável binária é construída a partir de uma possibilidade de abandonar, não temos uma decisão efetiva de abandono, o que torna nossa variável inadequada ao uso dos métodos tradicionais de regressão.

Tabela 3 :: Amostra dos painéis online

Perfil dos Jovens	Regiões	Número de grupos	Número de Jovens
De 9º ano EF	SE/NE	1	6
De 3º ano EM	SE/NE	1	6
De 15 a 17 anos fora da Escola	SE/NE	3	18
De 18a 24 anos não terminou EM	SE/NE	3	18
Total	-	8	48

Tabela 4 :: Amostra das entrevistas etnográficas

Perfil dos Jovens	Regiões	Número de Jovens para Etnografia
De 9º ano EF	SE/NE	1
De 3º ano EM	SE/NE	1
De 15 a 17 anos fora da Escola	SE/NE	3
De 18a 24 anos não terminou EM	SE/NE	3
Total	-	8

Os grupos tinham membros de Recife e de São Paulo e, ao contrário da etapa quantitativa, incluíram jovens que estavam fora da escola. Foram entrevistados 36 jovens que abandonaram os estudos, sendo metade em idade escola regular (15 a 17 anos) e metade na faixa de idade do EJA. Além de estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental e do 3º ano do Ensino Médio.

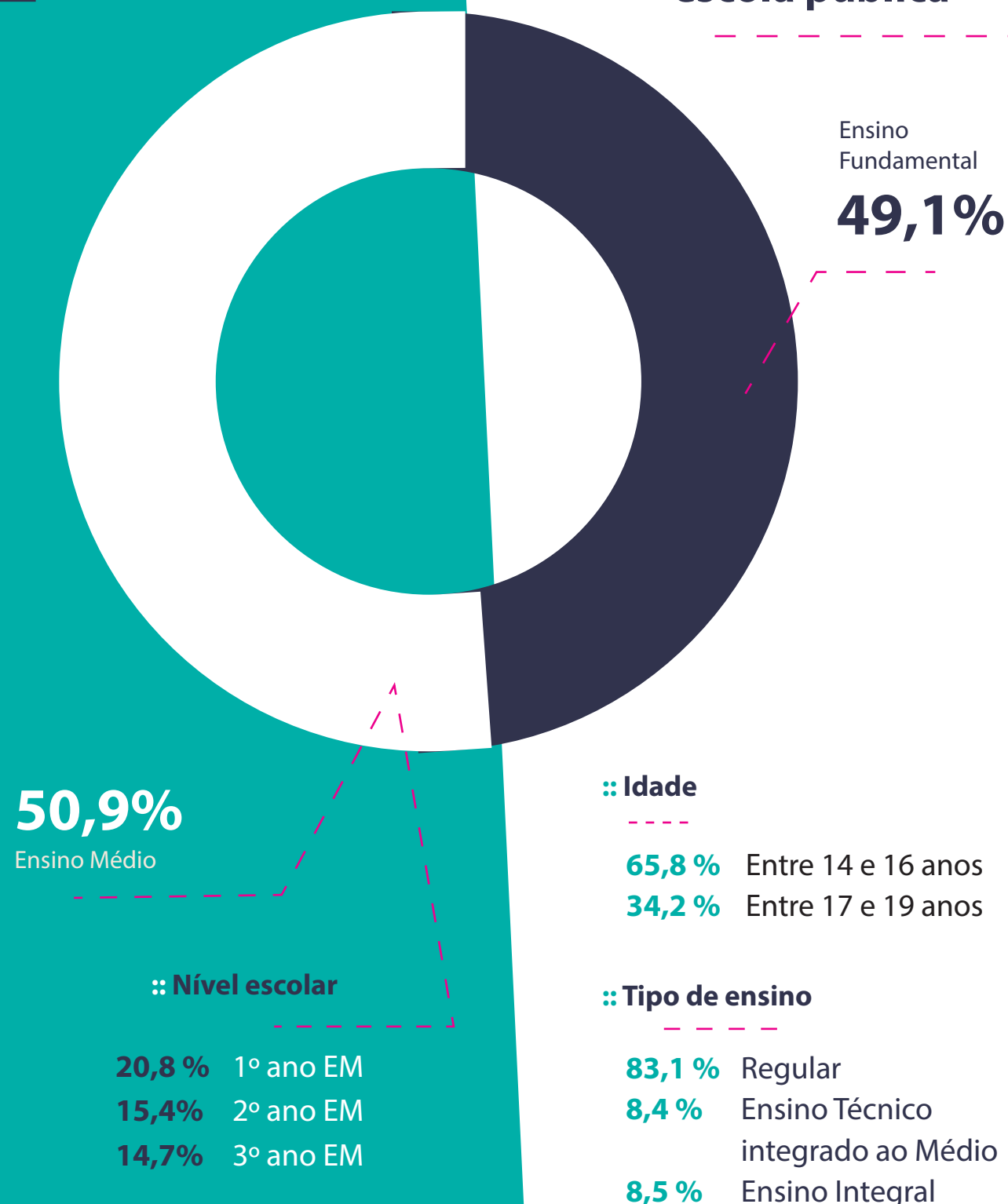
Os painéis online permitiram aprofundar as evidências que surgiram nas análises de segmentação e de CHAID da etapa quantitativa. Especificamente nos grupos de jovens fora da escola, conseguimos explorar as razões, decepções e desafios enfrentados antes da decisão de abandonar os estudos. Essa metodologia permitiu também que os jovens se comunicassem em sua linguagem coloquial.

As atividades propostas pelos moderadores, em parceria com os jovens consultores do projeto, incluíam:

- :: criar memes;
- :: enviar vídeos e áudios;
- :: comentar as atividades dos demais participantes.

Ao final das três semanas de entrevista no painel, um participante por grupo foi selecionado para uma entrevista etnográfica em sua residência. A etnografia é uma técnica adaptada da antropologia que permite a compreensão dos efeitos do contexto social, em especial do território, nas percepções e valores dos entrevistados, servindo como um complemento para as etapas de pesquisa anteriores.

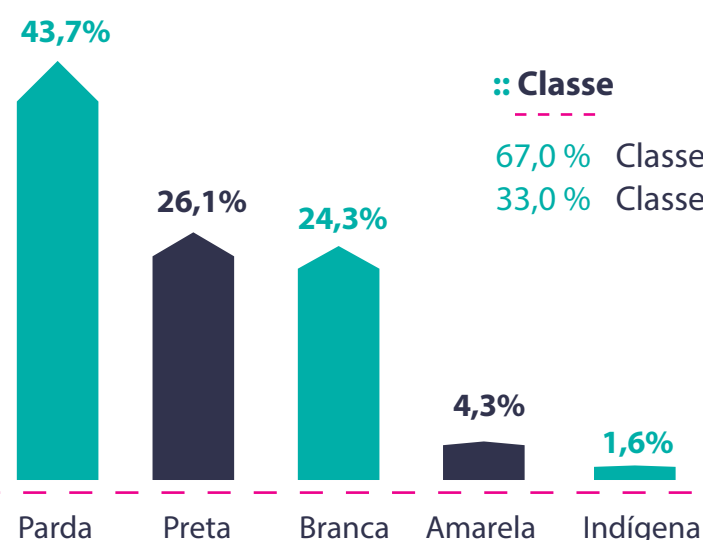
iii. com quem falamos



:: Perfil dos jovens

Gênero, classe e identificação racial

:: Distribuição de raça/cor



:: Gênero

48,3% Feminino
51,7% Masculino

:: Classe

67,0% Classe C
33,0% Classes D e E

Entre nossos entrevistados, a maioria vive com os dois pais. No entanto, porcentagem relevante vive em casas monoparentais, com grande maioria liderada pela mãe, e há 8% de jovens que vivem sem nenhum dos dois pais em

casa. Quase um terço deles são beneficiários do Bolsa Família e aproximadamente metade dos chefes de família tem renda previsível (43% com carteira assinada, 6% de aposentados).

:: Situação de emprego do responsável

43% Trabalha com carteira assinada
19% Autônomo
15% Trabalha sem carteira assinada
7% Desempregado
6% Não trabalha (Dona de casa/Estudante)
6% Aposentado/Pensionista
5% Negócio Próprio

28%
são beneficiários do Bolsa Família

P84. Qual a situação de emprego da série sua mãe, pai ou pessoa responsável por você? RM (Base: 1.510)
P85. Sua família recebe algum benefício do governo? (Base: 1.510)

Na etapa qualitativa, encontramos muitas famílias monoparentais, lideradas pelas mães, e alta dependência de apoios de uma rede expandida de familiares mulheres, como tias e avós. Essas figuras foram mencionadas repetidas vezes como um suporte fundamental na trajetória dos jovens.

Pouco menos de um quinto dos jovens trabalha, principalmente em bicos informais, que têm uma função maior de gerar independência financeira que de ajuda na renda da casa. Uma parte considerável dos que trabalham estão formalizados em programas de aprendizagem.

:: 17% dos jovens trabalham: a maioria faz bicos ou trabalha como aprendiz.

Trabalho

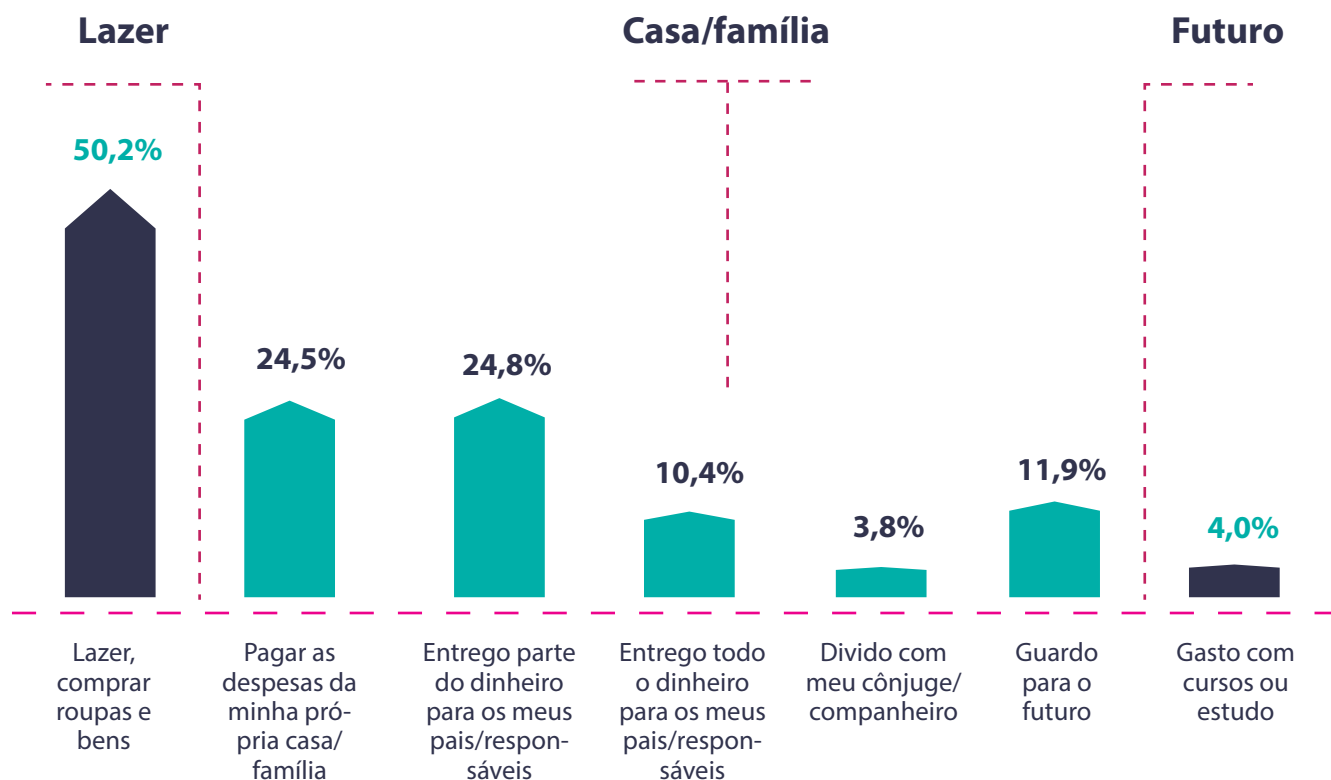


P72. Você trabalha? Base (1.510)
P73. Como é esse trabalho? RM. (Só entre quem trabalha) Base: (310)

:: Entre os jovens que trabalham, o principal destino da renda não é para ajudar em casa – metade gasta com o próprio lazer.

Trabalho

:: Destino da renda



P74. O que você faz com seu dinheiro? RM. Base (todos que trabalham): 310

Na descrição do perfil das famílias, além de critérios socioeconômicos, chama atenção um primeiro dado relativo à escolaridade da família. **Dois terços dos chefes de família dos entrevistados não completou o Ensino Médio, sendo que mais de 40% não completou o Ensino Fundamental.** Isso significa que

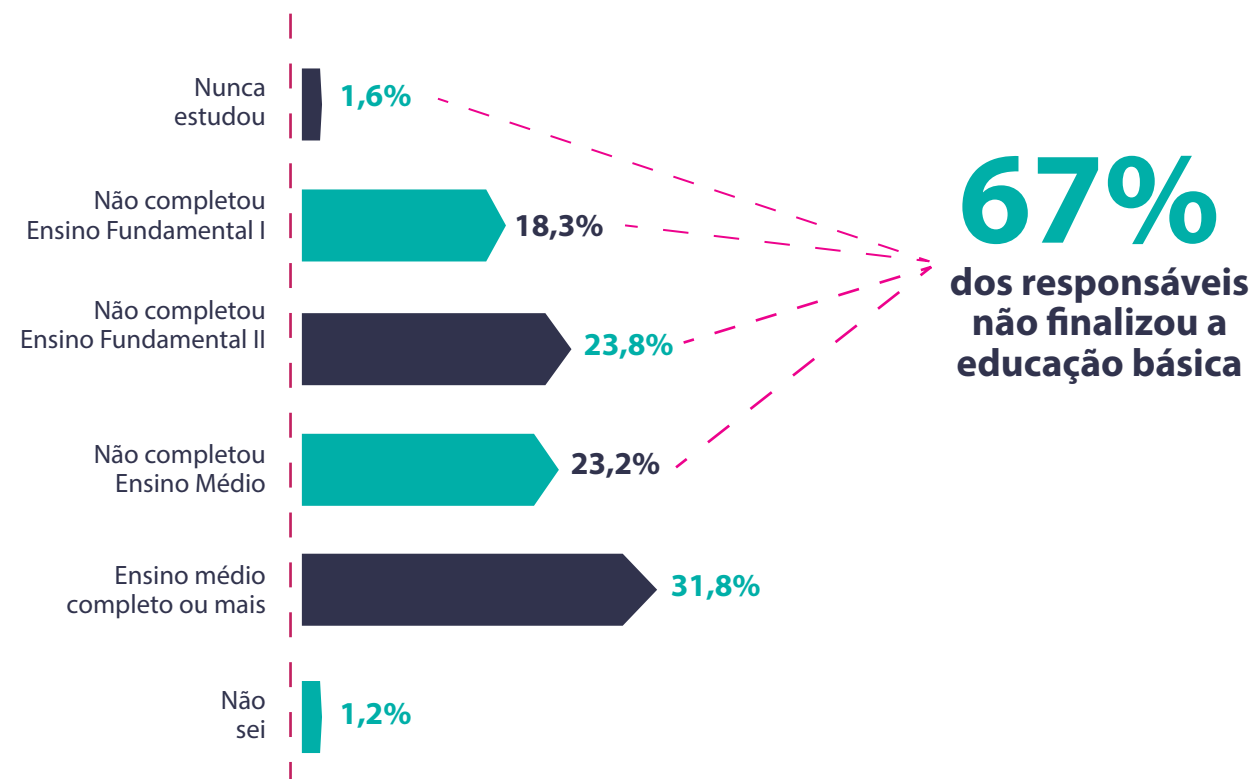
grande parte dos jovens entrevistados já ultrapassaram seus pais em anos de estudo. Veremos adiante o papel fundamental das referências e exemplos para a construção de projetos de futuro destes adolescentes.

Praticamente 90% dos estudantes das classes C, D e E levam menos de 30 mi-

:: A maioria dos entrevistados tem pais com baixa escolaridade – 67% não completaram o Ensino Básico.

Família, escolaridade e emprego

:: Escolaridade dos pais ou responsáveis



P83. Até que série sua mãe, pai ou pessoa responsável por você estudou? (Base: 1.510)

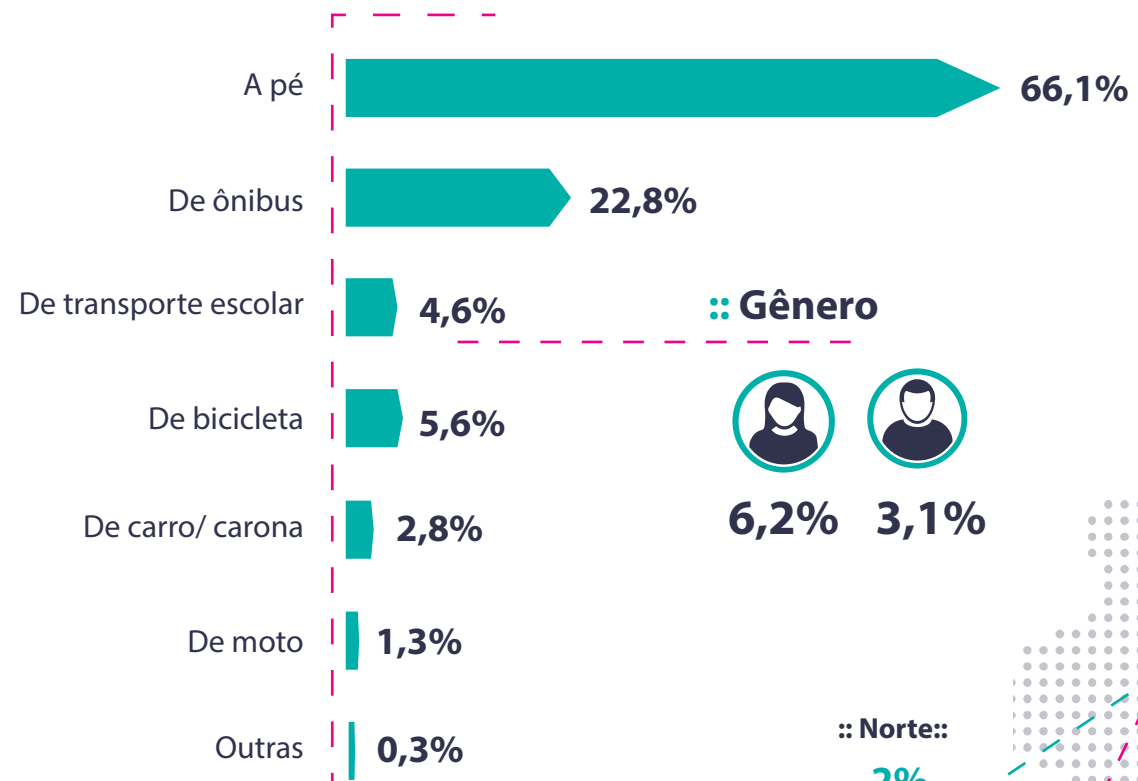
nutos para chegar em suas escolas, com o caminho sendo realizado a pé ou de ônibus. O **transporte escolar é limitado** a 5% dos estudantes, e com muita variação regional: enquanto 2% dos alunos têm acesso nas regiões Norte e Nordeste, o valor chega a 11% dos estudantes na região Sul. A escolha pelo

transporte escolar também é mais comum entre meninas (6% vs. 3% dos meninos). No Centro-Oeste, destaca-se o uso do transporte individual, modal mais utilizado por 15% dos estudantes, abaixo apenas da caminhada (53%) ou ônibus (19%).

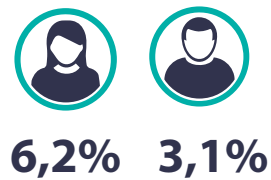
:: O trajeto para as escolas é feito, principalmente, a pé ou de ônibus. Maioria demora até 30 minutos para chegar até a escola.

Escola

:: Como vai para a escola?

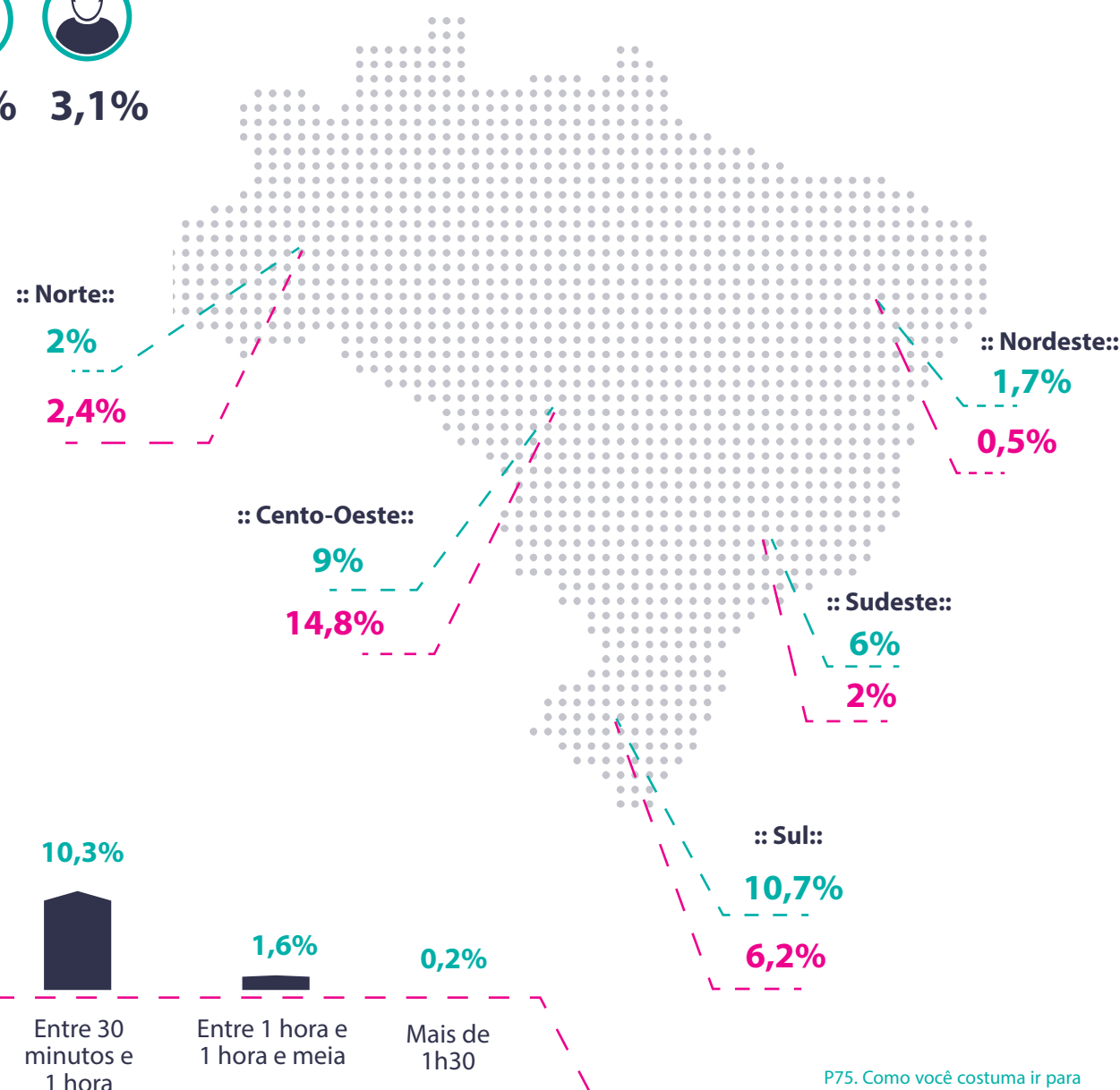


:: Gênero



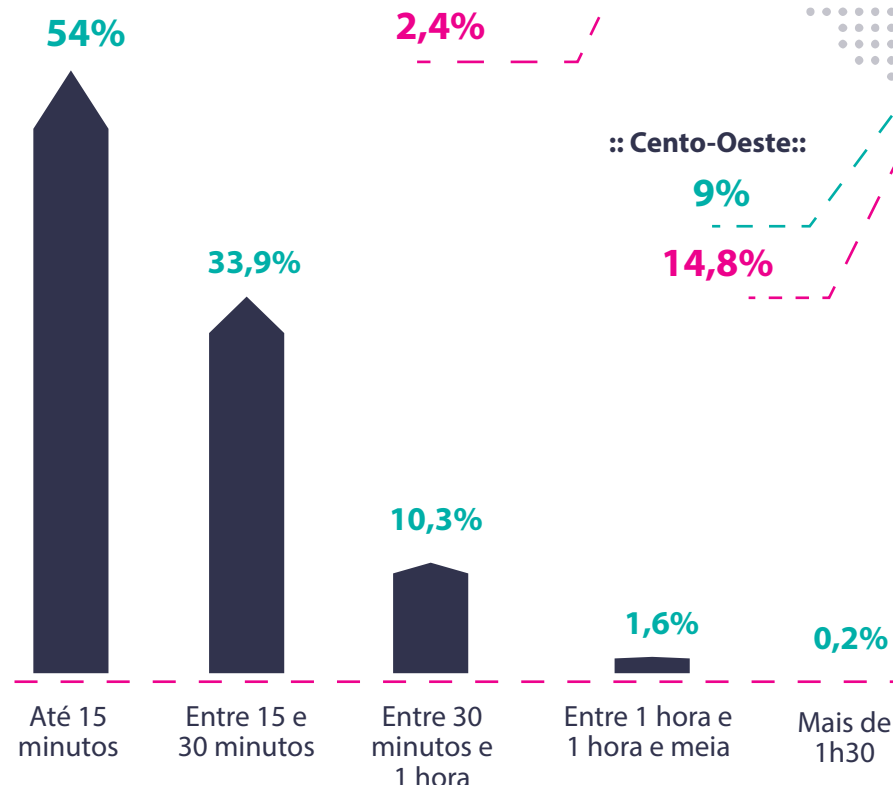
:: Região

- Vai de **transporte escolar**
- Vai de **carro ou carona**



:: Tempo para chegar na escola?

P76. Quanto tempo você demora para chegar na escola, desde o momento em que sai de casa? (Base: 1.510)



P75. Como você costuma ir para a escola? RM (Base: 1.510)

Além de diferenças socioeconômicas, encontramos também diferenças de perfis referentes à formulação de projetos de vida e planos para o futuro.

A segmentação estatística definiu três perfis de jovens C, D e E, que foram denominados: **Autoconfiantes**, **Resignados** e **Desesperançosos**. Esses grupos se diferenciam tanto por **fatores individuais**, psicológicos, como por **dimensões estruturais**, relativas às redes de apoio e possibilidades de planejamento de longo prazo.

Os nomes foram desenvolvidos a partir do diálogo entre os dados quantitativos, análises qualitativas e debates entre os consultores do projeto, e não pretendem esgotar a complexidade causal de formação de perfis comportamentais. No entanto, independente da multiplicidade de causas, a existência de perfis já delimita caminhos diversos para projetos e políticas públicas que visam atender às necessidades desses jovens.

Os Autoconfiantes se caracterizam por terem uma forte rede de apoio e estrutura para ajudá-los a planejar o futuro. Suas expectativas são mais altas e se relacionam à sua formação. **Resignados** demonstram planos de futuro mais relacionados a ganhos materiais. À primeira vista, parecem mais pragmáticos, devido às suas referências e inspirações familiares. Já os **Desesperançosos** demonstram muita dificuldade de pensar o seu futuro. Têm menos referências e sentem falta de apoio para a construção de planos.

Autoconfiante

28%

do total

Objetivos :: Sonham com objetivos relacionados a estudos.

Referências e apoio :: Principalmente família, mas também alta menção a pessoas famosas como referência.

Autoeficácia :: Sentem-se muito capazes de alcançar seus objetivos.

Socioeconômico :: Maioria da classe C, com pais mais escolarizados.

Resignado

31%

do total

Objetivos :: Tem objetivos materiais (trabalho, renda, melhora de vida).

Referências e apoio :: Família, amigos e professores.

Autoeficácia :: Sentem-se muito ou razoavelmente capazes.

Socioeconômico :: Maioria da classe C, com pais pouco escolarizados.

Desesperançoso

33%

do total

Objetivos :: São os que mais dizem não saber quais são seus objetivos.

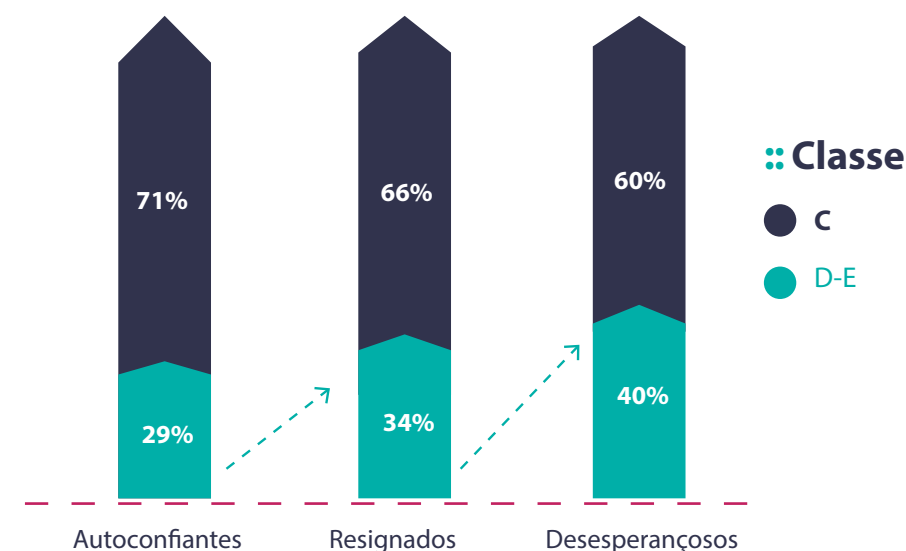
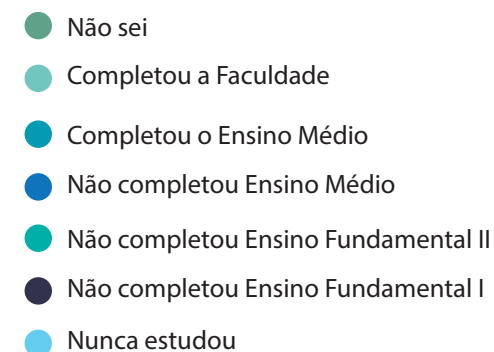
Referências e apoio :: Grande maioria não tem referências ou inspirações para pensar o futuro.

Autoeficácia :: São os que mais se sentem incapazes de alcançar seus objetivos.

Socioeconômico :: Proporção maior das classes D e E, com pais menos escolarizados.

:: Há ainda diferenças socioeconômicas entre os perfis. Perfil Autoconfiante têm pais mais escolarizados e são, majoritariamente, da classe C, diferenciando-se, principalmente, dos Desesperançosos.

:: Escolaridade do responsável



P83. Até que série sua mãe, pai ou pessoa responsável por você estudou? (Base: Puro 1 (Autoconfiante): 201 / Puro 2 (Resignado): 191 / Puro 3 (Desesperançoso): 248)

O mapeamento de perfis relativos à estrutura de referências para a construção de projetos de vida destaca a importância de se pensar a escola e a

educação em geral de forma mais heterogênea. Veremos a seguir como cada um desses perfis constrói seus projetos e planos de futuro.

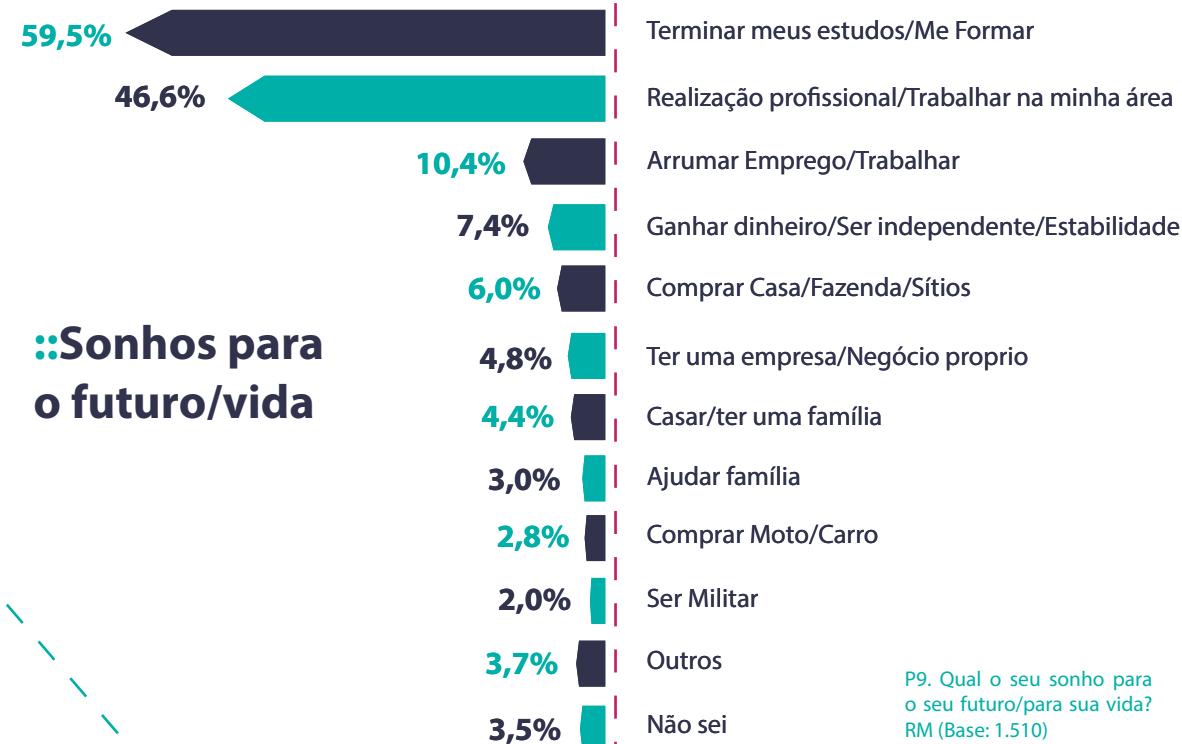
_01 projeto de vida

O conceito de “projeto de vida” é distante da realidade de grande parte do nosso público. Para mapear a construção de um plano de futuro, nossa estratégia foi traçar perguntas sobre o que é valorizado pelos jovens, quais as suas inspirações, onde ele imagina que vai chegar, entre outros pontos. O que eles fazem hoje? O que gostariam de fazer de diferente? O que gostam e não gostam? Quais as suas ambições e quem os apoia nessas ambições?

1.1 referências e objetivos

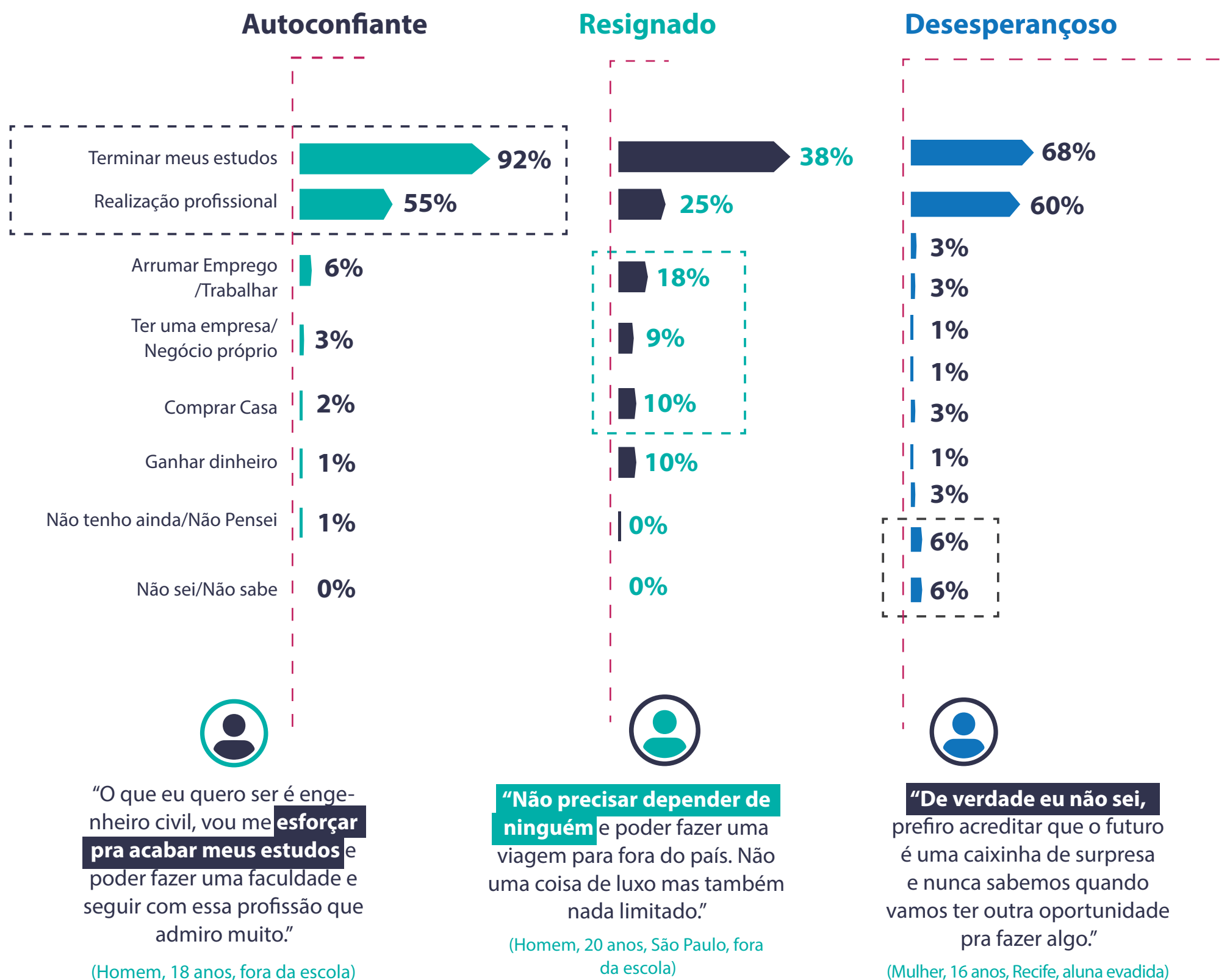
Os jovens da base da pirâmide demonstram desafios quando estimulados a planejar o futuro. A escola é entendida como um fato e não como parte de uma trajetória educacional que trará frutos no longo prazo. Ainda assim, **“me formar” aparece como o principal sonho dos adolescentes das classes C, D e E.** Em seguida, mencionam a realização profissional em uma área que gostem. Destacamos aqui uma primeira percepção de uma possível negação de direitos dos jovens que frequentam a escola pública. Ao colocar a conclusão do ensino como um sonho, eles demonstram

quanto está no seu horizonte a possibilidade de não terminarem a educação básica. Mesmo entre os mais velhos (17 a 19 anos), a conclusão dos estudos é o sonho principal para mais da metade. A realização profissional destes é o sonho em 37% dos casos, muito abaixo da média de 47% – o que aponta para uma possível resignação sobre expectativas futuras ao chegar ao final do Ensino Médio. Os maiores de 17 anos mencionam com maior frequência sonhos mais materiais, como “conseguir um emprego” (13%) ou “ter estabilidade financeira” (9%).



P9. Qual o seu sonho para o seu futuro/para sua vida? RM (Base: 1.510)

:: Sonhos para o futuro/vida



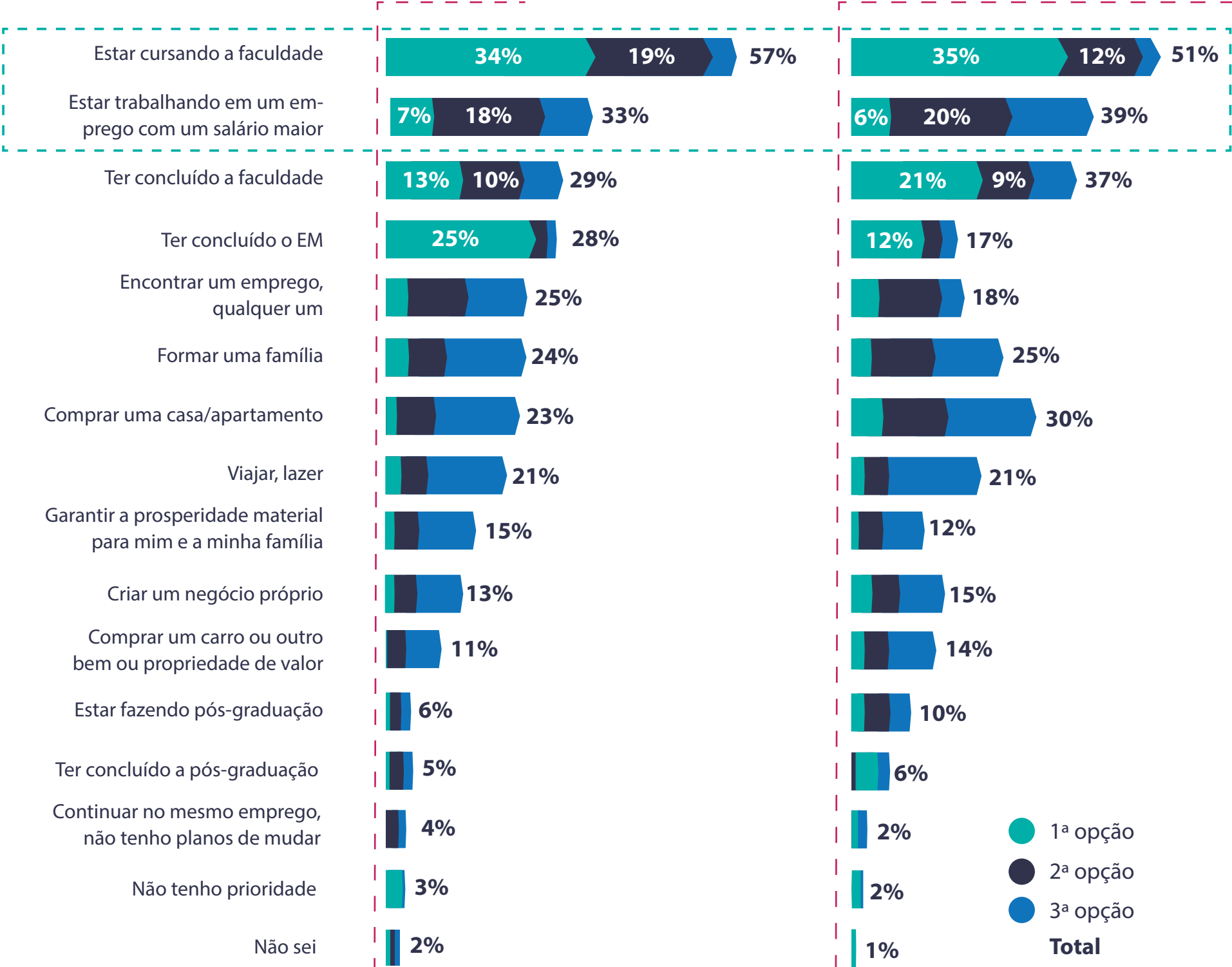
Mas as diferenças socioeconômicas respondem apenas em parte para como os adolescentes constroem suas projeções de futuro, expressas nesse "sonho" que pedimos para que descrevessem. Quando analisamos cada um dos perfis encontrados na segmentação, encontramos diferenças relevantes nos sonhos futuros. Ainda que "terminar os estudos" e "realização profissional" sejam sempre os mais mencionados, há detalhes que merecem destaque. **Os Autoconfiantes concentram suas respostas na conclusão dos estudos, enquanto sonhos relativos ao trabalho e a bens materiais são mencionados com muito mais frequência entre os Resignados. À primeira vista, os Desesperançosos descrevem sonhos similares aos Autoconfiantes, mas um olhar atento mostra que eles são os únicos a dizer que não tem sonhos, ou que não sabem o que sonhar.**

P9. Qual o seu sonho para o seu futuro/para sua vida? RM (Base: Puro 1 (Autoconfiante): 201/ Puro 2 (Resignado): 191 / Puro 3 (Desesperançoso): 248)

:: Prioridades em 05 anos

Ensino Fundamental

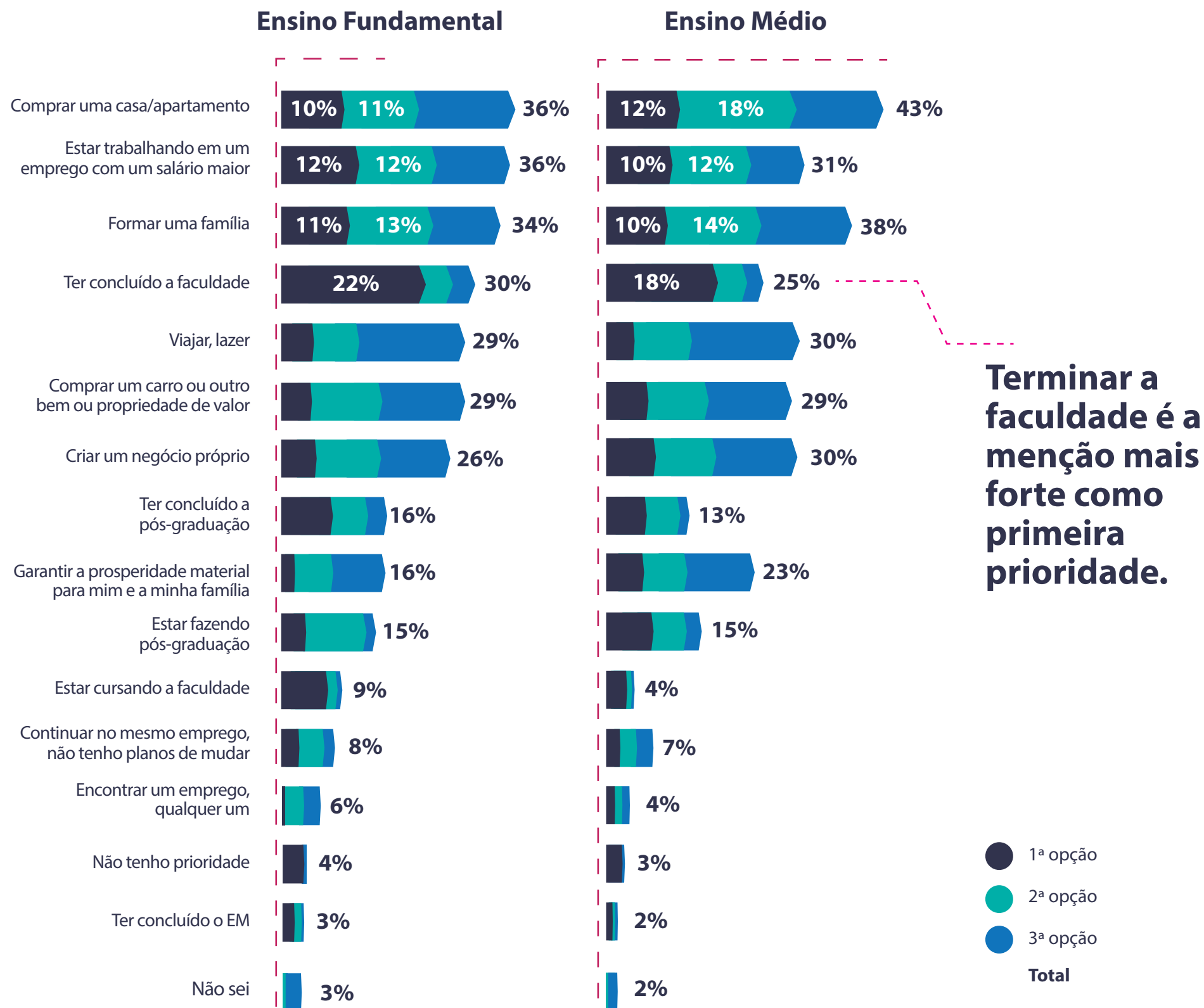
Ensino Médio



Os sonhos ganham outros contornos quando os jovens são incentivados a pensar em prazos específicos. Para os próximos 5 anos, há um destaque maior para o que parece ser, para a maioria dos jovens, um futuro esperado: estar cursando ou concluído a universidade. Esse desejo é similar entre adolescentes do Ensino Fundamental ou Médio. Em um prazo maior, de 10 anos, a principal prioridade de todos é, mais uma vez, terminar a faculdade. Entre aqueles que já cursam o Ensino Médio, essa prioridade perde força em relação a outras mais relativas à uma vida pós formatura: família, casa própria e emprego com bom salário.

P11. Entre essas opções, qual seria uma prioridade para daqui a 5 anos (curto prazo)? . (Base: 1.510)

:: Prioridades em 10 anos



Após perguntar de maneira espontânea sobre os sonhos e depois sobre prioridades de médio e longo prazo, estimulamos a escolha de profissões entre os jovens. Aqui aparecem novas diferenças relevantes entre os perfis Autoconfiante, Resignado e Desesperançoso.

Os Resignados se destacam pela menção a ter um negócio próprio ou por "estar trabalhando em uma empresa", ou seja, é o grupo focado em um futuro que garanta renda. Os Desesperançosos e Autoconfiantes mencionam níveis similares de profissões tradicionais. O que diferencia os Desesperançosos é o monopólio das menções a profissões de menor qualificação, que não exigem ensino superior.

P12. Entre essas opções, qual seria uma prioridade para daqui a 10 anos (longo prazo)? (Base: 1.510)

Essa capacidade de sonhar o futuro pode ser lida como um traço psicológico de cada adolescente da base da pirâmide. **Há evidências, no entanto, de que o “viver aqui e agora” é uma construção a partir de estruturas sociais, relativas tanto à escolaridade dos pais, ao dinamismo das redes de relações nas quais o jovem está inserido e à sensação de urgência que marca o cotidiano das famílias de menor renda.** Em seu estudo sobre a “ralé” brasileira, o sociólogo Jessé de Souza aponta para o desafio de desenvolver um “pensamento prospectivo” em um ambiente de limitação de renda e poucos exemplos⁸. Com isso em mente, nossas entrevistas das etapas qualitativas tiveram um enfoque especial no entendimento de quais são os exemplos e referências desse público.

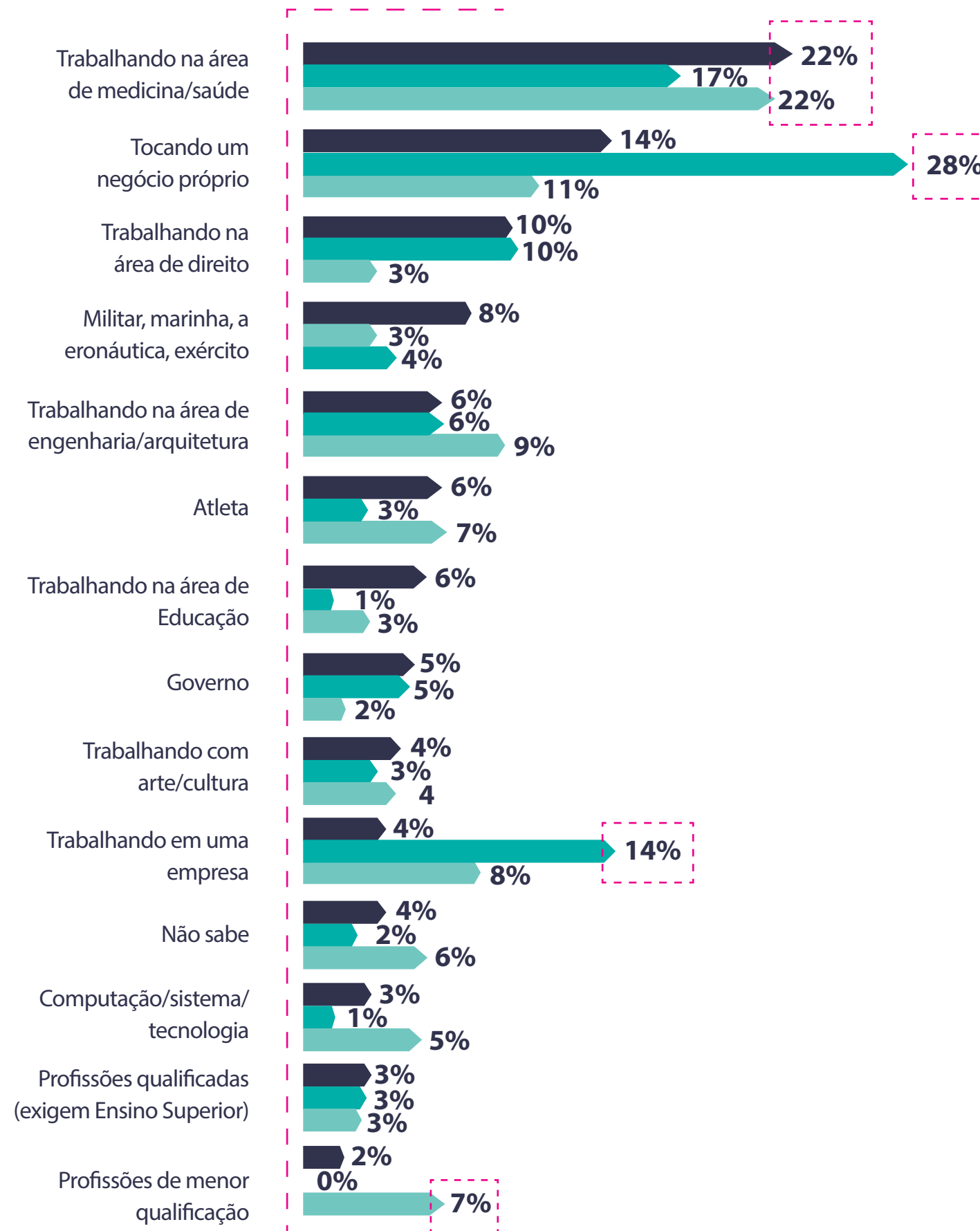
Os dados apontam para quatro grandes grupos de referências e inspirações dos jovens: familiares, famosos, professores e “ninguém”.

⁸ SOUZA, Jessé (2009). A ralé brasileira: quem é e como vive. Colaboração de André Grillo et al. Belo Horizonte: Editora da UFMG.

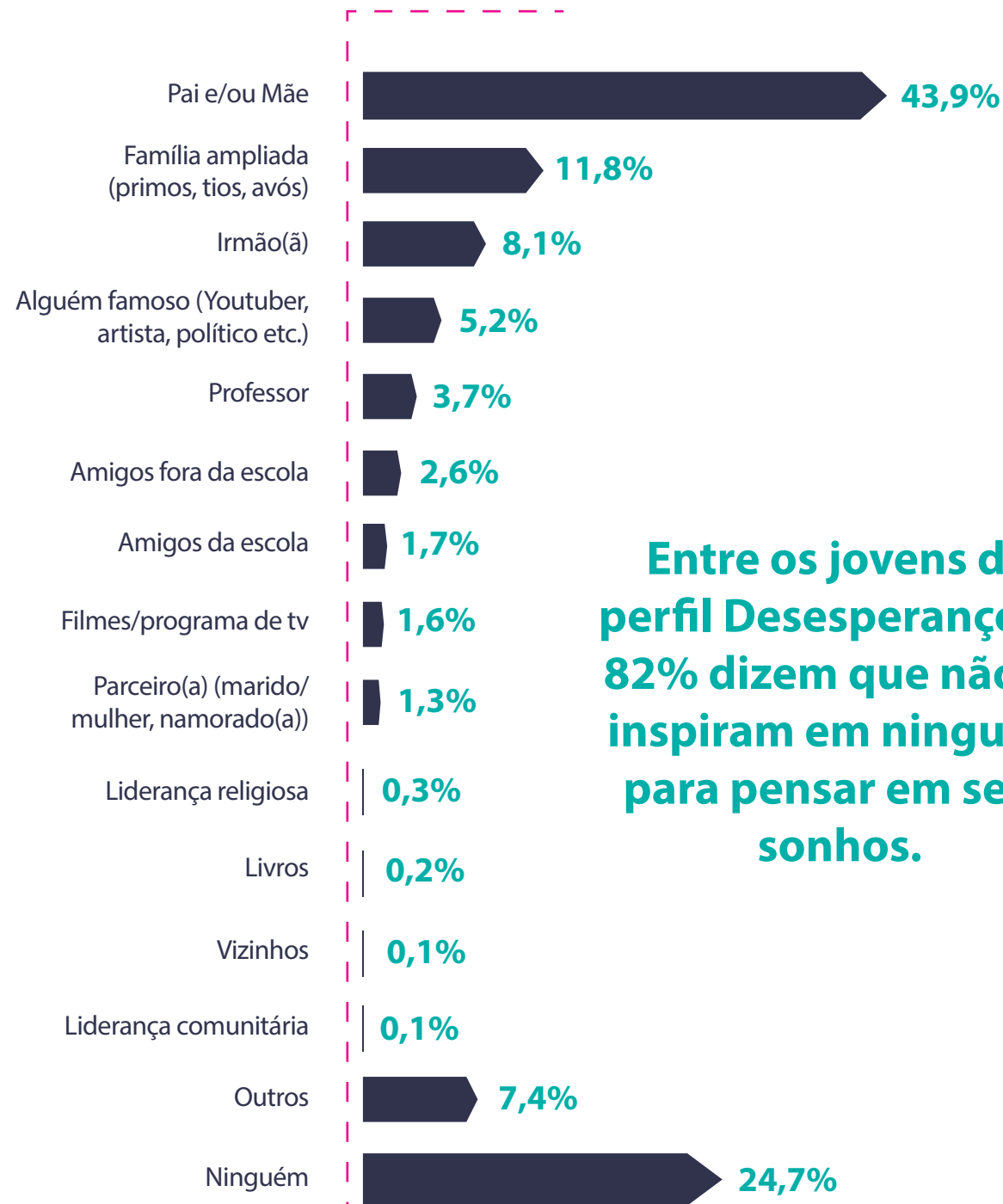
- Autoconfiantes
- Resignados
- Desesperançosos

P17. Em que profissão/ocupação você gostaria de estar em 10 anos? (Base: Puro 1: 201 / Puro 2: 191 / Puro 3: 248)

:: Escolha profissional



:: Quem inspirou



Entre os jovens do perfil Desesperançoso, 82% dizem que não se inspiram em ninguém para pensar em seus sonhos.

P9. Qual o seu sonho para o seu futuro/para sua vida? RM (Base: 1.510) P10. Quem é a sua inspiração para pensar nesse sonho? (Base: 1.510)

Em primeiro lugar, esses três grupos aparecem com frequências muito diferentes. **Os pais e a família estendida são referências muito mais comuns para todos os jovens.** São ainda mais mencionados entre os jovens de classe C, indicando uma relação entre as condições econômicas da família e a construção de referências para o futuro. Quando perguntados sobre o que torna essas pessoas inspiradoras, os atributos desse público são relativos ao esforço e à dedicação. **A imagem do batalhador é a que caracteriza a inspiração dentro da família.** Esse batalhador é acompanhado de afeto: quando nossos entrevistados enviavam fotos para exemplificar o significado do exemplo de um familiar, eles davam especial atenção a imagens de abraços, carinho, momentos especiais.

O esforço valorizado vem em duas dimensões: o trabalho que permitiu a sobrevivência financeira da família e o esforço de cuidar:

"minha mãe que fez e ainda faz tudo por nós." (Homem, 22 anos, fora da escola, SP)

O segundo grupo de inspirações mais mencionado é o de famosos e conhecidos. **A imagem associada às inspirações nesse perfil foi uma combinação de humildade e superação.** Focando na primeira, destaca-se a busca por alguém de destaque com quem o jovem possa se identificar. Os atributos valorizados são acompanhados de descrições sobre como, ao alcançarem o sucesso, esses indivíduos inspiradores se mantiveram com **"os pés no chão", ou "não esqueceram quem eram".**

“Apesar dele (Carlinhos Maia) ser rico, ele não deixou o dinheiro subir pra cabeça, ele continua sendo a mesma pessoa de antes.”
(Mulher, 17 anos, fora da escola, Recife)



Essa identificação ocorre em uma dimensão externa à humildade e valorização do lugar de onde vieram. Entre os entrevistados negros, artistas que assumem um papel de liderança, representatividade e orgulho foram destacados.

Em relação à imagem de otimismo e superação, outro atributo é destacado: a capacidade de sair de situações difíceis. Muitas cantoras citadas entre os exemplos de personagens inspirado-

ras foram mencionadas pelo teor das letras de suas canções, sobre vencer momentos de dificuldade.

Há aqui um elemento que será norteador de muitos dos desafios tratados pelo público da pesquisa. **A busca por apoio em dificuldades pessoais foi citada ao longo de todo o estudo, inclusive como um dos fatores a explicar o abandono escolar,** capítulo três.



[Rihanna - história de vida inspiradora, mulher negra, conquistou espaço, usa sua imagem para o bem, levanta verbas através de ONG, tem “discursos inspiradores e representativos”] “A Rihanna fala pela minoria, ela não nasceu no topo, ela construiu a carreira dela desde o “0” e com o crescimento dela nesse mundo dos famosos, tudo o que um dia ela já viveu pode ser representado. As pessoas pobres na qual ela ajuda, os projetos sociais que ela planeja, ela fazendo coisas junto com a ONU, as milhares de crianças que não teriam uma boa educação se não fosse ela, tudo isso mostra um pouco do que eu quero dizer. EU acho que os discursos que ela faz são inspiradores e representativos por causa disso, nós temos alguém no topo falando por quem está embaixo, ou seja, a minoria. E eu me inspiro nisso, sempre busco evoluir como ser humano através de pessoas assim”.

(Mulher, 14 anos, São Paulo, aluna do 9ºano)



“Mesmo tendo sucesso e dinheiro, Whinderson Nunes nunca perdeu a sua essência e humildade. Por isso ele é uma inspiração pra mim.”
(Homem, 17 anos, fora da escola, SP)

O último grupo de destaque citado como inspiração para o sonho é o de professores. Mesmo que apareça para apenas 4% dos jovens, professores foram mencionados de forma espontânea em muitas das conversas da etapa qualitativa. **Eles trouxeram um outro elemento de inspiração, mais próximo da forma de descrição dos familiares: o cuidado. O bom professor, lembrado como uma**

referência para o futuro, é aquele que levava a sério as dificuldades do aluno, é capaz de dar atenção personalizada para cada um e ainda suporte emocional em momentos de dificuldade.

Mesmo quem teve de abandonar os estudos citava professores que haviam dado conselhos, escutado e se esforçado para fazê-los desistir da ideia de sair da escola.

“Ele [Rap Monster, integrante da banda BTS], me ensinou a me amar”. “As músicas dele me inspiram a ser uma pessoa melhor, e me esforçar também em algo, o Rap Monster sempre fala frases em questão de se amar e também as músicas me inspiram, antes eu era uma garota bastante triste, mas agora eu melhorei bastante graças às músicas e o que o grupo em si fala”.

(Mulher, 14 anos, Recife, aluna do 9ºano)



“A música dela [cantora gospel Rayane Vanessa] me inspira muito, fala palavras fortes, palavras maravilhosas que eu fico surpreendida”

(Mulher, 15 anos, Recife, aluna do 9ºano)



As músicas dela [cantora gospel Priscila Alcântara] me fazem enxergar gratidão até mesmo em tempos difíceis, e me motivam a ser melhor!”

(Mulher, 17 anos, 3º EM, SP)

1.2 futuro profissional

Quando falam sobre o futuro de forma genérica, os jovens mencionam referências diversas, inspiração em familiares batalhadores, famosos que superaram desafios sem perder a humildade e professores que souberam acolhê-los em momentos de dificuldade. **No entanto, ao direcionar a conversa para o futuro profissional, há maior dificuldade de mencionar inspirações e desejos.**

A escolha de carreira indica a situação de vida atual dos estudantes, em relação à sua estrutura familiar, rede de apoio e de como eles se sentem responsáveis por gerar renda para a família.

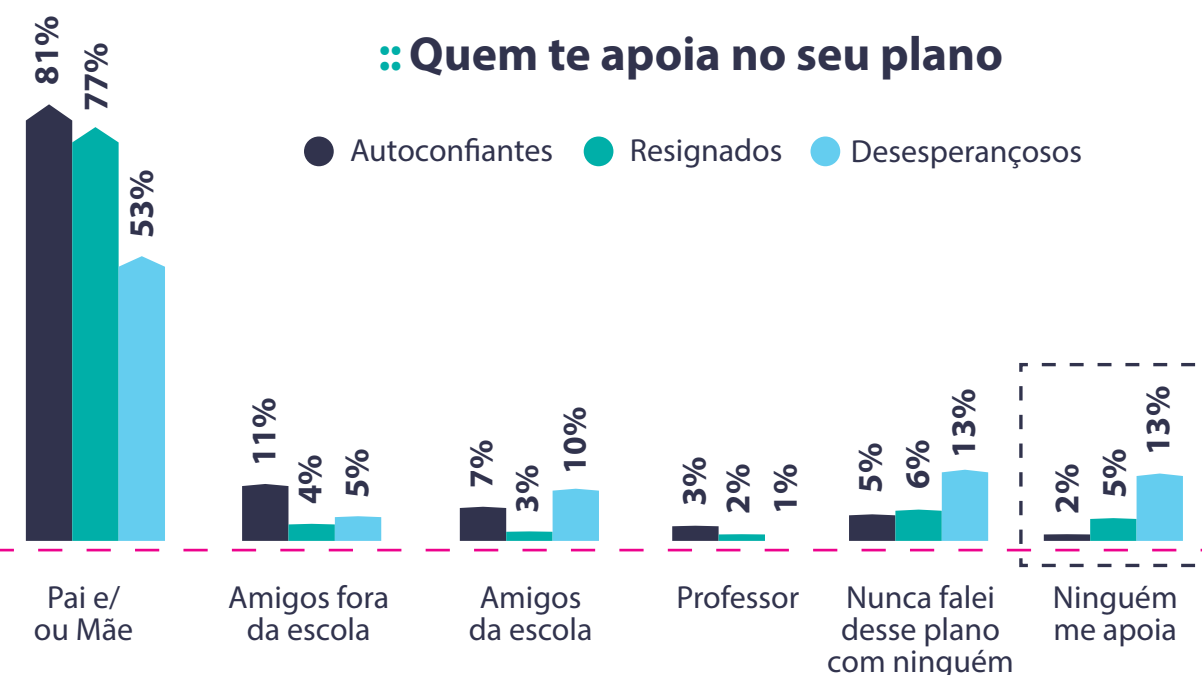
Os jovens enxergam nos pais uma fonte de apoio para seus planos profissionais. Amigos dentro e fora da escola também são mencionados. Professores quase não são mencionados como fonte de apoio.

Destaca-se, mais uma vez, a posição isolada daquele adolescente Desesperançoso. Proporção relevante deles dizem não terem conversado com ninguém sobre os planos do futuro – lembrando que é o perfil com mais menções de trabalhos de baixa qualificação. E 13% dizem não ter o apoio de ninguém nesse plano. O futuro profissional deles tampouco teve alguém como fonte de inspiração.

P16. Alguém te apoia neste plano? (Só entre aqueles que apontaram uma prioridade) (Base: Puro 1: 201/ Puro 2: 191 / Puro 3: 248)

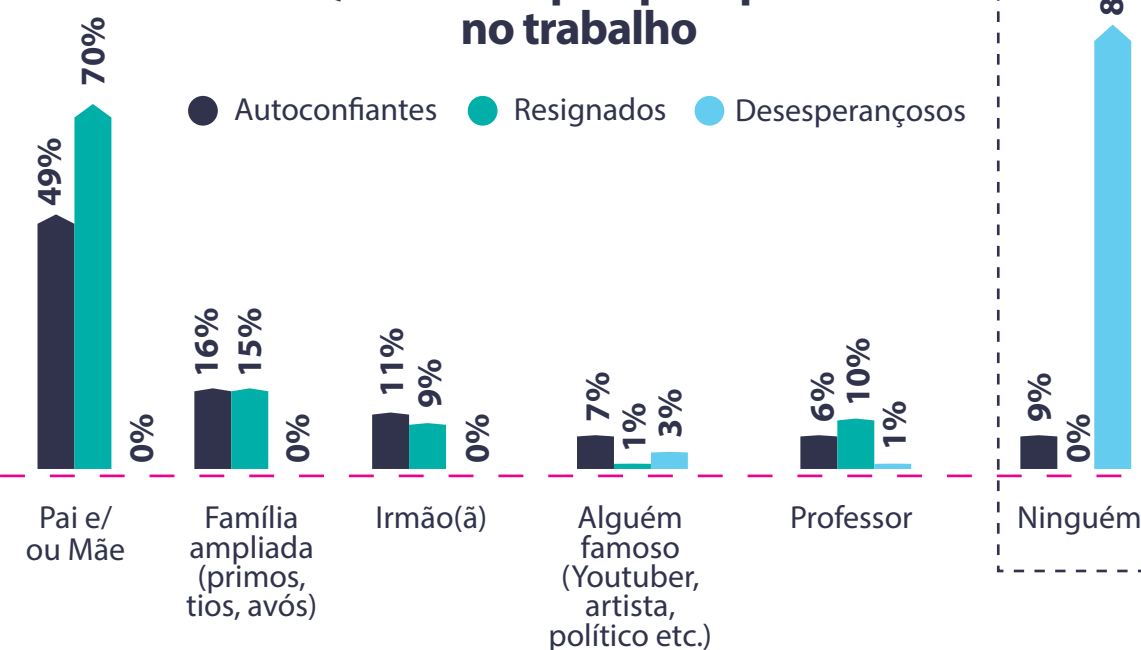
:: Quem te apoia no seu plano

● Autoconfiantes ● Resignados ● Desesperançosos



:: Quem te inspira para pensar no trabalho

● Autoconfiantes ● Resignados ● Desesperançosos



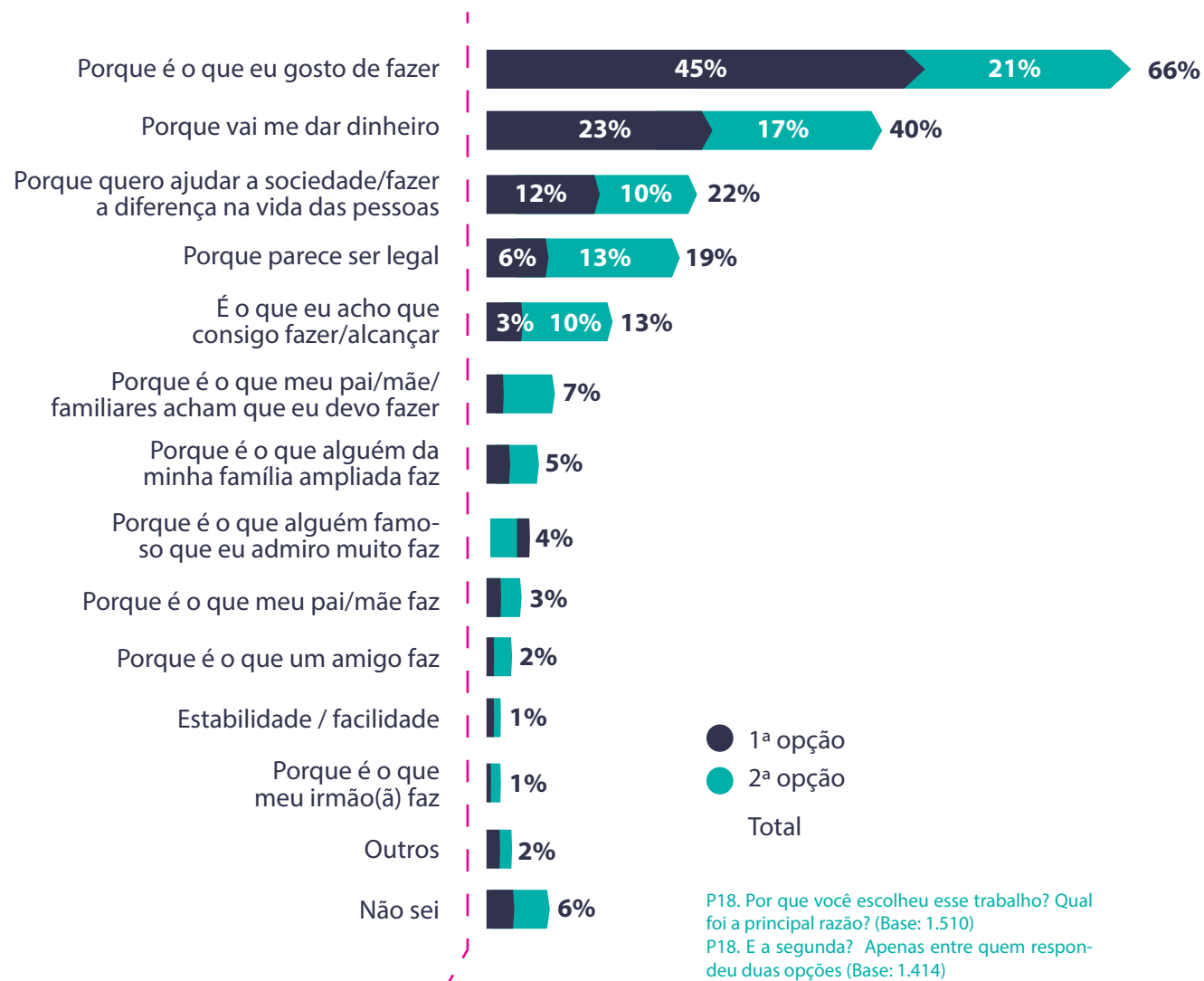
P19. Quem te inspirou a pensar neste trabalho? (Base: Puro 1: 201/ Puro 2: 191 / Puro 3: 248)

Nos demais perfis, a família é uma fonte de inspiração importante, mas em proporções diferentes. Para os Resignados, os pais são um apoio e uma referência profissional. **Já os Autoconfiantes, que costumam ter sonhos mais relacionados a conquistas educacionais, têm o**

apoio dos pais, mas em menor grau os enxergam como um modelo a ser seguido. A ausência dos pais do campo de inspirações fica mais latente quando perguntados sobre as motivações para escolher uma profissão. Menos de 10% citam o desejo ou o exemplo dos pais.

:: O principal motivo para escolha da profissão é o desejo de trabalhar com o que gostam. Quase não há menção à família como motivação, apesar de serem a principal fonte de inspiração e apoio.

:: Motivações



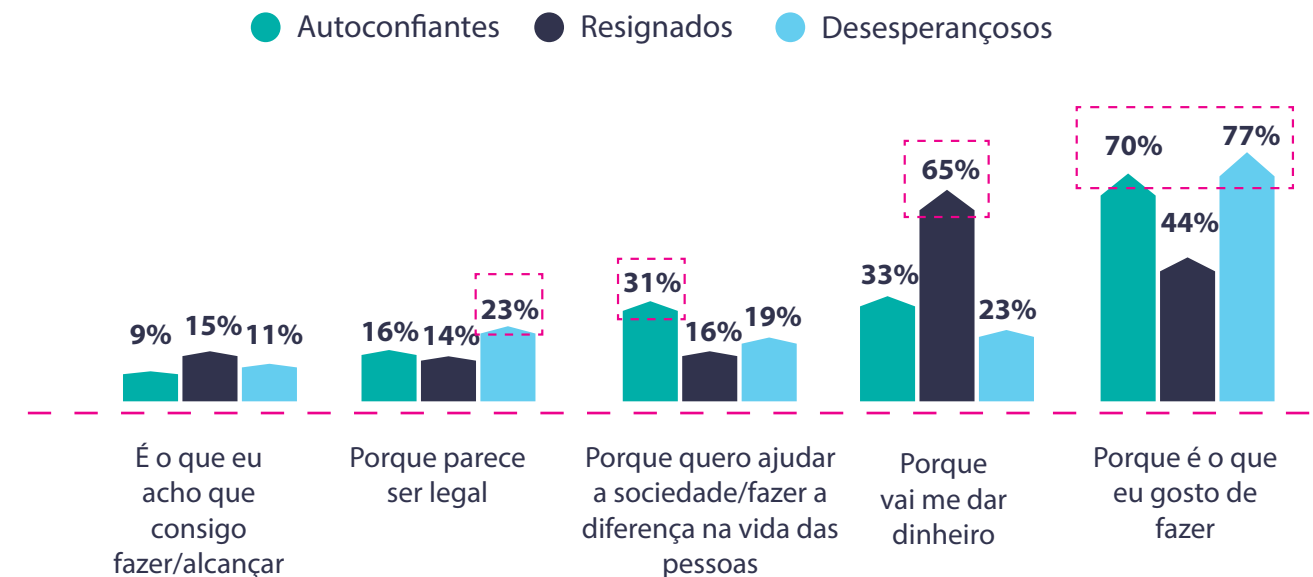
Duas outras motivações chamam atenção: “fazer o que gosto” e “fazer o que vai me dar dinheiro”. Como esperado, um perfil, Resignado, concentra a maior parte das respostas referentes às necessidades materiais. O gostar, dividido entre os dois outros perfis, pode ter significados distintos, a depender se o jovem sabe o que gosta, ou consegue imaginar o que isso significa.

Os Autoconfiantes se motivam a escolher uma profissão por um mix de ser o que gostam, possibilidade de ganhos financeiros e um nível relevante de “ajudar a sociedade” (31%). Já os Desesperançosos dividem suas respostas, após o “gostar” genérico, em ganhos financeiros e ser algo que “parece le-

gal” – também genérico. Em um dos exercícios realizados no WhatsApp, pedíamos para os jovens recriarem um meme famoso em redes sociais. Buscando fotos na internet, eles deveriam completar um quadro com “Como meus pais gostariam que fosse meu futuro”, “como eu gostaria” e “como eu acho que vai ser”. Inúmeras respostas seguiram o exemplo abaixo. O jovem imagina que o desejo dos pais é simplesmente a formatura. Eles gostariam de “trabalhar com algo que eu gosto”, e, incentivados a imaginar como realmente será, sentem dificuldade de exemplificar.

É notável a diferença de como esse exercício foi respondido por um jovem que seria classificado no perfil Resignado.

:: Motivações



P18. Por que você escolheu esse trabalho? Qual foi a principal razão? (Base: Puro 1 (Autoconfiante): 201 / Puro 2 (Resignado): 191 / Puro 3 (Desesperançosos): 248) P18. E a segunda? Apenas entre quem respondeu duas opções (Base: Puro 1 (Autoconfiante): 201 / Puro 2 (Resignado): 191 / Puro 3 (Desesperançosos): 248)

:: Para o Perfil Desesperançoso, mesmo “trabalhar com o que gosta” pode ser algo genérico e pouco concreto. Não sabem muito bem o que querem, logo, nem o que planejar.

Expectativa para o futuro

Como seus pais gostariam que fosse



Os pais gostariam de vê-lo formado

Como você gostaria que fosse



“E como realmente vai ser eu não sei, mas espero que seja tudo do jeito que planejo”

Como você acha que realmente será



“Gostaria de trabalhar com o que gosto”

(Homem, 17 anos, fora da escola, SP)

:: Imagem de profissões mais tradicionais e “de prestígio” são, muitas vezes, associadas a atributos aspiracionais e distantes da realidade (homem, branco, de terno e gravata).

Expectativa para o futuro

“Meus pais queriam que eu fosse um empresário bem sucedido e de sucesso.”



Como seus pais gostariam que fosse

“Eu gostaria de ser um advogado, ajudar as pessoas em seus direitos.”



Como você gostaria que fosse

“E acho que vou ser barbeiro o resto da vida”



Como você acha que realmente será

(Homem, 20 anos, fora da escola, SP)

Ao contrário do jovem Desesperançoso, ele tem sonhos, e os seus sonhos são compatíveis com o que ele imagina ser os sonhos de seus pais (sua principal referência). No entanto, de maneira pragmática, ou resignada, enxerga um futuro similar ao que vive hoje.

O que esses exercícios de construção dos memes demonstram é a percepção de incapacidade de chegar em seus objetivos de longo prazo.

Os jovens, mesmo quando olham para um futuro melhor, sentem-se limitados

na busca deste objetivo. A sensação de capacidade, mais uma vez, responde aos diferentes perfis. Autoconfiantes são majoritariamente seguros de que alcançarão seus objetivos de longo prazo. Resignados em sua grande maioria sentem-se bastante capazes. E os Desesperançosos concentram a percepção de que não serão bem sucedidos em seus planos – o que mistura uma autopercepção negativa com a falta de clareza de seus planos.

Apesar da importância de analisar os perfis de alunos, e de como esses perfis podem ajudar a formular políticas públicas e projetos de educação mais bem direcionados, há alguns fatores socioeconômicos altamente correlacionados com a sensação de capacidade. Jovens das classes D e E e meninas são, em geral, menos confiantes de que conseguirão alcançar seus sonhos.

Parte da confiança deriva de acessar referências que ajudem a formular

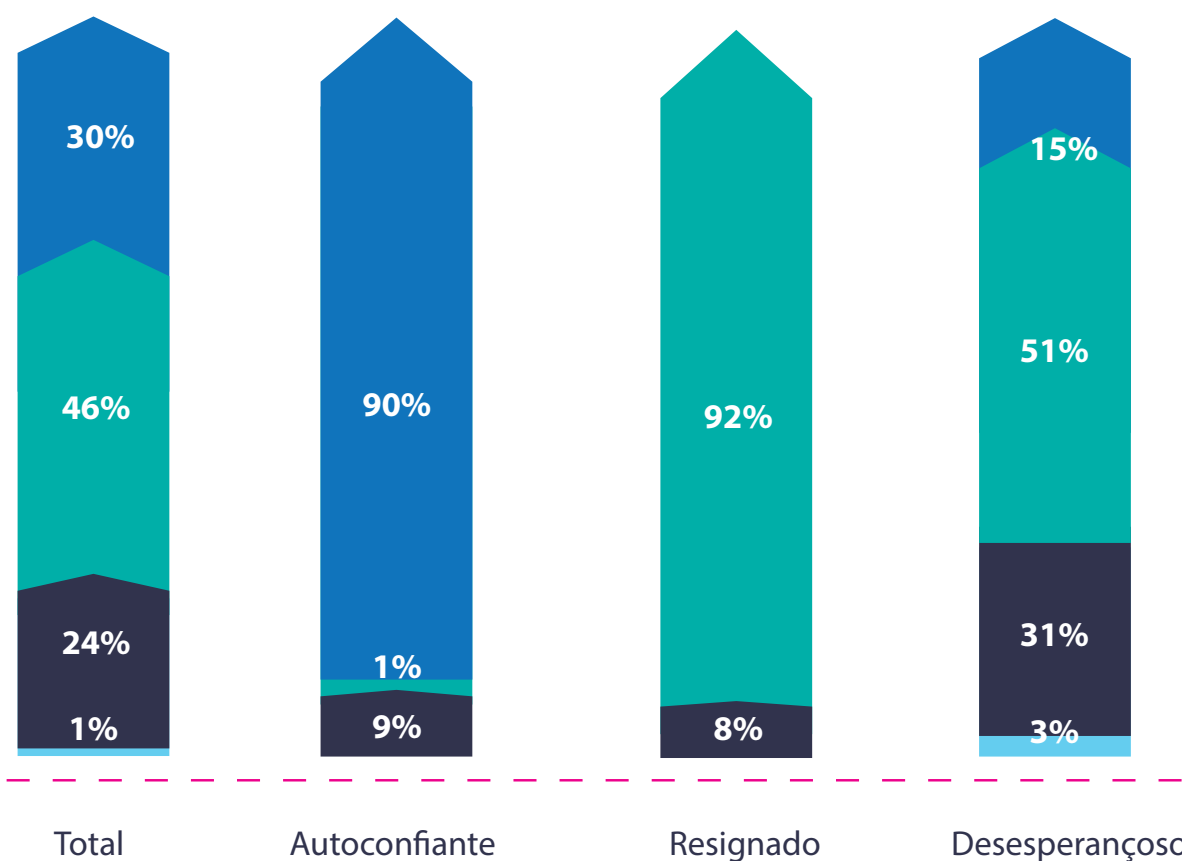
estratégias e caminhos para alcançar objetivos de longo prazo.

É importante ressaltar o papel da família, da escola e de outras relações sociais no apoio na construção de sonhos, objetivos claros e formas de buscá-los.

Os jovens que se sentem sozinhos na construção e inspiração de seus objetivos – aqueles com menos sonhos claros – não constroem estratégias claras para alcançá-los.

Metade dos Desesperançosos nunca pensou nos caminhos para buscar seus objetivos, e quase 70%

:: Como se sentem em relação ao alcance dos objetivos e sonhos



- Totalmente capaz
- Bastante capaz
- Um pouco capaz
- Não me sinto nada capaz

P13. Pensando nessa sua prioridade (número 1) de longo prazo (daqui a 10 anos), o quanto você se considera capaz de alcançá-la? (Só entre aqueles que apontaram uma prioridade) (Base: Total: 1.510 / Puro 1 (Autoconfiante): 201/ Puro 2 (Resignado): 191 / Puro 3 (Desesperançoso): 248)




nunca buscou informações. Os Resignados, que chegam a construir objetivos, ainda que mais simples e concretos, tampouco chegam a desenvolver uma estratégia. Mais de 90% deles nunca buscou informações sobre um plano de futuro.

A situação se inverte entre os Autoconfiantes – o que explica, em parte, porque eles também concentram a percepção de que conseguirão concretizar seus projetos de vida.




Importante ressaltar a inexistência de diferenças significativas para a busca de informações por fatores socioeconômicos. Mesmo a idade dos entrevistados não impacta o nível de resposta para a opção “Tenho clareza do que fazer para chegar lá”. Por outro, a ausência de diferenças realça os desafios da comunidade escolar e de outras políticas públicas relacionadas a preparação dos jovens para o mundo do trabalho em desenvolver planos claros de futuro, uma vez que jovens de 17 a 19 anos têm a mesma (falta de) clareza sobre caminhos que adolescentes de 14 a 16 anos.

Estimulados a definir a principal dificuldade para alcançar seus objetivos de longo prazo, os jovens acima de 17 anos apontam mais frequentemente a falta de orientação (26% vs. 22% entre os mais novos). A sensação de falta de orientação também atinge mais os ne-

:: Você tem um plano para alcançar esse objetivo de longo prazo (daqui a 10 anos)?

	 Autoconfiante	 Resignado	 Desesperançoso
Ainda não pensei em como chegar lá.	11,1%	43,1%	48%
Tenho alguma ideia dos passos que são necessários, mas nunca fui atrás de nenhuma informação.	7,2%	47,5%	26,8%
Tenho alguma ideia dos passos que são necessários e já pesquisei um pouco.	39,9%	6,9%	19,6%
Tenho clareza do que eu tenho que fazer para chegar lá.	41,8%	2,5%	5,6%

:: Para o que a escola mais te prepara?

	 Autoconfiante	 Resignado	 Desesperançoso
Ter um bom emprego	53,2%	56,7%	49,6%
Montar seu próprio negócio	16,7%	24,5%	18,6%
Trabalhar com aquilo que você mais gosta	41,4%	25,6%	36%
Entrar na faculdade	53,8%	64,5%	63,6%
Ser um cidadão que conhece seus direitos	35%	28,4%	32,2%

gros (24% vs. 21% dos demais). De novo, os Desesperançosos concentram as respostas relativas à falta de confiança: 5% deles dizem não terem capacidade de alcançar seus sonhos como sua principal dificuldade. Nos demais perfis, não chega a 1% essa percepção.

De onde vem essa sensação de que falta orientação? Já vimos que os pais são a principal fonte de apoio para os planos dos jovens, com exceção de um dos perfis identificados. Professores aparecem em níveis muito menores, abaixo inclusive de pessoas famosas como inspiração para o futuro. A escola é vista como um caminho obrigatório rumo à universidade, mas não como um espaço de formulação de planos claros sobre o futuro. Uma vez que ela é descrita como parte de um processo educacional, ela perde o sentido para aqueles que não consideram continuar esse processo. Lembremos que o principal sonho dos jovens é terminar os estudos. Algo descrito como sonho não é algo dado. Se o jovem não imagina que necessariamente vai completar os estudos e ingressar em uma universidade, e a escola serviria apenas para isso, por que ele valorizaria sua educação básica?

:: Principal dificuldade?

:: Não acho que vou conseguir

:: Perfil

Autoconfiantes **0,5%**

Resignados **0,8%**

Desesperançosos **4,2%**

:: Falta de orientação

:: Idade

14 a 16 anos **21,9%**

17 a 19 anos **25,9%**

:: Cor

Negros **24,1%**

Não negros **21,1%**

Um quarto dos estudantes de escolas públicas não têm um espaço de debate sobre planos do futuro e projeto de vida em suas escolas.

Outros 30% têm espaços não institucionalizados, oferecidos por iniciativa de algum professor ou coordenador que acolhe os jovens, de acordo com aquelas referências que discutimos no item anterior. 12% têm espaço de discussão sobre o futuro dentro de outra disciplina. O restante tem um espaço específico para essa discussão. Os jovens relatam algumas atividades realizadas em suas escolas, que os apoiaram de alguma forma a definir um plano de futuro. Esses exemplos, pontuais, servem para ilustrar alguns caminhos simples de como a escola pode apoiar as famílias em situação de vulnerabilidade em algo que elas não conseguem entregar de maneira integral aos seus filhos. São, em geral, espaços que se diferenciavam da rotina escolar, com participação dos alunos e relação com temas de seu interesse. Mesmo que pequenos, lançam luz sobre formatos de participação escolar na formação de uma estrutura de apoio ao jovem de baixa renda no seu planejamento de vida.

A importância da escola na vida do jovem vai ser determinada por quanto ela consegue indicar ter um papel relevante em seu futuro.



“Uma vez um grupo de alunos de psicologia da FAFIRE, uma faculdade bem conhecida aqui no Recife, foi fazer uma palestra e foi muito válido pra mim. **Eu estava com bastante dúvida se queria mesmo cursar psicologia e essa palestra me marcou muito! Eles tiraram todas as dúvidas que tinha** e me cativaram ainda mais. Eu acho muito importante a escola trazer esse tipo de público, sabe? **Serve meio que um espelhamento, tipo ‘ah, essa pessoa conseguiu, então eu também consigo!’**”

(Mulher, 17 anos, 3º EM, Recife)



“Na minha escola **esse ano teve algumas palestras, mas a principal foi sobre a consciência negra**, que falava sobre todos devemos ser tratados da mesma forma independente da cor de pele de cada pessoa **e falando muito sobre cultura, a principal para eu pensar no meu futuro foi sobre a consciência negra.**”

(Homem, 17 anos, 3ºEM, SP)



“Eu sempre **gostei de praticar esportes** e a escola sempre tinha o os jogos escolares e as competições de escolas contra escolas que **eu tinha gosto de participar e com isso a escola mostrava um caminho a seguir na vida.**”

(Homem, 17 anos, fora da escola, Recife)

_02 escola e aprendizagem

Esse capítulo visa explorar o que gera engajamento com a escola, quais formatos de aula facilitam o processo de aprendizado e quais obstáculos os jovens enxergam em sua relação com a escola. Abordaremos também as reflexões dos jovens que abandonaram os estudos, ressaltando aspectos pedagógicos e relacionais importantes para a permanência, assim como para o reingresso daqueles que evadiram.

2.1 relação com a escola

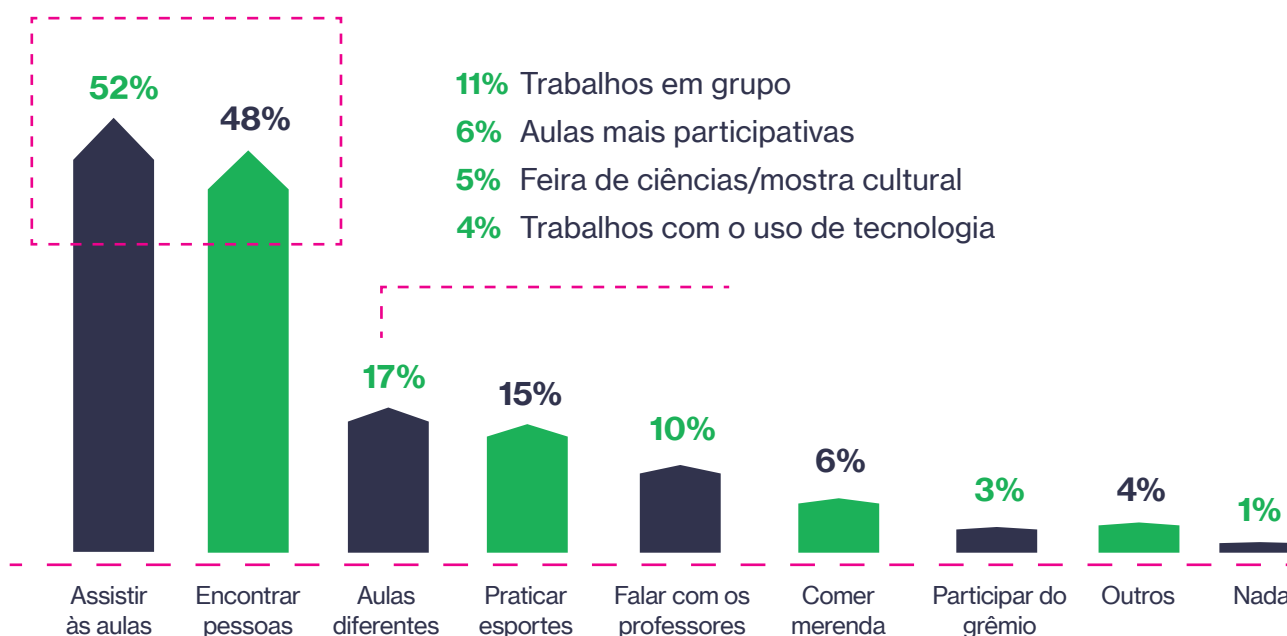
O espaço escolar é um espaço de socialização. Entre as atividades favoritas da escola, estão “ir às aulas” seguido de encontrar os amigos. A atividade de ir à aula pode ser preferida tanto pelo seu

caráter de socialização quanto pelos formatos e conteúdos das aulas, como mostram os 17% que dizem ser as “aulas diferentes” sua atividade preferida.

:: Na escola, assistir às aulas e encontrar pessoas são as atividades favoritas – há menções sobre aulas em formatos diferentes.

Visão sobre a escola

:: O que gostam de fazer na escola

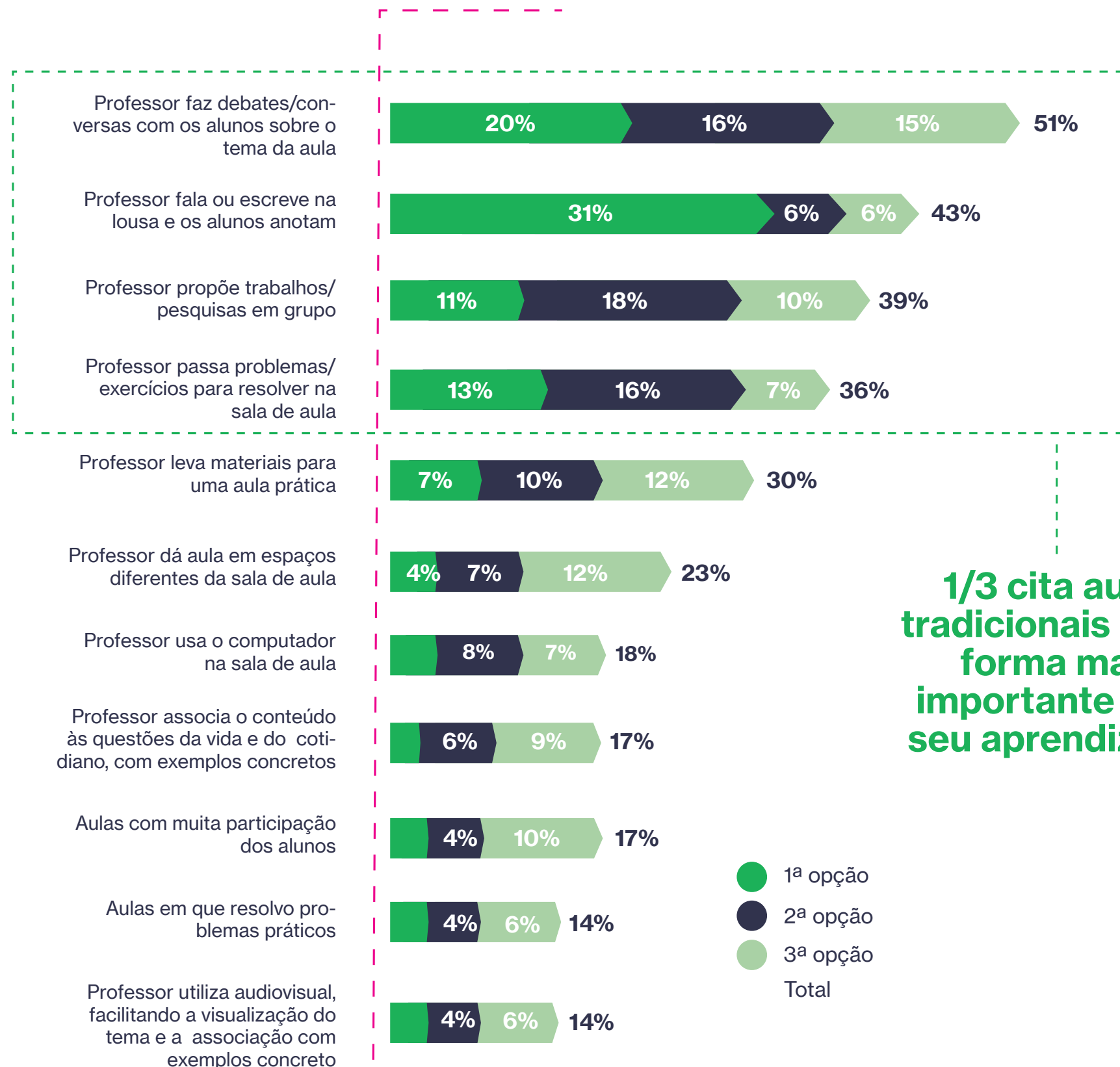


P21. O que você mais gosta de fazer na escola? (Espontânea, RM)(Base: 1.510)

Dado que as aulas são o principal atrativo da escola, os alunos foram estimulados a indicar seu formato de aula ideal para melhorar seu aprendizado. **O formato mais comum, de aulas expositivas, é o indicado como mais importante para o aprendizado por um terço dos estudantes, seguido de debates entre professor e alunos, exercícios em aula e trabalhos em grupo.**

Destaca-se a baixa menção a formatos que tragam conteúdos práticos, aulas em locais diferentes e mesmo o uso de materiais audiovisuais. Algumas razões podem ser apontadas. Em primeiro lugar, vemos uma dificuldade de os jovens imaginarem formatos distintos de aula com os quais ele teve pouco ou nenhum contato. As técnicas pedagógicas ditas mais tradicionais são as mais presentes nas escolas. Além disso, veremos abaixo como os jovens percebem a desorganização e a falta de disciplina como impedimentos para formatos de aula diferentes da expositiva.

:: Formatos de aula mais importantes



1/3 cita aulas tradicionais como forma mais importante para seu aprendizado.

- 1ª opção
- 2ª opção
- 3ª opção
- Total




P27. Agora, você vai escolher os três formatos de aula de toda a lista que são mais importantes/ que mais te ajudam a aprender e dizer aquele que é mais importante em 1º lugar, o segundo mais importante e o terceiro mais importante (Base: 1.510)

A valorização do que os jovens já conhecem é evidenciada no gráfico abaixo, em que os itens considerados mais importantes são sempre aqueles que eles identificam como presentes em suas escolas. Nos grupos de discussão, quando tratamos dos formatos de aula e relacionamento com professores, as formas mais participativas de aula eram valorizadas, mas desafios relacionados à infraestrutura precária, à falta de organização e disciplina e à falta de professores impediam sua boa realização. Em linhas

gerais, que serão tratadas ao longo deste capítulo, os jovens querem ter maior participação, mas não conhecem bem como isso poderia ocorrer.

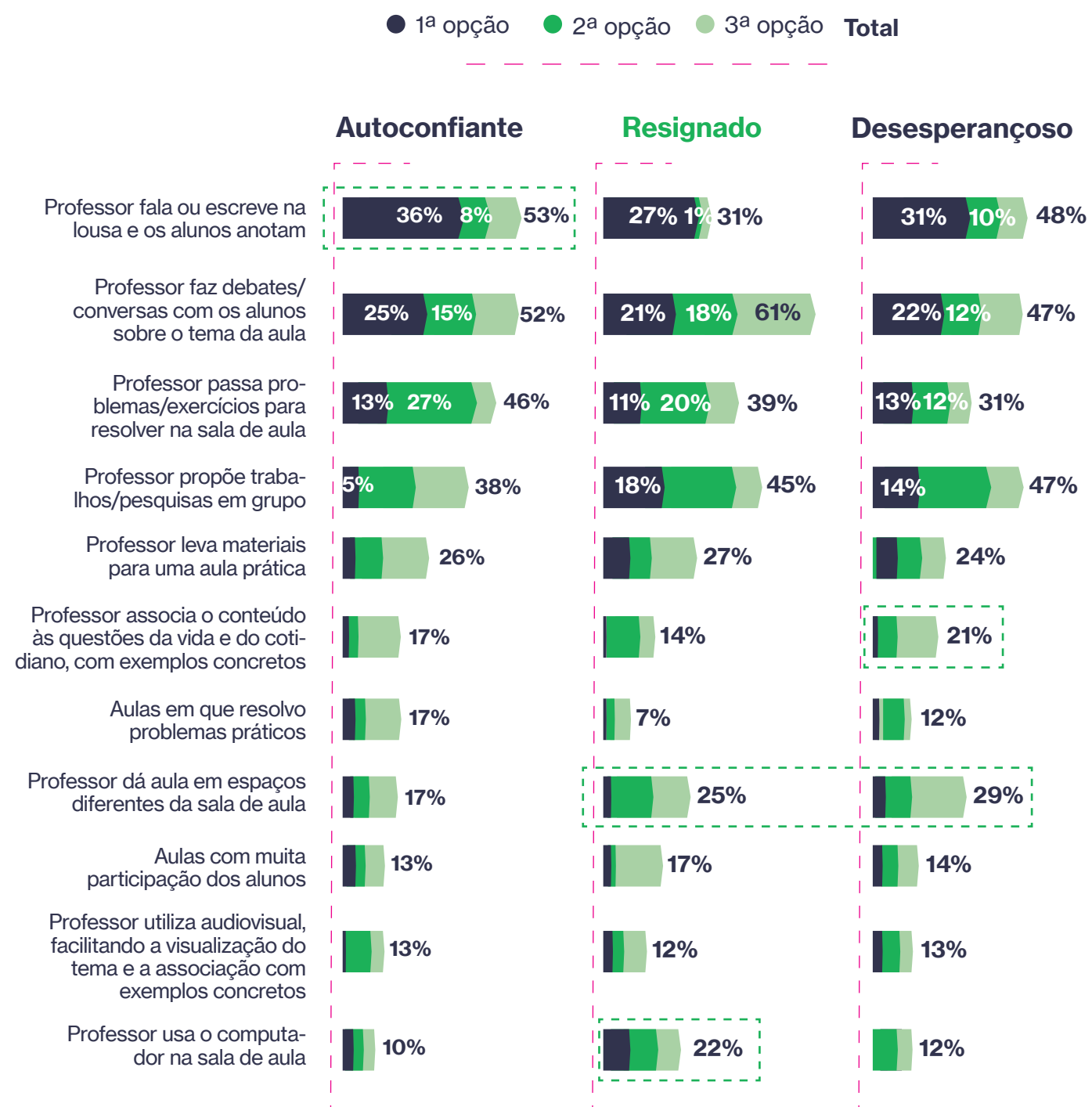
É interessante notar como os três perfis identificados indicam a preferência pela aula expositiva. No entanto, os Resignados e Desesperançosos se diferenciam dos Autoconfiantes na preferência de outros formatos. Há um provável viés de seleção, uma vez que aqueles que melhor julgaram seu desempenho escolar defendem o modelo atual.

Como você considera o seu próprio desempenho em geral na escola?

	 Autoconfiantes	 Resignados	 Desesperançosos
Excelente (vou bem em todas as matérias)	20,9%	10,3%	11,3%
Bom (vou bem em quase todas as matérias)	42,4%	64%	51,3%
Regular (vou bem em algumas, mas mal em outras matérias)	35,4%	24,1%	35,9%
Ruim (não vou bem na maioria das matérias)	1,3%	1,5%	1,5%

Perfil Desesperançoso valoriza formatos diferentes – mostrando falta de identificação com a escola atual. Os Resignados também tendem a valorizar outros formatos

Formatos de aula importantes para aprendizado



P27. Agora, você vai escolher os três formatos de aula de toda a lista que são mais importantes/que mais te ajudam a aprender e dizer aquele que é mais importante em 1º lugar, o segundo mais importante e o terceiro mais importante (Base: Puro 1 (Autoconfiante): 201 / Puro 2 (Resignado): 191 / Puro 3 (Desesperançosos): 248)

⚡ Todos os formatos de aula que os jovens consideram importante têm em sua escola – no geral, formatos tradicionais. Jovens não têm acesso ao uso de audiovisual, computador e aulas em espaços diferentes, mas também não consideram importante.

Formatos de aula



P26. Pensando no formato das suas aulas, me diga que tipos de aula você tem na sua escola. (Base: 1.510)
P27. Agora, você vai escolher os três formatos de aula de toda a lista que são mais importantes/ que mais te ajudam a aprender e dizer aquele que é mais importante em 1º lugar, o segundo mais importante e o terceiro mais importante. (Base: 1.510)

Jovens trazem desinteresse relacionado aos formatos “entediantes” de aula: sempre iguais e que não prendem sua atenção.

“(…) Esse negócio de **ficar só naquilo de escrever escrever e ficar dentro da sala é entediante.**”



(Homem, 16 anos, fora da escola, SP)



Quando o professor não fica só na teoria, **quando tem aulas dinâmicas, a gente interage, faz projetos. Assim fica mais interessante! Agora você só chegar e sentar na carteira e saber que vai ter ficar copiando as coisas da lousa e só não dá nem vontade**”

(Mulher, 17 anos, fora da escola, SP)

Entretanto, a pesquisa qualitativa apontava para pedidos de aulas diferentes das atuais, indicando uma possível contradição. Os jovens, quando descreviam bons exemplos de professores e aulas, destacavam sobretudo atividades práticas e alta participação. A pergunta sobre formatos que poderiam ajudá-los a aprender mais do que hoje aponta para materiais (57%) e formatos (55%) inovadores. Entre os materiais, uso de audiovisual e maior qualidade gráfica dos livros didáticos se destacam. Entre os formatos, a relação com temas cotidianos.

As falas dos entrevistados mostram que não há contradição: quando pensam em formas de aprendizagem, os jovens indicam que há espaço para inovação em sala de aula. As respostas do questionário quantitativo apenas reforçam que esses formatos são pouco conhecidos.

As aulas imaginadas como potenciais para melhorar o aprendizado têm duas grandes características: fogem de um formato “entediante” na percepção dos alunos; e trazem a participação como forma de aumentar a escuta dos alunos.



“Ter professores que chamem mais a nossa atenção. O professor ao invés de só ficar passando texto, teoria, sabe? Não, ele explicava, ele interagia, ele fazia debate entre a minha sala e a outra sala.”

(Mulher, 17 anos, fora da escola, SP)

As atividades práticas, como idas aos laboratórios e dinâmicas em sala de aula e entre salas estimulam os jovens.

Ao pensarem em aulas não entediantes, os entrevistados descrevem dinamismo, conteúdos práticos e uso de materiais diferentes – de forma alinhada ao que vimos nos dados quantitativos. Reforçando o argumento da dificuldade de implantar técnicas que saiam da aula expositiva, estão tentativas mal executadas por professores.

Jovens relataram que a experiência com aulas participativas tem muitos desafios na estrutura atual da escola, destacando problemas com a disciplina, infraestrutura e manejo dos educadores. Contudo, consideram que a participação é essencial. Os entrevistados destacam a necessidade do diálogo em sala de aula acontecer em termos que eles possam se relacionar.

Simultaneamente, ao pedirem essas aulas com maior participação dos alunos, eles indicam uma demanda por espaços para poderem tirar dúvidas e serem escutados sobre suas dificuldades. Há uma mescla entre a vontade, de alguns, de terem espaços de questionamento, e de outros de terem espaços para expor dúvidas sem receio de reprimendas dos professores.

Resumindo, os jovens trazem demandas de aulas diversas, desde tradicionais, mais conhecidas, às mais participativas. **Por trás destas demandas está a sinalização de que querem aulas mais organizadas, maior disciplina dos colegas e acolhimento de dúvidas e inseguranças.**



“Meu professor de história do ano retrasado fazia músicas. E fazia a gente cantar, saudades.”

(Homem, 17 anos, 3º EM, SP)

“Uma aula dinâmica em que todos possam participar e expressar suas dúvidas, poder questionar, ter mais liberdade dentro da sala de aula, expor suas opiniões. Algo que a gente aprenda sem ser aquela coisa de sentado na cadeira livro e cópia.”

(Mulher, 16 anos, fora da escola, SP)

“Uma aula que ‘fale a nossa língua’, sabe? Somos jovens, então geralmente estamos sempre animados e querendo algo que nos acompanhe. Acho que seria interessante: músicas, jograis, brincadeiras. Assim nós aprenderíamos e ainda assim iríamos nos divertir.”

(Homem, 17 anos, 3ºEM, Recife)

“Ter laboratórios de Química, Biologia, seria muito interessante. Só que na escola que eu estudava a gente foi para o laboratório uma vez, e foi para brincar com massinha. Gente de 15, 16 anos brincando com massinha! Não prendeu a nossa atenção em nada.”

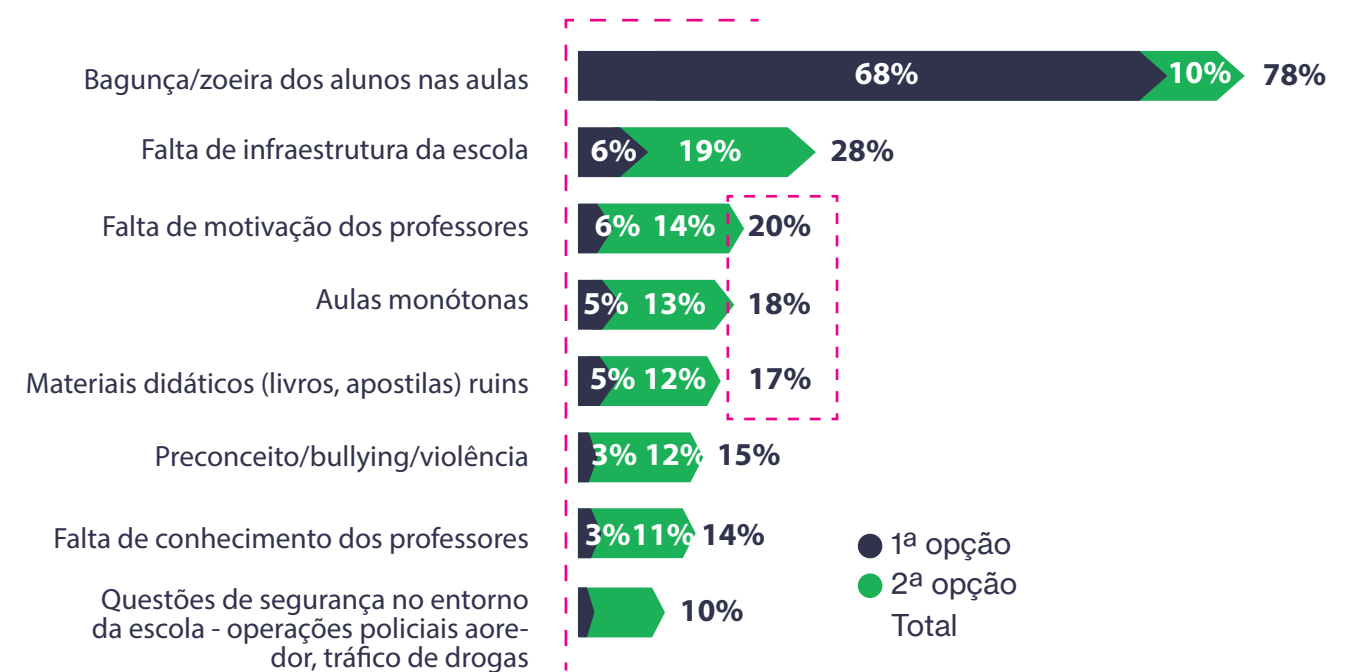
(Mulher, 17 anos, fora da escola, SP)

2.2 formatos de aula e gestão escolar

A combinação dos dados quantitativos e qualitativos mostra o que os jovens querem dizer quando buscam aulas mais “interativas”. Somado ao desejo de maior participação, há uma demanda por escuta pelos professores. As aulas participativas são aquelas, segundo nos-

os entrevistados, em que os professores tiram dúvidas, em que eles não têm vergonha de perguntar e expor dificuldades. Sendo assim, há uma pressão sobre a postura do professor, menos autoritário, e também sobre o clima escolar.

:: Obstáculos ao aprendizado



P31. Quais são as duas situações que mais atrapalham o seu aprendizado na escola? Me diga a principal situação e a segunda mais importante. (Base: 1.510)

Quase 80% dos alunos dizem que a bagunça é sua principal barreira de aprendizado. Questões de infraestrutura, de formatos de aula e postura do professor aparecem em níveis muito menores, e sempre como segunda resposta. **O clima escolar em geral, que inclui a bagunça e conflitos entre professores e alunos, foi mencionado em diversos momentos** das conversas por WhatsApp. O efeito é uma sensação de **mal estar por ir à escola** – o que é um preditor relevante do abandono escolar. A descrição desses conflitos entre professores e alunos foi mais forte entre os jovens fora da escola.

O clima escolar descrito como caótico por nossos entrevistados incentiva a **defesa de uma gestão escolar mais rígida. A busca por maior disciplina é parte de uma demanda por um clima escolar mais pacífico e organizado. Sem boa convivência, não há como a escola oferecer o espaço de acolhimento e escuta que os alunos pedem.** Quando pedidos para descrever a escola ideal por WhatsApp, e comentar nas ideias dos demais entrevistados, o papel da gestão escolar mostrava poucas mudanças em relação ao que os adolescentes já conhecem.

Os conflitos entre os alunos e entre os jovens e professores afetam o clima escolar e sensação de pertencimento à escola.



“Não deveria mudar, eles assim bravos já está bom, eles precisam ser rígidos com alguns alunos”

(Homem, 14 anos, 9º ano, SP)



A diretoria seria para **punir aqueles que não querem nada**, para resolver a situação da escola e para **ver o que está errado e o que está certo**. Os alunos viam ele [diretor] **como um nada. Era pra ele ser mais rígido com os alunos, dar uma palavra e era aquela palavra.**”

(Mulher, 18 anos, fora da escola, Recife)



“**Na minha tinha muito.** Uns alunos bravos querendo ser mais que o professor dentro da sala. É tem sempre algum amostradinho que quer mandar na sala. **Tinha professor que ficava calado, mas outros revidavam com a mesma ignorância.**”

(Homem, 17 anos, fora da escola, Recife)



“**É verdade né, na minha sala tinham uns arranca-rabo de aluno (a) e professor. Quase todos os dias,** principalmente com o professor de matemática. **Era muito feio.**”
(Homem, 17 anos, fora da escola, SP)

“**As salas também eram divididas em grupinhos, então a sala não era unida.** Os professores não separavam os grupinhos. Então tinha muito grupinho de amizade e quem não gostava disso acabava ficando sozinho. **Também foi uma das coisas que eu não estava aguentando mais.**”
(Mulher, 16 anos, fora da escola, SP)

“Outra coisa que **poderia mudar é o jeito que o professor e o aluno se tratam**”
(Homem, 16 anos, fora da escola, SP)

“Exato, **parece que é tradição**”
(Homem, 17 anos, fora da escola, Recife)



“Acredito que toda escola tenha que ter [diretoria]. É fundamental para pôr ordem e regras numa escola”

(Mulher, 18 anos, fora da escola, Recife)

“Que seja legal com os alunos e que ajude eles no que precisarem, mas que não passe a mão na cabeça quando ele estiver errado”

(Mulher, 14 anos, 9º ano, Recife)

“Se um dia eu fosse para a aula, o que teria de diferente seria mais disciplina, teria mais ordem. As aulas seriam as mesmas, **mas seria mais organizado, não seria essa bagunça de ter aula vaga todos os dias**, o ensino seria melhor”

(Homem, fora da escola 16 anos, São Paulo)



As palavras e imagens enviadas indicavam a importância de uma gestão escolar que valorize: ordem, disciplina, respeito, organização e rigidez. Como, então, essa descrição dialoga com a demanda por aulas participativas e escuta?

Ao longo dos painéis de WhatsApp, e nas etnografias com adolescentes, reforçou-se a percepção a escola como um espaço de isolamento e pouco diálogo. Assim

como o professor autoritário, um clima escolar de bagunça e bullying também não deixa espaço para mais diálogo. Há

uma valorização pouco imaginativa dos formatos que os alunos já conhecem (aulas expositivas e direção autoritária) e um pedido para uma escola mais organizada e com melhores espaços de convivência, com menos conflitos entre alunos, e entre alunos e professores, em que haja espaço para tirar dúvidas e pedir ajuda

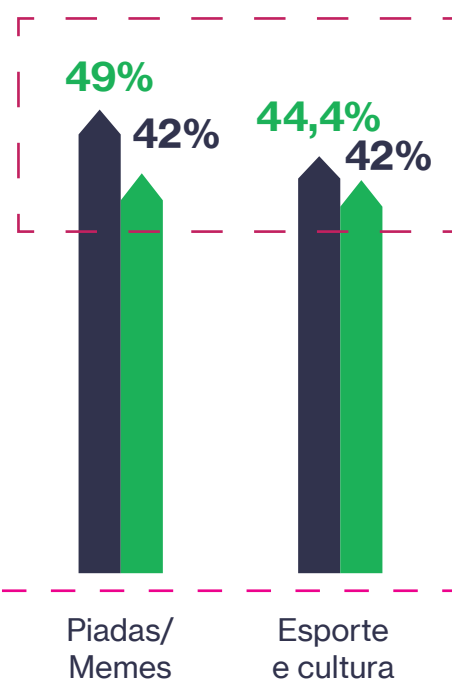
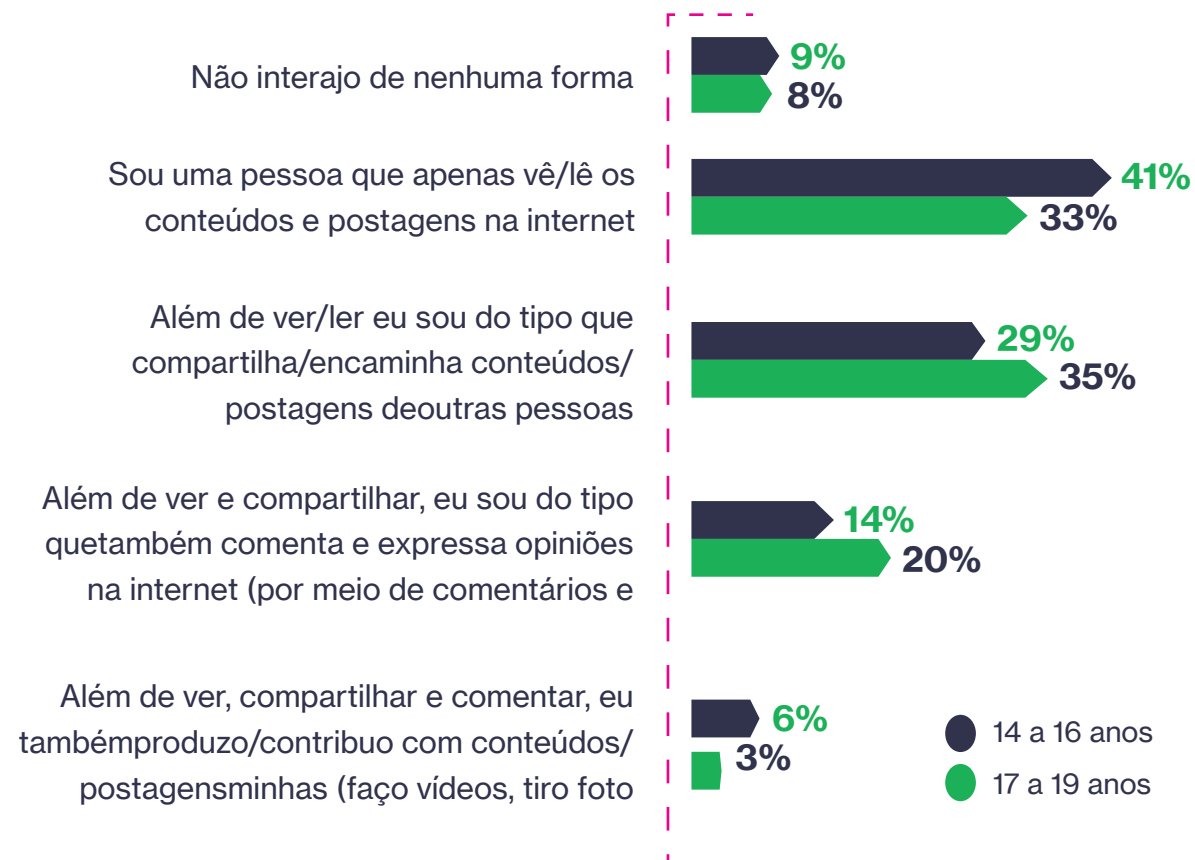
No entanto, para que esses espaços e formatos mais plurais sejam valorizados, é necessário que sejam bem implantados, sob risco de perderem a validade entre os alunos. O que os entrevistados nos dizem é que, sem uma escola funcionando minimamente, não há espaços para outras inovações.

2.3 Internet e Aprendizagem

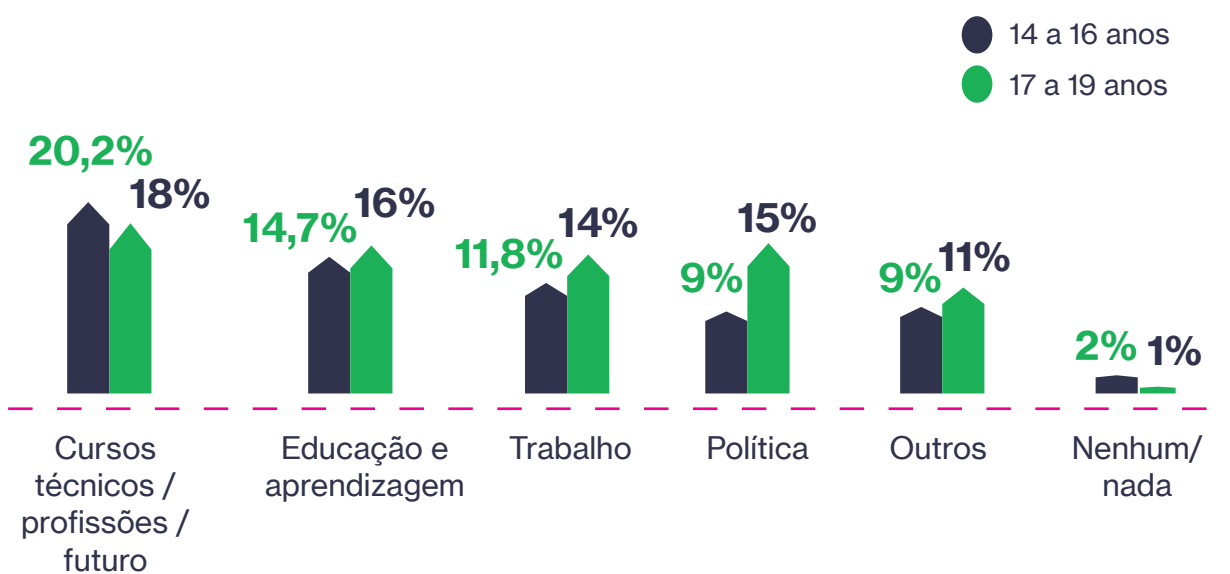
Além de maior organização e de um ambiente menos conflituoso e com maior espaço de escuta e acolhimento, os jovens também discutiram o uso de tecnologias como forma de aprendizado, dentro e fora da escola. **Veremos que a internet é um espaço de recreação com maior frequência que um espaço de aprendizagem:** o uso da internet pelos jovens é principalmente recreativo e a maioria interage pouco nas redes (cerca de 40% apenas vê/lê os conteúdos e postagens na internet), sendo que piadas e memes fazem com que os jovens interajam mais.

As escolas, atualmente, ainda não incentivam um uso direcionado de soluções digitais para a educação, o que é percebido pelos jovens.

:: Interação na Internet



:: Temas que mais fazem interagir



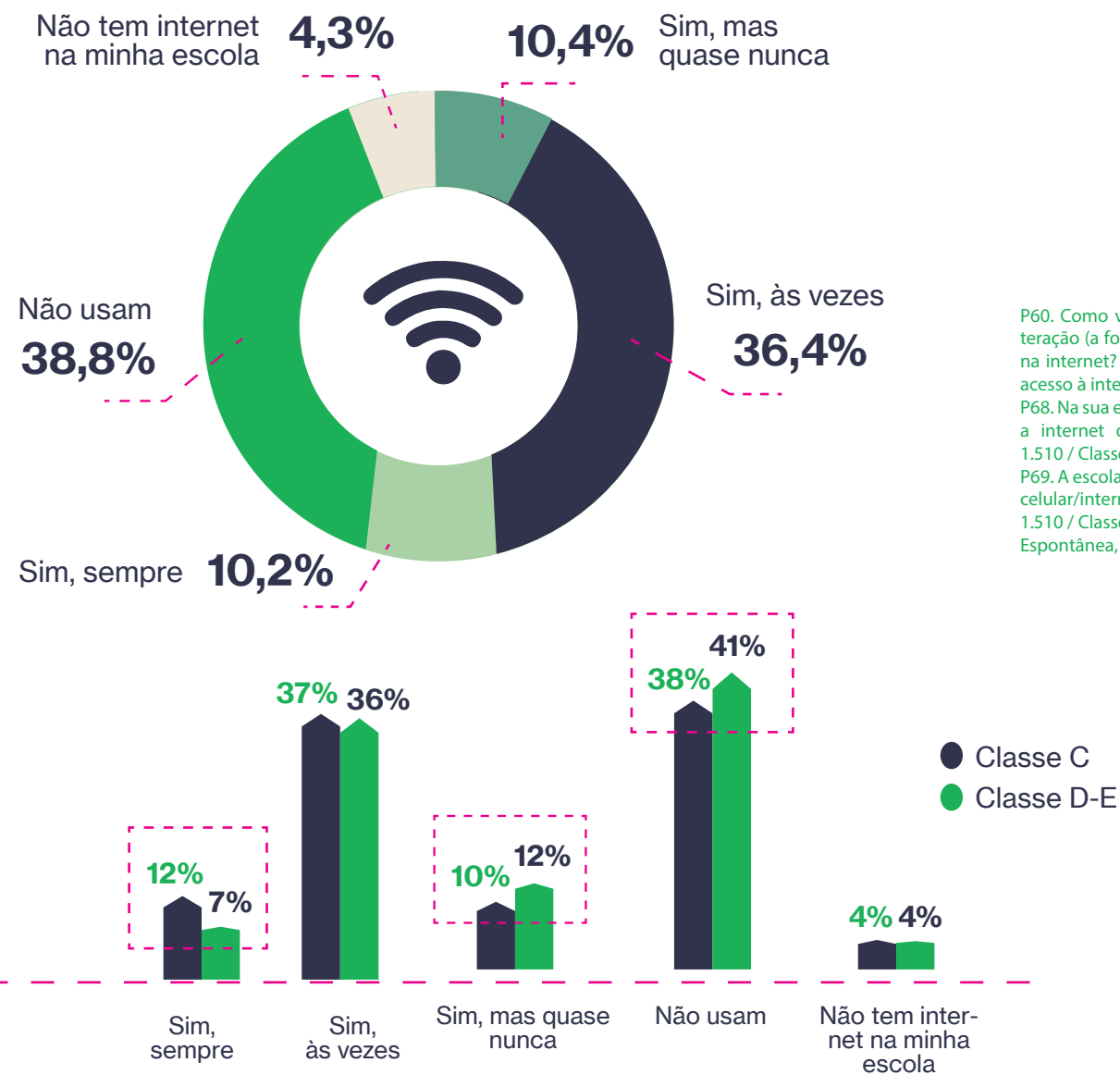
P60. Como você classificaria a sua interação (a forma como você participa) na internet? (Apenas entre quem tem acesso à internet) (Base: 1.492)

P61. Quais temas te fazem interagir/participar mais na internet? (Apenas entre quem tem acesso à internet e que interage de alguma forma) (RM, Espontânea, Base: 1.367)

O padrão de não-utilização do meio digital na escola é ainda mais forte entre alunos das classes D e E, e entre os mais jovens (14 a 16 anos). Esses dois grupos, provavelmente por falta de acesso, são os que mais concordam com a proibição do uso de celular na escola. Apenas 19%

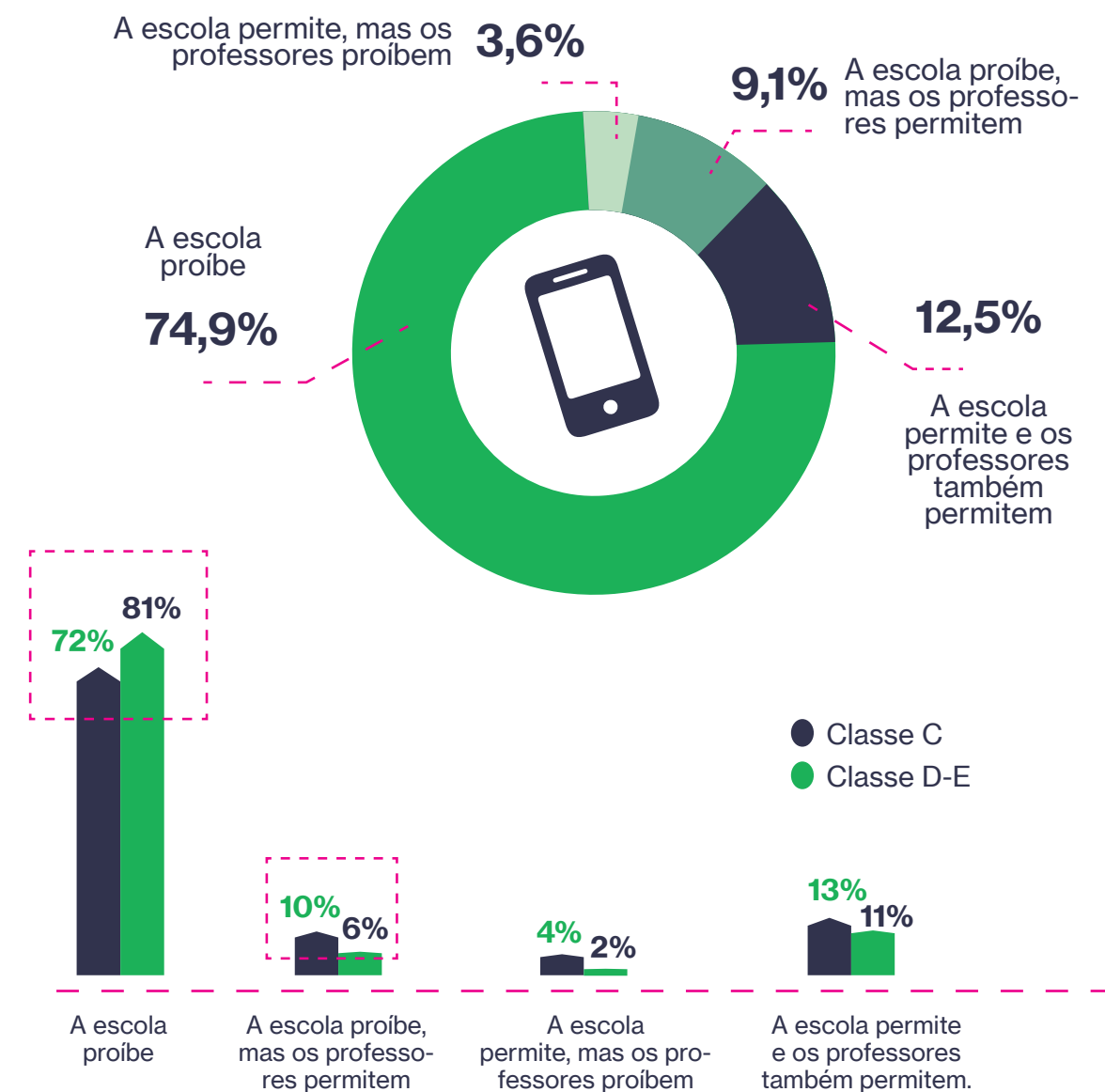
dos alunos considera que os estudantes seriam responsáveis no uso, caso houvesse liberação da internet no espaço escolar. Esse número cai para 16% entre os mais novos e 14% entre os jovens das classes D e E.

Na escola os professores usam internet durante as aulas?



P60. Como você classificaria a sua interação (a forma como você participa) na internet? (Apenas entre quem tem acesso à internet) (Base: 1.492)
 P68. Na sua escola os professores usam a internet durante as aulas? (Base: 1.510 / Classe C: 1.026/Classe D-E: 484)
 P69. A escola proíbe ou permite uso de celular/internet na sala de aula? (Base: 1.510 / Classe C: 1.026/Classe D-E: 484) Espontânea, Base: 1.367)

A escola proíbe ou permite o uso de celular/internet na sala de aula?





“Pouca [tecnologia], acredito que aprender à moda antiga é o jeito mais saudável nos dias de hoje.”

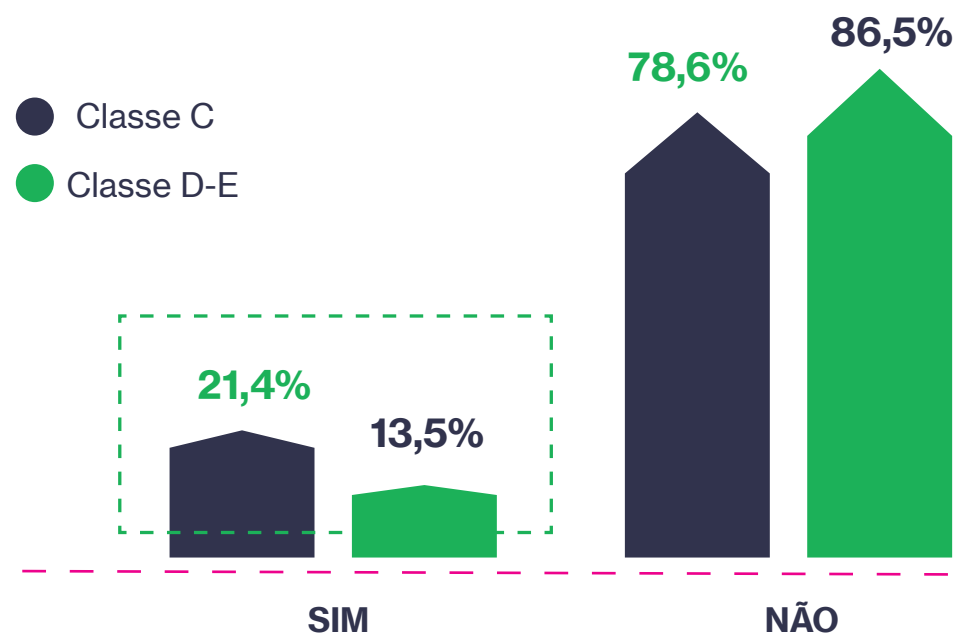
(Mulher, 18 anos, fora da escola, Recife)



“Seria meio a meio, os alunos poderiam usar a internet para fazer alguma atividade com a supervisão de um professor, **estando ali para orientá-los.**”

(Homem, 20 anos, de Recife, estudou até o 1º ano do Ensino Médio)

Se liberasse internet na escola, os alunos estariam preparados para usar com responsabilidade?



P70. Se liberasse internet na escola, você acha que os alunos estariam preparados para usar com responsabilidade? (Base: 1.510 / Classe C: 1.026/Classe D-E: 484)

Nota-se aqui como os alunos C, D e E não confiam na sua proficiência e responsabilidade de uso da internet em sala de aula, ainda que tenham o Youtube e outras redes sociais como algumas de suas principais fontes de informações sobre seus interesses. De forma análoga à valorização da aula expositiva, nossos entrevistados parecem prestigiar formas mais tradicionais de ensino – as formas que conhecem e que parecem mais organizadas.

É como se, com a sensação de que a escola não os está preparando para os desafios que enfrentarão fora dali (como vimos

no primeiro capítulo), **os jovens buscassem reforçar o papel da escola de um imaginário de como era antigamente⁹.**

A preferência pelo livro, em relação ao uso da internet é colocada em dois argumentos. De um lado, muitos jovens não se sentem preparados para realizar pesquisas sem apoio dos professores. A rejeição ao uso de tecnologia na sua educação mascara a falta de confiança de estudar de forma autônoma.

⁹ Em estudo sobre o conservadorismo no Brasil, a Plano CDE identificou um imaginário do passado como traço predominante entre pessoas politicamente moderadas de renda média no Brasil (<http://bit.ly/conservadores2019>)



“Eu gostaria que tivesse pouca [tecnologia], só nos dias exatos. Porque eu amo livro, só que lá tem mais computador do que livro. **A maioria tudo pifado. Prefiro a gente passar meia hora lendo e entendendo o que está lendo do que a gente pesquisar e em um segundo aparecer a resposta.**”

(Mulher, 17 anos, fora da escola, Recife)

De outro, jovens com maior proficiência digital apontam o oposto: a educação mais tradicional exige do aluno a pesquisa, enquanto na internet ele encontra tudo com muita facilidade.

Destaca-se que o letramento digital não é distribuído igualmente entre os grupos. 43% dos jovens D e E não se consideram totalmente aptos no uso da internet, frente a 32% dos jovens de classe C. Meninas também com maior frequência dizem não ter proficiência digital (38% vs. 32% entre meninos).

Há, portanto, o **potencial de encontrar formas de integração digital das escolas que levem em conta as dificuldades e inseguranças dos jovens, e dos professores.**

O mau uso das soluções digitais trará rejeição por parte dos alunos.

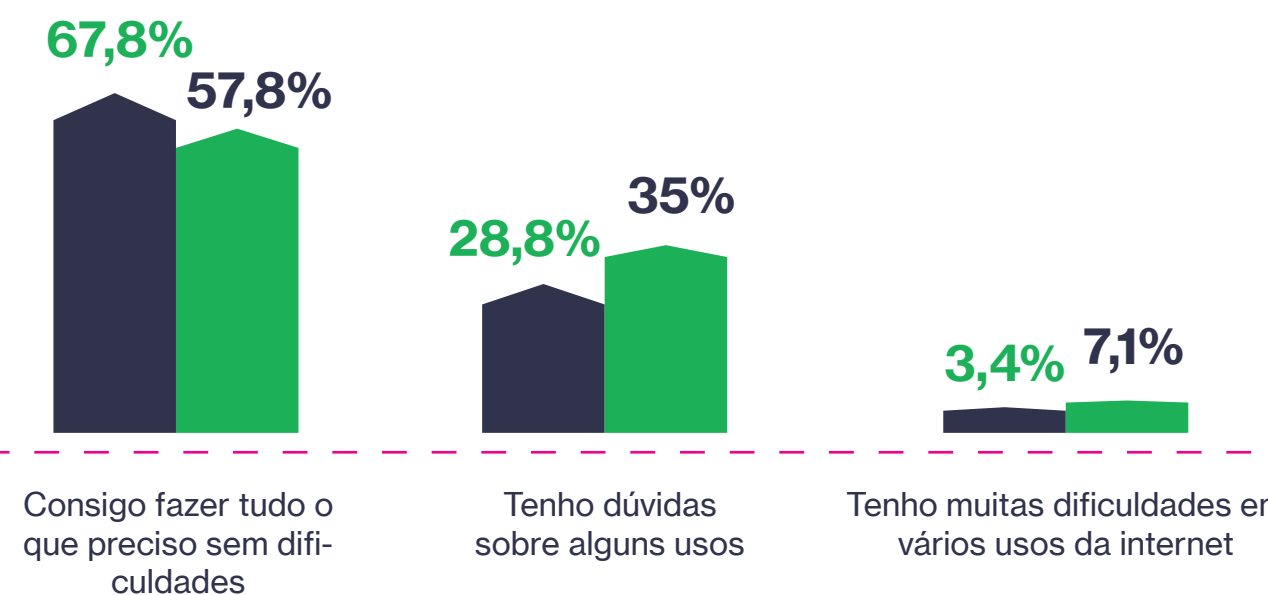
“No caderno você tem que procurar. Na internet é muito facilitado. Você pesquisa e já dá a resposta. No livro você tem que ler tudo para achar determinada coisa que você está procurando para fazer uma lição.”

(Homem, 17 anos, fora da escola, SP)



:: Dificuldade na Internet

● Classe C ● Classe D-E



P59. Como você classifica seu uso, em relação à dificuldade, na internet? (Apenas entre quem têm acesso à internet) (Base: 1.510 / Classe C: 1.026 / Classe D-E: 484)

2.3.1 Cursos online

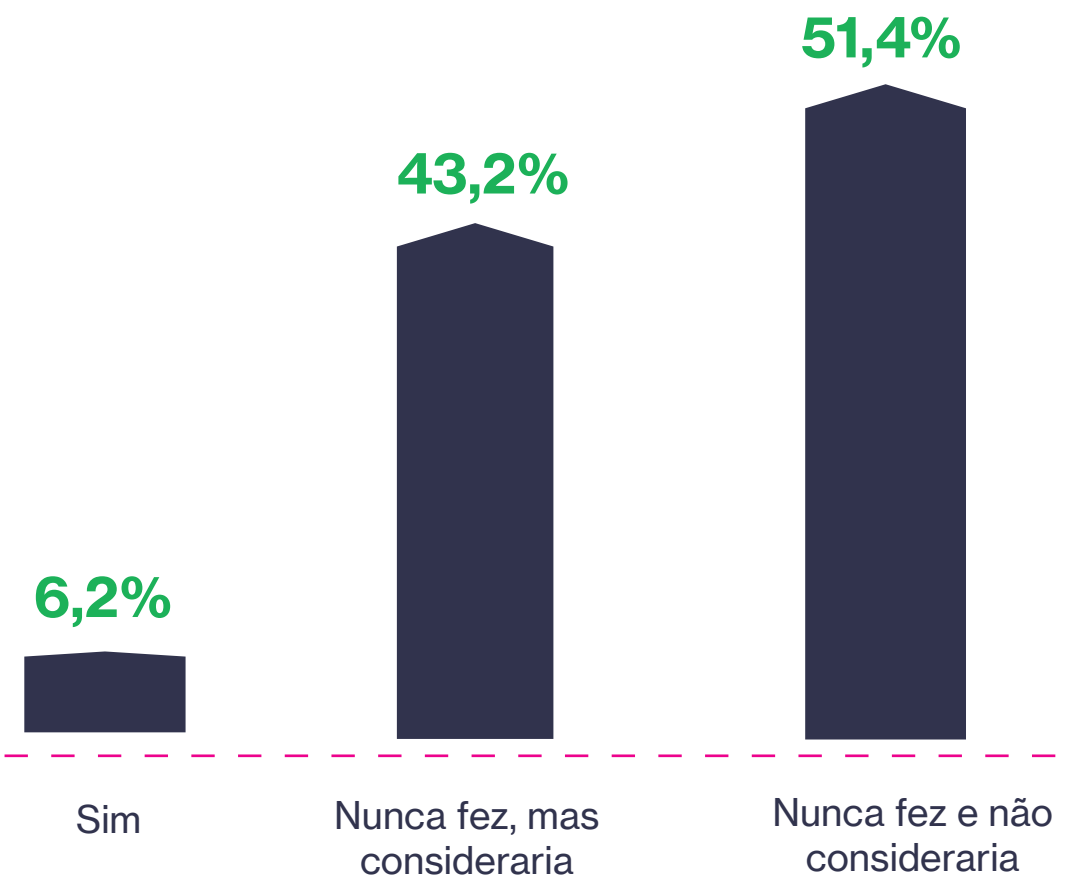
A realidade dos jovens C, D e E não inclui cursos online como parte de seus repertórios. Mais da metade deles, quando estimulados, não considerariam formatos EAD. Apenas 6% já realizou alguma vez.

A baixa consideração dos cursos online chama mais atenção quando consideramos que 1/4 dos jovens gostaria de realizar cursos em seu tempo livre.

As razões para esse distanciamento se exprimem em contradições semelhantes às já descritas anteriormente. Os jovens apreciam a flexibilidade oferecida, mas duvidam da própria capacidade de estarem atentos no ambiente online.

Dois terços dizem ter conexão com velocidade suficiente para a realização de cursos online. No entanto, entre 45% e 60% dizem sentir falta da interação com professores ou incapazes de estudarem sozinhos.

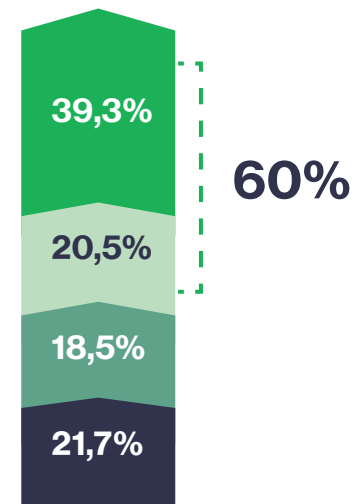
▣ Já fez algum curso pela Internet?



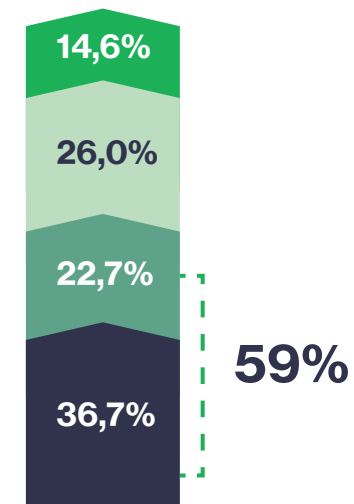
P65. Você alguma vez já fez um curso pela internet (considere um curso completo, com uma sequência de aulas e certificado)? (Base: 1.510) P67. Você consideraria fazer um curso pela Internet? (Base: 1.510)

Percepção sobre cursos online

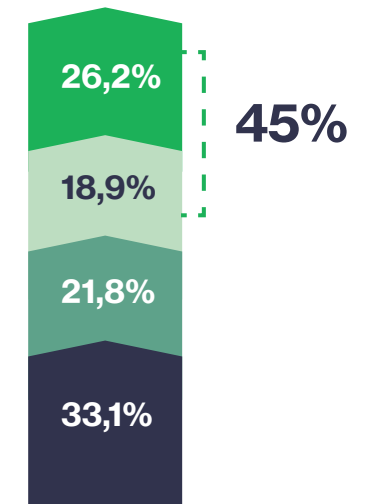
- Concordo Totalmente
- Concordo Parcialmente
- Discordo Parcialmente
- Discordo Totalmente



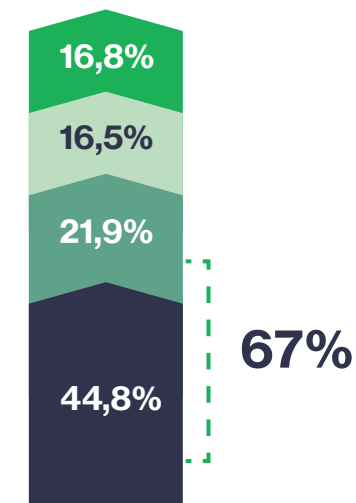
Cursos online não me atraem porque eu prefiro interagir com um professor de verdade



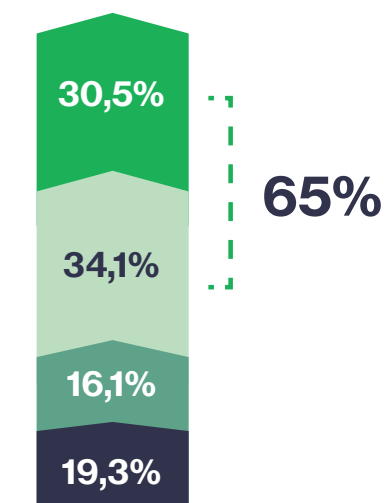
Aulas de cursos online costumam ser mais interessantes que as aulas tradicionais da escola



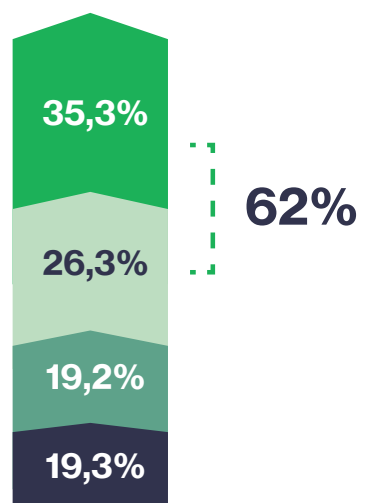
Cursos online não me interessam pois não gosto de estudar sozinho



Para mim seria difícil fazer cursos online pois minha internet não é boa



Fazer cursos online parece uma boa ideia pois são mais flexíveis ao meu horário

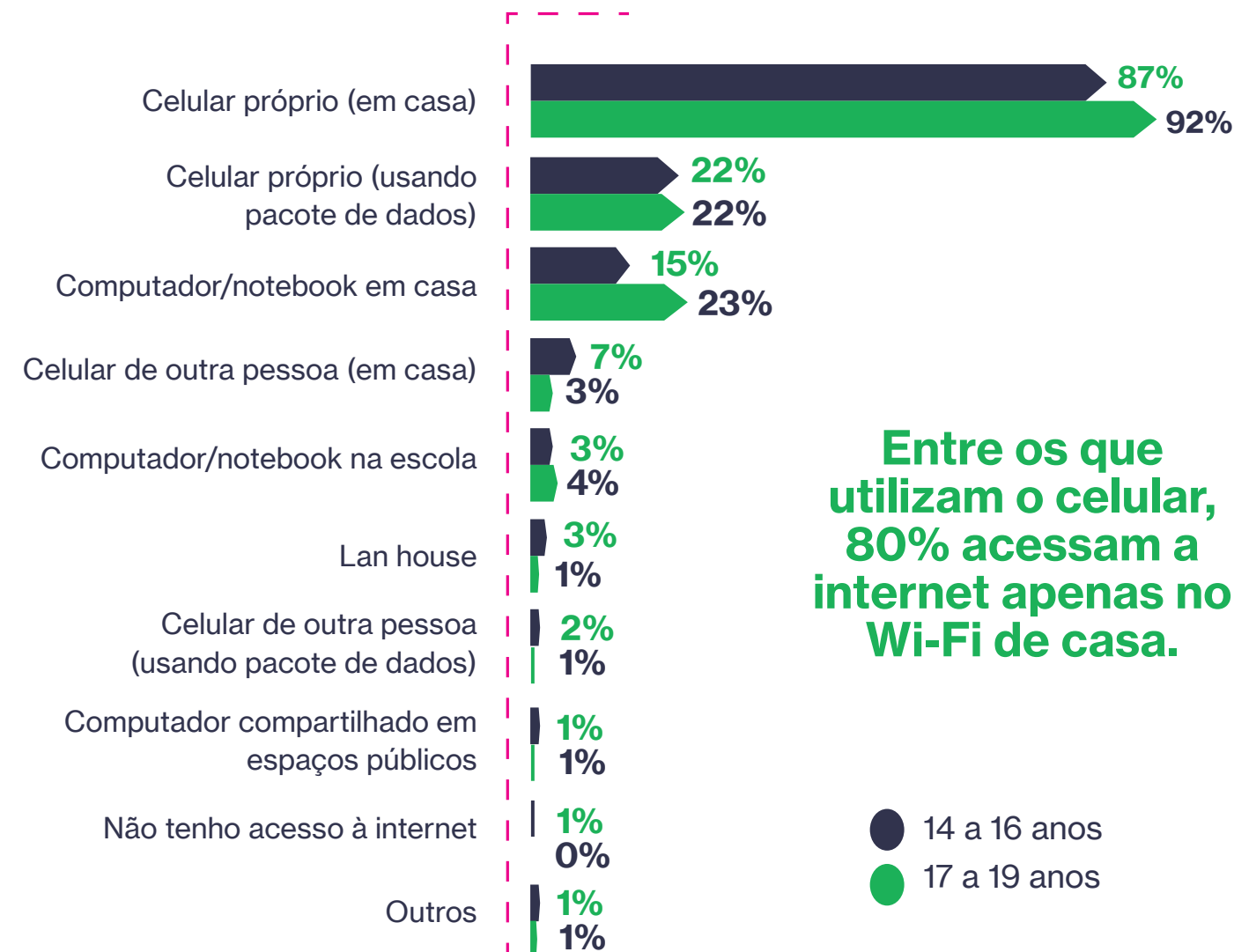


Nos cursos online é difícil manter a concentração (é fácil se dispersar)

2.3.2 Internet para aprendizagem fora da escola

Ainda que o uso de internet dentro da escola seja limitado e que a maioria não considere fazer cursos online, os jovens usam muito a internet, inclusive para aprender sobre temas não tratados em sala de aula. Para explorar a forma como a internet se insere como espaço de aprendizagem fora da escola, devemos entender a forma de consumo de internet deste público. O principal meio de acesso é o celular, dentro de casa. 80% dos jovens que utilizam o celular para navegar o fazem apenas pelo wi-fi de casa. A velocidade de conexão por esse meio é considerada inadequada por 16% deles.

:: Meios de acesso à internet



P54. Por quais meios você acessa internet? ? (RM)(Base: 1.510 / Capital: 1.057, Interior: 453)

Aqui já é possível apontar um grande desafio da inclusão digital na base da pirâmide. **Com o consumo concentrado no telefone, diversas possibilidades do acesso à internet são limitadas,** seja por formato de tela ou por capacidade de processamento. A vantagem da mobilidade do celular também é perdida quando o acesso se dá principalmente de casa. Estudos mostram o impacto negativo do acesso exclusivamente mobile, com ênfase nos diferentes usos da internet por grupos de alunos privilegiados ou da base da pirâmide⁹. **Basicamente, a internet, nos grupos de menor renda e escolaridade, é um espaço de lazer, com menor alcance de seu potencial transformador de acesso a ferramentas de pesquisa, educação etc¹⁰.**

Esse comportamento apareceu em nosso estudo. O uso é monopolizado por redes sociais e canais de vídeo, em especial o WhatsApp e o Youtube, com poucas diferenças pela idade dos alunos entrevistados.

O consumo de cada rede social mostrou potencial diverso. Redes como Instagram, Facebook e WhatsApp são utilizadas para manter contato com amigos e troca de memes, vídeos engraçados e piadas. O Pinterest foi citado pelos que já trabalham, como fonte de inspiração profissional, especialmente nas áreas de estética.

Já o Youtube, também citado como fonte de entretenimento, foi a única rede em que temas educativos surgiram espontaneamente, na forma de busca de revisão de conteúdos da escola.

Jovens consideram redes sociais um vício.



“Ontem e hoje acessei bastante o Instagram, **confesso que sou meio viciada kkkkkkk**”

(Mulher, 17 anos, 3ºEM, SP)



“Hoje fiquei **praticamente o dia todo no Whatsapp no Instagram e no Facebook sou viciado nessas redes sociais,** também acessei o YouTube e também **sou viciado no Spotify,** aplicativo de ouvir música.”

(Homem, 17 anos, 3ºEM, SP)

“Eu sou **no Instagram 24 horas por dia kkkkk** amo ver rico melquiades, Carlinhos Maia e todos os personagem da vila”

(Mulher, 17 anos, fora da escola, Recife)

Passo não muito tempo , **tenho minha obrigações mas se pudesse passava todo tempo kkkk.**”

(Mulher, 18 anos, fora da escola, Recife)

¹⁰ Philip M. Napoli & Jonathan A. Obar (2014) The Emerging Mobile Internet Underclass: A Critique of Mobile Internet Access, The Information Society, 30:5, 323-334, DOI: 10.1080/01972243.2014.944726.

¹¹ OECD (2016), “Are there differences in how advantaged and disadvantaged students use the Internet?”, PISA in Focus, No. 64, OECD Publishing, Paris, <https://doi.org/10.1787/5jlv8zq6hw43-en>.



Favorito para **seguir famosos, ver vídeos de humor** e saber das notícias.



Assistem **vídeos que os interessam, filmes, veem tutoriais, revisões** de matérias.



Comunicação com a família e amigos, além de **grupos da família, da igreja e de amigos.**



Acompanham **vídeos engraçados, memes e curtem e compartilham notícias pessoais** com os amigos.



Buscam **referências e ideias de decoração, moda, receitas.** Há **uso profissional.**

“E hoje **acompanhei umas notícias no Google** e fui ver o resultado de alguns jogos.”

(Homem, 19 anos, fora da escola, SP)



“Eu acompanho muitos story no Instagram, vejo **notícias de quase tudo** que acontece nas **redes sociais.**”

(Homem, 19 anos, fora da escola, SP)

No entanto, a busca ativa por conteúdos de educação, via Youtube, é uma exceção em um consumo de internet prioritariamente passivo. Além dos feeds de notícia das redes sociais, a principal fonte de informações é o painel de notificações do sistema Android (Google Notícias).

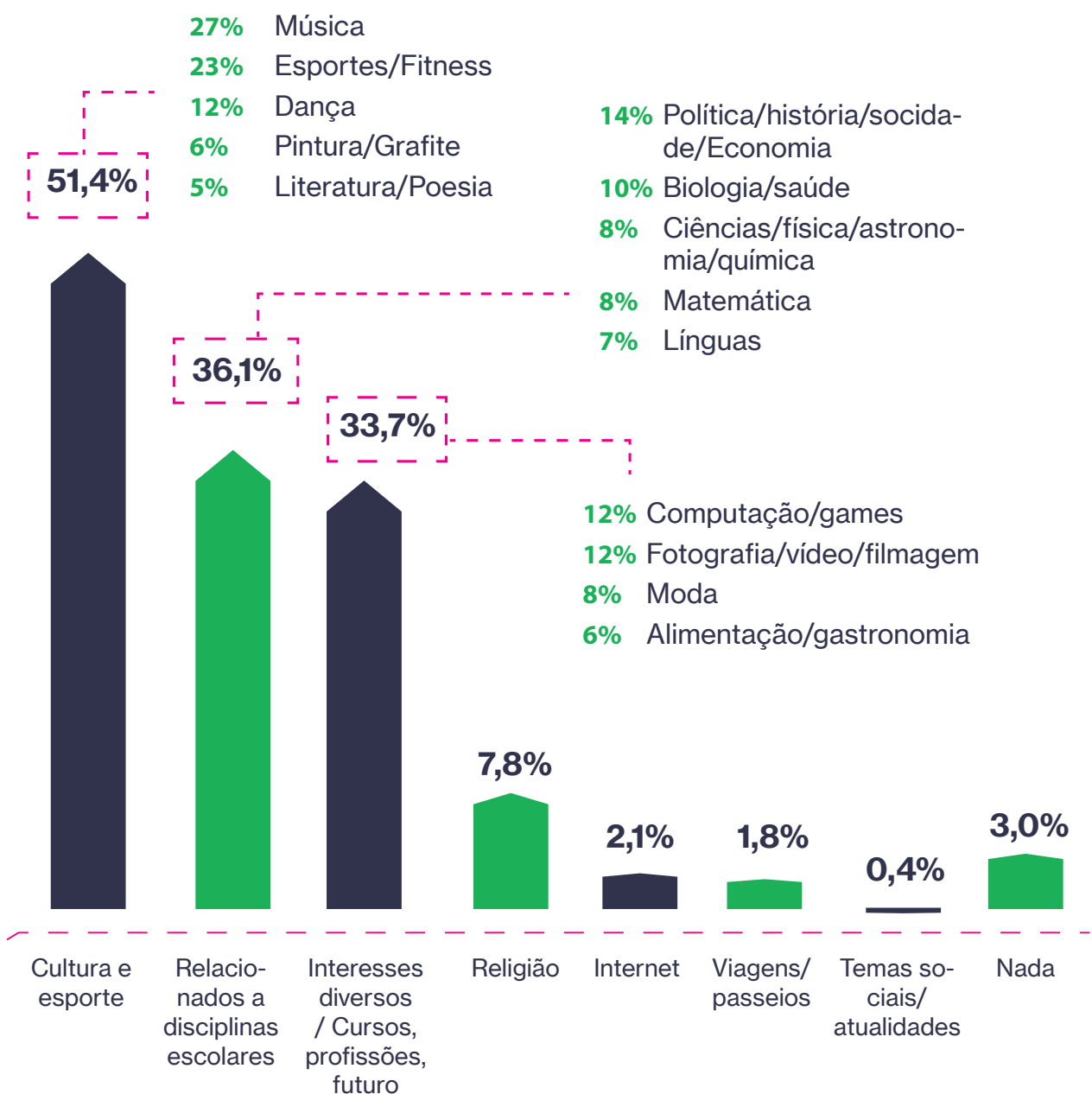
Uma diferença entre os maiores de 18 anos, que não concluíram o Ensino Médio, é o maior enfoque em temas do seu dia-a-dia familiar ou de trabalho. Há uma procura por dicas sobre cuidados de crianças e tutoriais técnicos sobre seus trabalhos, no Youtube, Instagram e Pinterest.

2.3.1 Interesses dos jovens fora da escola e a internet

Enquanto demonstram um comportamento majoritariamente passivo na internet, os jovens não deixam de ter interesses em temas que não estão na escola. O principal deles são temas de cultura e esporte, citados por metade dos adolescentes. Em seguida, os temas mais citados são diretamente relacionados a conteúdos educacionais (36%, pulverizados em assuntos como “história”, “biologia” etc.), ou a profissões, cursos, interesses no futuro (34%), incluindo aí computação, fotografia, moda, entre outros.

∴ Principais interesses dos jovens fora da escola estão relacionados a cultura e esporte, mas também há diversos interesses ligados a conhecimentos e disciplinas escolares.

∴ Interesses fora da escola



P44. Fora da escola sobre que tipos de coisas/assuntos você gosta de aprender? Considere assuntos sobre os quais você gosta de ler em casa, discutir com os amigos, ver programas de TV, ver vídeos na internet, pesquisar na internet etc.) RM. (Base: 1.510)

A dificuldade de busca mais ativa

destes jovens na internet se mostra mais uma vez quando perguntados sobre onde buscam informações sobre esses temas que eles mesmos dizem se interessar. 60% cita genericamente o Google, contra um terço que busca informações no Youtube.

O Youtube como fonte de informações se destaca devido a algumas características de seus canais. Em primeiro lugar, a **busca é por temas específicos, direcionados a alguma necessidade pontual do jovem** (revisão para provas, tutoriais profissionais, ou algo do gênero). Somado a isso, há três atributos de diferenciação:

:: Onde busca informações sobre interesses



P46. Fora da escola, em quais espaços e plataformas você costuma aprender sobre estes assuntos? (Base: 1.510)

“É uma versão simplificada do que preciso saber. Tem quase uma hora de duração, mas se fosse assistir vídeo por vídeo de cada conteúdo que ela ensina iria demorar muito mais que isso. **E eu tenho pouco tempo. Gostei da praticidade do vídeo”.**

(Mulher, 14 anos, 9º ano, SP)

“Coisas para aprender é só no Youtube que eu busco. Eu vou passando os vídeos e o que estiver mais explicado, que der mais para entender eu vou lá e clico.”

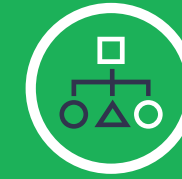
(Mulher, 17 anos, fora da escola, Recife)

“Sempre que não sei de algo **pesquisei no YouTube** e sempre me ajuda muito, mas também quando eu não preciso de nada sempre assisto vídeos de coisas que me interessam, como empreendedorismo, investimento, bolsa de valores, como eu faço pra morar em outro país, então **eu tenho o YouTube como uma ferramenta de aprendizagem diária”**

(Homem, 19 anos, fora da escola, Recife)

“Gosto de usar o YouTube pra **tirar minhas dúvidas** vejo **vários tutoriais** lá, **ensina bastante.”**

(Homem, 20 anos, fora da escola, Recife)



:: didática

o “passo a passo” típico dos canais educativos, em formato de tutorial, é um atrativo.



:: praticidade e rapidez

os vídeos são curtos e condensados. Eles respondem à urgência da busca por conteúdos (que ocorre no momento em que precisam de algo).



:: comunicação

os youtubers costumam ser jovens como os espectadores, e falam em uma linguagem mais acessível.

Acessam, via Instagram e Youtube, algumas páginas para se prepararem, com dicas, resumos e materiais:

Descomplica, QG do ENEM, Vai cair no Enem, Sala do saber oficial, Trilha do ENEM, Guia do Estudante.



“Esse também é um dos instas que mais curto pra estudo, **tem muuuitas dicas pra ENEM e outros vestibulares**, às vezes eles **colocam perguntas e respostas nos stories**, e **tiram algumas dúvidas**.”

(Mulher, 17 anos, 3ºEM, SP)

“O Guia do estudante é uma das minhas plataformas preferidas, **além dela oferecer material de estudo, há também testes vocacionais, dicas sobre universidades e seus vestibulares**. E também milhares de **dicas em geral, sobre tudo aquilo que um estudante deve saber**.”

(Mulher, 17 anos, 3ºEM, SP)



O Youtube se diferencia de outras fontes de conteúdo online por essa facilidade de entendimento entre comunicador e seus espectadores. **A identificação da linguagem torna a digestão do conteúdo mais fácil e o vídeo mais atrativo.** Mas essa simplicidade de linguagem **limita o uso da ferramenta a uma espécie de reforço escolar.**

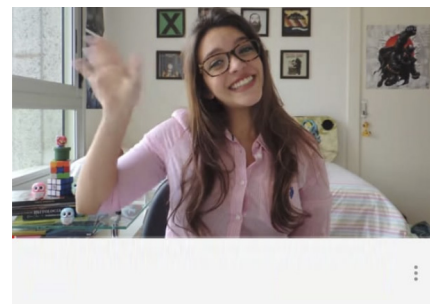
Os usos do Youtube como fonte de informação se dividem entre os jovens que estão na escola e aqueles que

saíram. Os alunos, especialmente no Ensino Médio, se dedicam a tutoriais de reforço escolar, listando uma série de canais especializados.

Já para os jovens que abandonaram os estudos, podemos ver três usos distintos:

- :: Incrementos no currículo (inglês e informática);
- :: Aprendizados específicos sobre suas profissões;
- :: Dúvidas / cuidado com filhos;

Para os dois grupos, há ainda buscas de tutoriais de jogos.



Resumo de História: 2a GUERRA MUNDIAL (Débora Aladim)
1.868.903 visualizações

“Geralmente jovem se dá bem com jovem, porque a gente fala a mesma língua, eles sabem gíria, esses negócios. Não que pessoas de outras idades não saibam, mas acho que a gente se comunica melhor. Ela dá exemplos mais aproximados do nosso dia a dia”

(Homem, 17 anos, 3º EM, Recife)



Uso das mesmas expressões, exemplos de séries, de memes e de músicas que gostam gera aproximação e identificação.

Se reconhecem no formato e linguagem.

Aprendizagem mais relacionada às necessidades práticas do dia a dia dos jovens fora da escola.

Aprender inglês/informática

“Cada vídeo [aulas de inglês] é uma aula diferente, tem lives também, é bem legal” [Usa o Google para pesquisar significados de palavras.]

(Homem, 16 anos, fora da escola, SP)

Cursos e aprendizados relacionados ao trabalho

“Eu estou pesquisando por um curso sobre maquiagem, pois é algo que eu gosto e tenho interesse em aprender mais, então assisti muitoooooos tutoriais sobre maquiagem.”

Mulher, 22 anos, fora da escola, SP)

Dúvidas/Cuidado com filhos

“Quando tenho alguma dúvida entro no Google e no YouTube, busco dicas para cuidar melhor da minha filha de 6 meses”

(Mulher, 21 anos, fora da escola, SP)

Dúvidas/tutoriais de jogos

“Tenho dificuldade e no Youtube tem tutorial completo. Gente que já jogou o jogo e posta os vídeos no canal deles, é muito bom isso”

(Homem, 14 anos, 9º ano, Recife)



⚡ Aprendizagem online

Ryan, 17 anos, mora em Sete Praias, bairro entre São Paulo e Diadema com a mãe, em uma casa emprestada. Trabalha como assistente de cabeleireiro em um salão.

Parou de estudar com 15 anos para ajudar sua mãe a complementar a renda em casa: “Acabou que foi pesando. Não tinha mais condições de ficar na escola precisando de dinheiro. Só minha mãe não dava”.

Passou a ficar mais tempo no salão e não tinha mais como conciliar com a escola. A escola foi atrás de Ryan e de sua mãe: **“Eles tentaram apoiar**, pediram pra aguentar mais um pouco, **tentar de outras maneiras continuar estudando**, que estudando é melhor, mas **não teve condições”.**

Começou a **estudar inglês pelo YouTube**, para se comunicar com pessoas pela internet. Buscou vídeos de aulas de inglês e escolheu **“vídeos que eu acho mais fácil, que aparece a frase e como você tem que dizer ela”.** Por exemplo: **“500 frases em inglês”.**

Como há muitos vídeos do tipo, ele não se prende a um canal. Para memorizar bem o que aprende, ele **utiliza um caderno onde escreve a frase original e a tradução.**

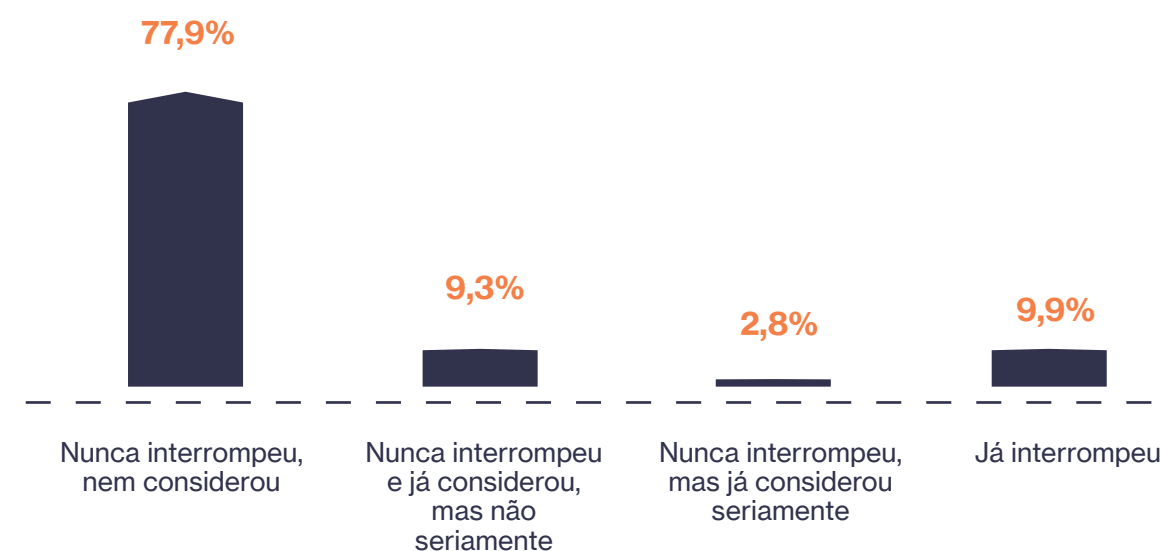
Sobre ensino à distância, afirma que **prefere presencial, quando se trata de terminar os anos escolares: “Em casa você não fica focado”.** Apesar disso, ele mesmo estuda inglês em casa – está mais relacionado ao interesse do que foco.

Vimos até aqui como os jovens C, D e E buscam espaços de escuta e socialização, com ênfase no acolhimento de suas dificuldades na escola, desafios pessoais e aspirações profissionais. Para ter esse espaço, reforçam a necessidade de um ambiente escolar organizado e com menos conflitos. Nossas evidências apontam para a busca de um ambiente de clima favorável e relações amistosas, em oposição ao que veremos nesse capítulo, de uma sensação de solidão do jovem na escola. **Essa sensação aparece tanto na construção de seus projetos de vida, em especial de um segmento dos jovens, como nas críticas ao funcionamento da escola.** A capacidade de acolhimento e escuta na escola terá, portanto, impacto na evasão escolar. **A princípio, a decisão de abandonar é permeada por diversos motivos: desmotivação e desinteresse,**

desempenho, falta de acolhimento e problemas pessoais. O baixo desempenho associado à vergonha de pedir ajuda, assim como a falta de apoio de professores, diretores e colegas são os maiores preditores do desejo de abandonar. Exatamente por estar combinada à falta de escuta, a maioria dos que evadiu não comunicou a ninguém a decisão, assim como não foram procurados quando começaram a faltar às aulas. **Uma vez fora da escola, o desafio do retorno passa pela falta de tempo e motivação de enfrentar uma dinâmica escolar distante da realidade dos jovens.**

Nos alunos das classes C, D e E atualmente matriculados em escolas públicas, 10% já abandonou os estudos alguma vez. Outros 10% já considerou abandonar, ainda que não seriamente.

▣ Já interrompeu os estudos?



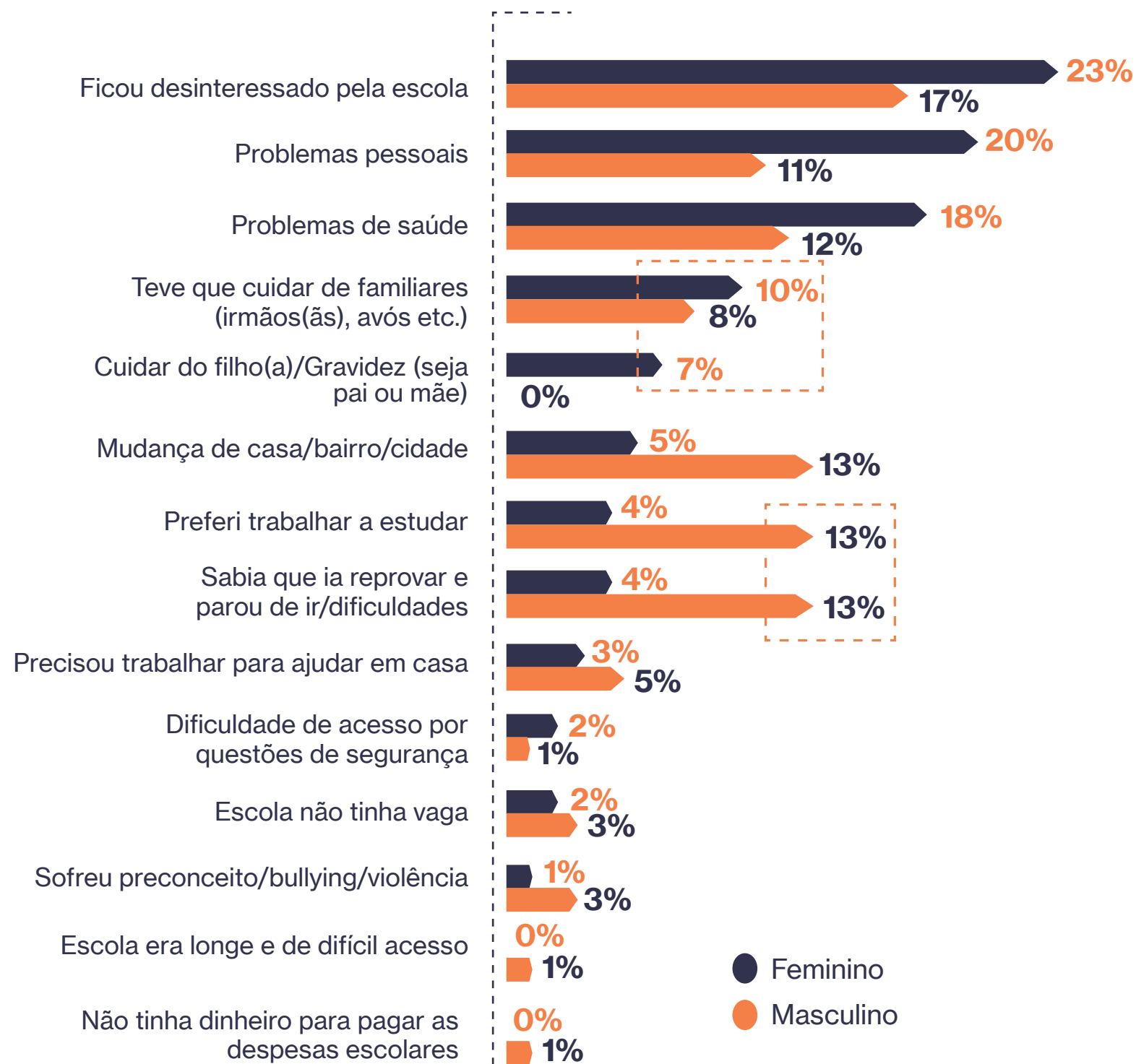
P37. Você alguma vez já interrompeu os estudos/deixou de estudar? (Base: 1.510) P38. Você já considerou sair da escola e deixar de estudar? (Base: 1.510)

03 evasão

As motivações para o abandono são diversas, e respondem a diferenças de gênero e renda. Enquanto meninas apontam o desinteresse e problemas pessoais, meninos apontam como principais causas, além do desinteresse na escola, as necessidades de trabalho e o mau desempenho. 7% das meninas indicam a gravidez como causa. Entre os meninos, nenhum indicou a paternidade como causa.

O desinteresse e o trabalho afetam mais alunos das classes D e E. Na classe C, há maior prevalência de problemas pessoais não resolvidos na escola.

⚡ Motivos para interromper/considerar seriamente



P39. Por que interrompeu ou considerou seriamente interromper? Aponte o principal motivo. (Só entre quem já interrompeu ou considerou seriamente interromper) (Base: 284)

:: Porque interrompeu ou considerou seriamente interromper? Aponte o principal motivo.

:: Classe

	C	D-E
Sabia que ia reprovar e parou de ir/dificuldades	8,5%	9,2%
Problemas de saúde	16,2%	12,3%
Teve que cuidar de familiares (irmãos(ãs), avós etc.)	7,7%	10,8%
Ficou desinteressado pela escola	17,7%	23,1%
Preferi trabalhar a estudar	6,9%	13,8%
Precisou trabalhar para ajudar em casa	5,4%	1,5%
Sofreu preconceito/bullying/violência	1,5%	3,1%
Mudança de casa/bairro/cidade	10,0%	9,2%
Cuidar do filho(a)/Gravidez (seja pai ou mãe)	3,1%	3,1%
Escola não tinha vaga	3,1%	1,5%
Não tinha dinheiro para pagar as despesas escolares (transporte, material etc.)	0,8%	0,0%
Escola era longe e de difícil acesso	0,8%	0,0%
Dificuldade de acesso por questões de segurança - operações policiais ao redor, tráfico de drogas	1,5%	1,5%
Problemas pessoais	16,9%	10,8%

A descrição do desinteresse vai ao encontro do que já vimos na descrição dos problemas de aprendizagem. O formato das aulas, associado à pouca conexão entre o que a escola oferece e a percepção dos jovens sobre suas necessidades, tornam aquele espaço desinteressante e irrelevante.

Nos casos de gravidez, necessidade de trabalho e baixo desempenho, a sensação dos jovens é de pouco acolhimento da escola. Entre as meninas que aban-

donaram os estudos em razão de uma gravidez, especialmente, houve muitos relatos de bullying sofrido por elas ou por conhecidas. Algumas pararam de frequentar a escola ao surgirem os primeiros sinais de gravidez. Somada à vergonha que sentem, e o medo de serem alvo de violências, há relatos também de pouco reconhecimento, por parte da escola, de suas necessidades especiais durante a gestação e os primeiros meses da criança.

Jovens que abandonaram a escola trazem desinteresse muito relacionado aos formatos de aula, que não prendem sua atenção.



“Eu perdi o interesse, chegar na escola todo dia e fazer a mesma coisa, até na aula de educação física era a mesma coisa sempre”

(Mulher, 17 anos, fora da escola, SP)

“Como as aulas não prendiam a minha atenção, eu acabava não me importando, então eu ficava procurando outras coisas para fazer, como ficar mexendo no telefone, escrevendo alguma coisa no meu caderno.”

(Mulher, 16 anos, fora da escola, Recife)

“Se eu não tivesse saído da escola dava para eu terminar os estudos. Mesmo grávida eu já tinha terminado. Mas eu sentia vergonha.”

(Mulher, 18 anos, fora da escola, Recife)

“Engravidei e não aguentava mais ir para a escola, depois arrumei um emprego e ficou mais difícil de estudar. Você se sente muito para baixo, porque todos te apontam, seus colegas terminando e você ficando lá.”

(Mulher, 20 anos, fora da escola, Recife)



:: Gravidez e falta de apoio

Tayná, 17 anos, mora em um bairro de classe média em Recife, tem um filho de 1 ano e 7 meses.

Parou de estudar no primeiro ano do EM por um problema de saúde do filho. Mora com o marido (23 anos) e a criança. Trabalha fazendo tranças afro, que aprendeu na internet, e eventualmente faz bicos como garçonete.

Quando ficou grávida estava no nono ano e chegou a concluir o Fundamental. O pai da criança estudava na mesma escola e se responsabilizou pelo cuidado da criança, até conseguir um emprego. Depois disso, Tayná sentiu que deveria abandonar os estudos.

Tayná não teve apoio da escola e afirma que não se importaram por ela e o marido terem parado de estudar. Antes de abandonar, faltou bastante, mas não foi procurada por ninguém.

“No começo eu tava desesperada porque eu faltei a semana todinha, tentei falta justificada. Procurei a professora

Daniele. Ela sabia que eu tinha filho. E sabia que ele tinha pneumonia.

Aí quando ela conseguiu conversar com os professores sobre meu caso, acho que os professores pensaram, ‘quem é essa?’(…)

O diretor poderia ter ligado pra mim, pra saber o que aconteceu, (...) pra saber se eu ia continuar ou faltar. Pra me dar um apoio:

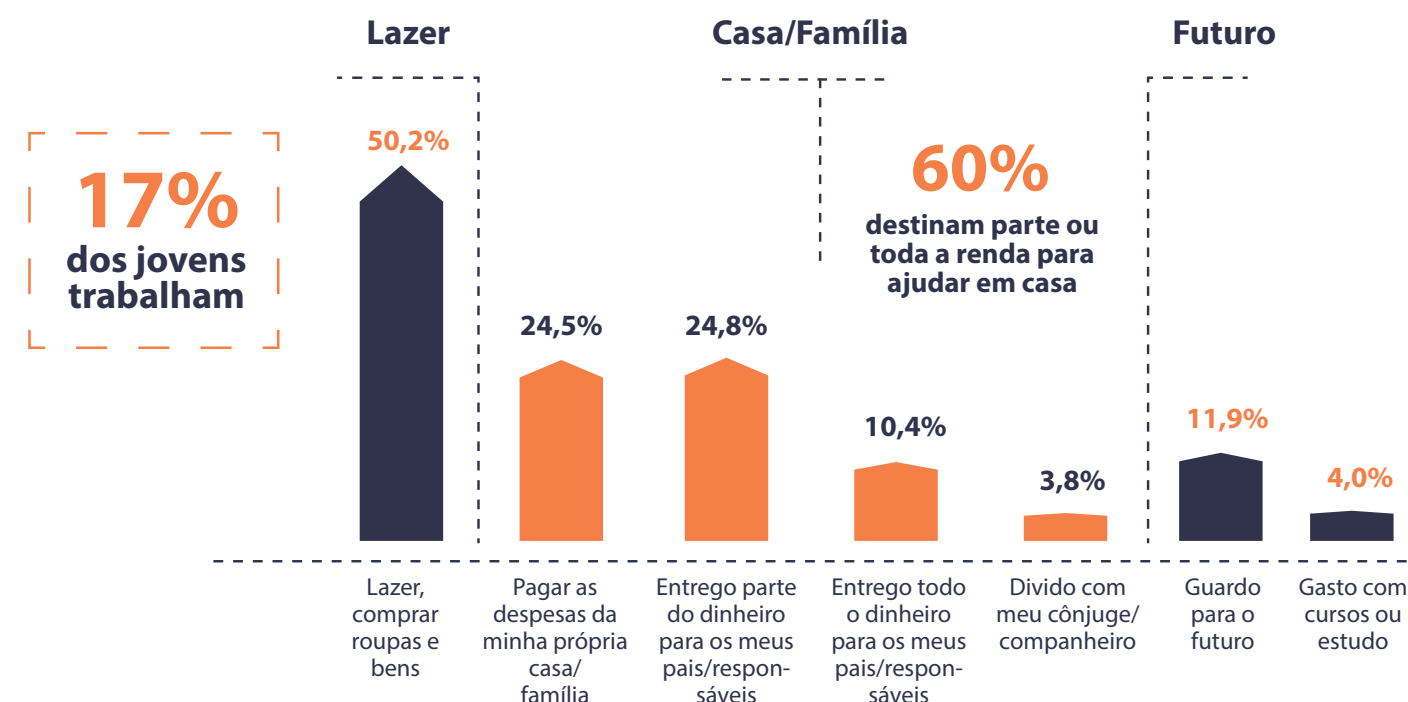
“Tainá, se você não tem como vir, não venha. Continue com seu filho. Mas se você tem, venha, continue seus estudos. Essas coisas! Ele ia me estimular bastante!”

No caso da procura de trabalho, identificamos duas razões diversas, e complementares. **Para o jovem C, D e E, a necessidade de trabalhar é mais latente, seja por imposição ou pela vontade de começar a ganhar o próprio dinheiro, o que faz com que esses jovens deixem a escola.** Parte deles busca empregos pela necessidade de

ajudar a família. Outra parte, ao não ver sentido na escola, entende como mais vantajoso entrar no mercado de trabalho para ganhar autonomia financeira no curto prazo.

A decisão de sair, nesses casos, parece racional para o adolescente que não se enxerga entrando na universidade ou em um “grande emprego”.

:: Destino da renda



P74. O que você faz com seu dinheiro? RM. Base (todos que trabalham): 310

Esses dados qualitativos, que não são novos, são complementados pela análise de CHAID realizada. A análise de CHAID funciona como um método de seleção de preditores e formação de uma árvore de decisão. O algoritmo identifica a variável independente com maior capacidade preditiva da variável dependente, e repete o método em todas as subamostras seguintes. Essa estrutura de “árvore”

permite encontrar alguns fatores que ficariam ocultos por tratarem de segmentos da amostra total. Por exemplo, qual o maior preditivo da vontade de abandonar os estudos entre jovens que consideram seu desempenho escolar bom ou ótimo?

Os fatores associados ao desejo de abandonar a escola analisados foram os seguintes:

:: Os fatores associados analisados são de duas ordens:

:: Socioeconômica

1. Sexo

» Masculino X Feminino

2. Faixa etária

» Até 17 anos X 18 anos ou mais

3. Cor

» Negro X Não negro

4. Escolaridade dos responsáveis

» EF completo X EF incompleto

:: Experiência na escola

1. O que mais gosta de fazer na escola:

» Encontrar amigos/parceiro(a)
X demais opções

2. Valorização/escuta dos alunos:

» Escola valoriza muito X pouco

3. Violência na escola:

» Sofreu algum tipo X nunca sofreu

4. O que mais atrapalha o aprendizado:

» Bagunça dos alunos X demais opções

5. Como considera o próprio desempenho:

» Bom/excelente X regular/ruim

6. Já reprovou:

» Sim x Não

:: Os resultados são apresentados na forma de árvore, em que cada ramificação representa um preditor (são mostrados apenas os preditores significativos) e suas categorias.

:: Ramos mais altos indicam os primeiros preditores escolhidos.

:: Ao final de todas as ramificações exibem-se as probabilidades associadas à variável dependente.

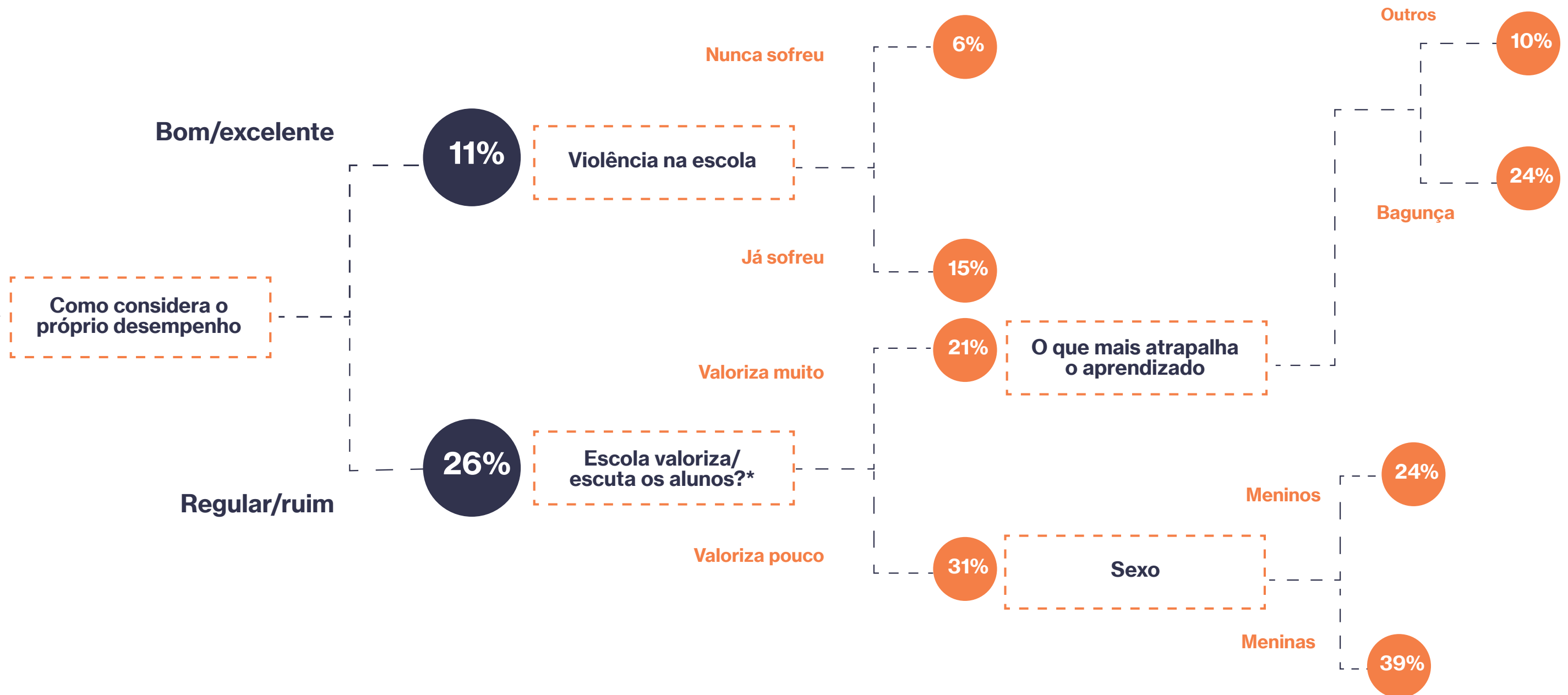
A apresentação dos resultados ao longo do relatório será dividida em 3 partes:

- » Preditor do primeiro nível;
- » Preditores até o segundo nível;
- » Preditores até o terceiro (e último) nível.

Essa árvore de decisões deve ser lida da esquerda para a direita. Em primeiro lugar, está o principal preditor da vontade de abandonar a escola. A percepção de desempenho dos alunos é o que mais diferencia a possibilidade de abandono. Entre os alunos que consideram seu desempenho ruim ou péssimo, 26% considerou abandonar os estudos, contra 11% dos de bom desempenho. Quem são os alunos de pior desempe-

nho? Apesar de haver poucas diferenças socioeconômicas que expliquem o desempenho, os perfis identificados anteriormente impactam o desempenho. Entre os Desesperançosos, alunos que têm a menor rede de apoio, quase metade diz ter performance ruim ou péssima. Por outro lado, 20% dos Autoconfiantes dizem ter desempenho Excelente.

:: Resultado: Análise de CHAID





*Combinação de diversas questões relacionadas à valorização e escuta dos jovens pela escola.

Em situações de queda de rendimento, destaca-se a importância de um espaço de maior acolhimento. Dificuldades de aprendizagem não são trabalhadas **por vergonha e receio** de tirar dúvidas com o professor. Ademais,

jovens **se sentem atrasados** em relação aos colegas, se sentem mal e desmotivados.

Os jovens se envergonham e se culpabilizam pelas dificuldades, fazendo com que não peçam ajuda.

:: Como você considera o seu próprio desempenho geral na escola?

	 Autoconfiante	 Resignado	 Desesperançoso
Excelente (vou bem em todas as matérias)	20,9%	10,3%	6,2%
Bom (vou bem em quase todas as matérias)	42,4%	64,0%	46,7%
Regular (vou bem em algumas, mas mal em outras matérias)	35,4%	24,1%	45,5%
Ruim (não vou bem na maioria das matérias)	1,3%	1,5%	1,6%

“O que poderia ter me ajudado na minha época era mais atenção dos professores, mais paciência. Eu sempre tive muita dificuldade em entender a matéria e quando não conseguia acompanhar os meus colegas nas atividades acabava **ficando desanimado e perdia vontade de ir para escola por vergonha.**”

(Homem, 20 anos, fora da escola, SP)



“Eu ficava ‘perdição’, daí veio acabando o interesse, veio brincadeira, futebol, namorada, **terminei desistindo.**”

(Homem, 20 anos, fora da escola, Recife)



“Quando os professores estavam explicando a matéria e eu não entendia, ficava sempre perguntando e via que os colegas estavam entendendo tudo. **Eu me sentia deslocada, parecia que eu era burra kkk.**”

(Mulher, 17 anos, fora da escola, SP)

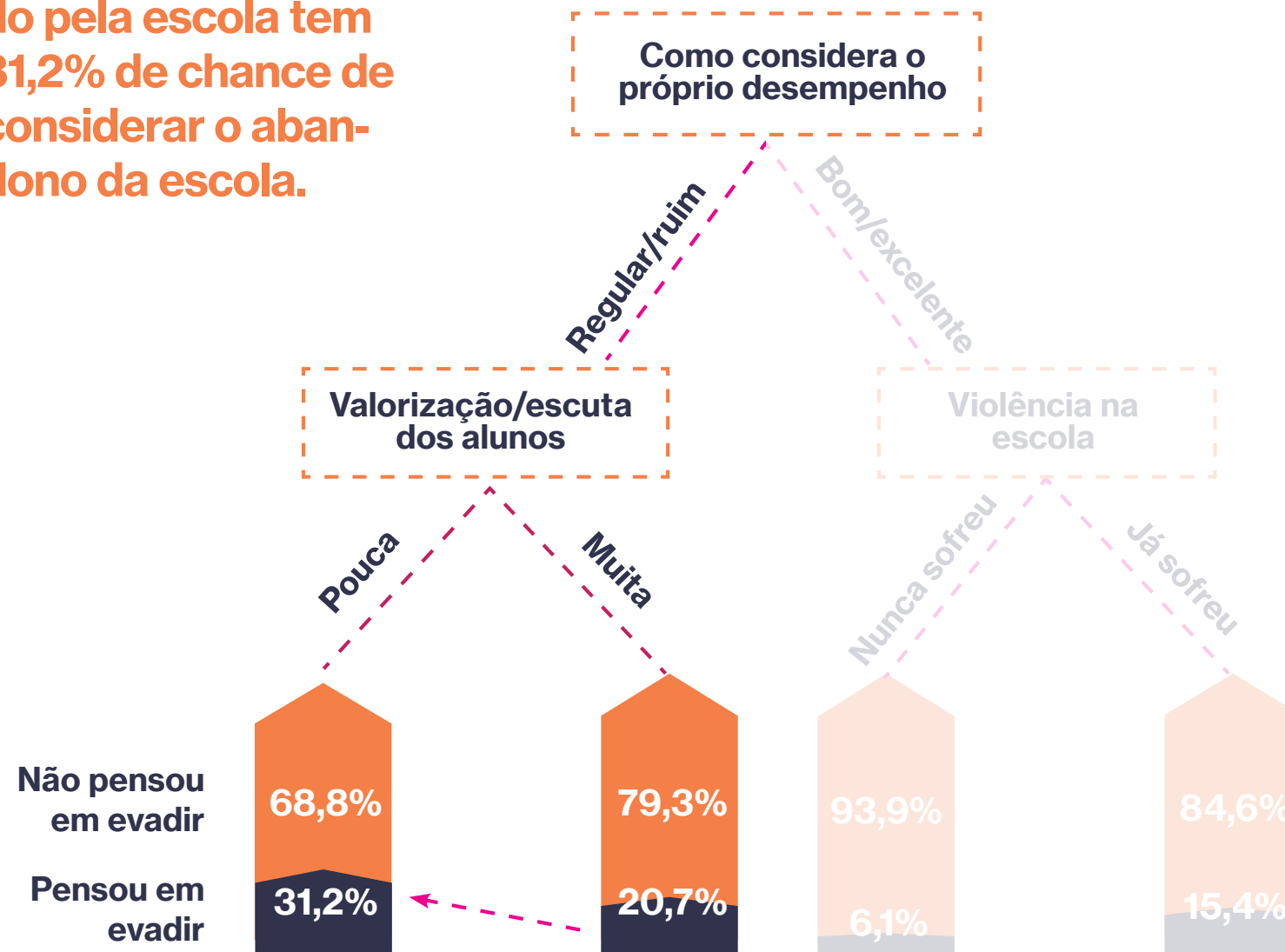
“Dá vergonha de ficar perguntando toda hora né?”

(Mulher, 17 anos, fora da escola, SP)

Olhando para esse público mais vulnerável – que considera seu desempenho insuficiente – vamos para o segundo nível dos preditores. Aqui, desconsidera-se os alunos de melhor desempenho para entender, entre aqueles com dificuldades, o que mais explica sua possibilidade de abandono. Aqui, o potencial de atuação da escola é explícito. **Um terço dos alunos de baixo desempenho que consideram a escola um lugar de pouca valorização e acolhimento dos jovens já pensaram em abandonar os estudos.** Esse número cai para 20% entre os que enxergam a escola como um espaço que valoriza os alunos.

⚡ **Avançando para o segundo nível de preditores, é ainda mais evidente a importância do papel da escola. Entre os jovens de baixo desempenho, o preditor mais relevante é a escuta e valorização da escola para as opiniões dos alunos.**

Um aluno com baixo desempenho e que não se sente ouvido pela escola tem 31,2% de chance de considerar o abandono da escola.





Os jovens que evadiram descreviam a postura de alguns professores como um dos *drivers* de sua decisão.

Relatavam como professores não tinham preparo para lidar com suas dúvidas e dificuldades e pareciam dedicar-se com mais afinco aos melhores estudantes.

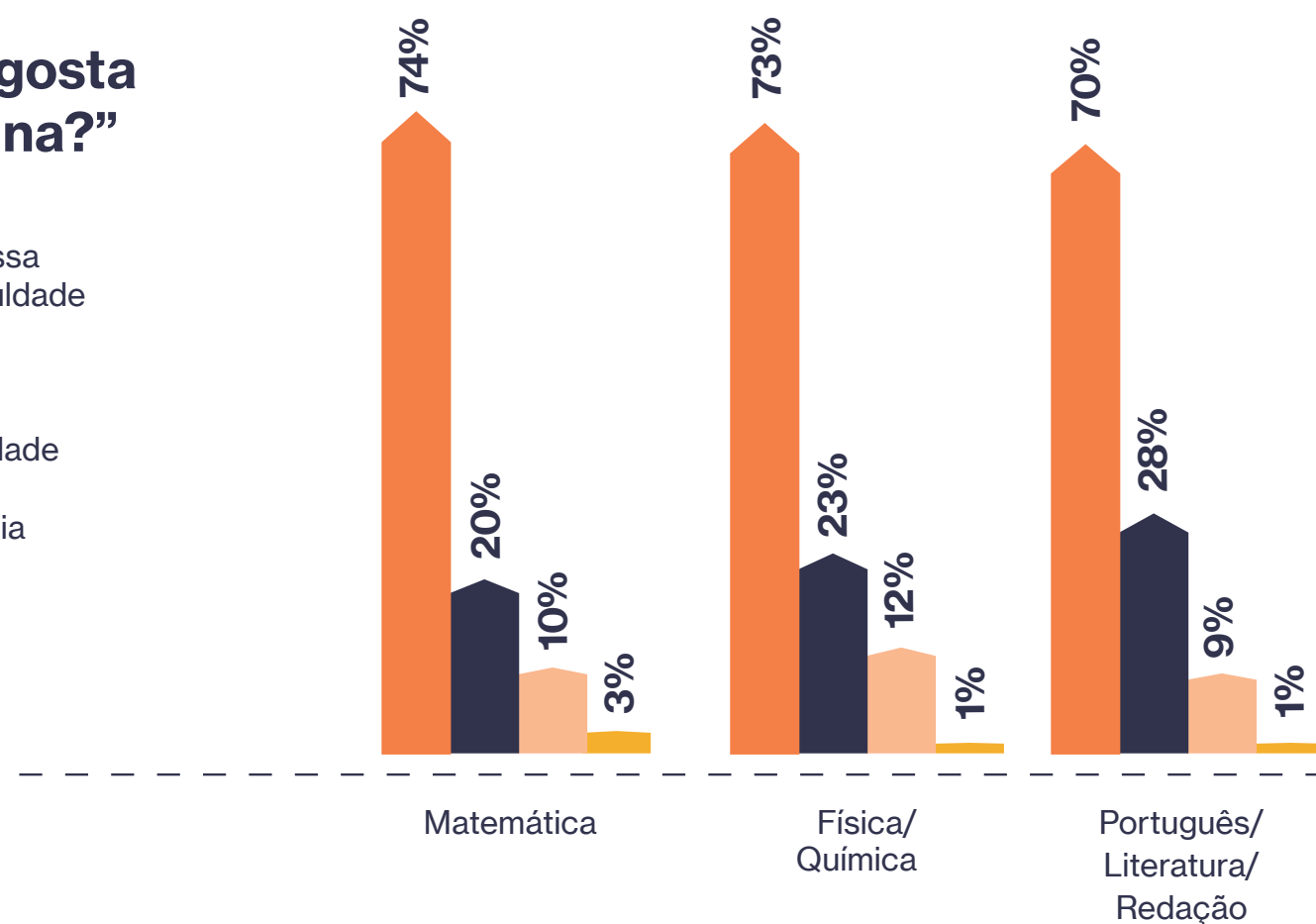
Com notas ruins e vergonha de pedir ajuda, esses estudantes se sentem, por um lado, desmotivados, e, por outro, com muita ansiedade. Alguns descreviam momentos em que não viam a hora de sair da sala. Do ponto de vista do professor, um dos grandes desafios é adaptar sua aula para a heterogeneidade dos alunos.

40% dos entrevistados têm defasagem entre idade e série, o que exemplifica o tamanho da dificuldade de adequação do conteúdo pelo docente.

Porquê não gosta desta disciplina?"

- Eu não vou bem nessa matéria/tenho dificuldade
- Professor ruim
- Sensação de inutilidade
- Não gosto da matéria

P23. Pensando nas disciplinas que você não gosta, por que você não gosta delas? (Base: 1.510)



A relação com os professores, muitas vezes pouco aberta à dúvidas e necessidades desmotiva os jovens, que acabam silenciando a dor da não aprendizagem e contribuindo para a decisão de abandonar a escola.

A relação conflituosa explica por que as principais causas para os alunos não gostarem de alguma disciplina na escola sejam dificuldade com a matéria e qualidade do professor .

“O que mais me tocava era eles [professores] **falando que do jeito que a gente era não conseguiria chegar em lugar nenhum. Eu não sei se eles falavam isso para motivar a gente, só que acontecia o contrário.** Porque muitos alunos faltavam, faziam as coisas de qualquer jeito

(Mulher, 16 anos, fora da escola, SP)

“Sim, alguns só ligavam para as notas, **não importava o que você fizesse nunca era suficiente e isso desmotivava pra caramba. Você acaba se sentindo insuficiente, mesmo dando o seu melhor.**”

(Mulher, 16 anos, fora da escola, Recife)

“O **professor não queria ver o nosso esforço.** Eu fazia o trabalho e ele dizia que não era suficiente. Eu ficava muito chateada, pensando em sair, porque eu não via sentido em estar me esforçando nisso, porque eu ia e entregava trabalho, eles diziam que não estava bom, que não era suficiente, **falava que a gente não tinha capacidade, que a gente era preguiçoso, que a gente era mal educada,** simplesmente porque a gente não fez aquilo da forma que eles queriam sabe?

(Mulher, 16 anos, fora da escola, SP)



“Eu nunca entendia a matéria de matemática, **as outras ia bem, mas MATEMÁTICA não era meu forte,** o professor explicava muito rápido, e **quando não entendia e perguntava pra ele, ele achava ruim**”

(Homem, 16 anos, fora da escola, SP)

“**Realmente tem professor que não tá nem aí pra gente,** teve uma vez que eu pedi para o professor de matemática me explicar de novo que **eu não tinha entendido ele falou todo grosso,** e falou umas águas (bobagens) lá”

(Mulher, 14 anos, 9º ano, Recife)

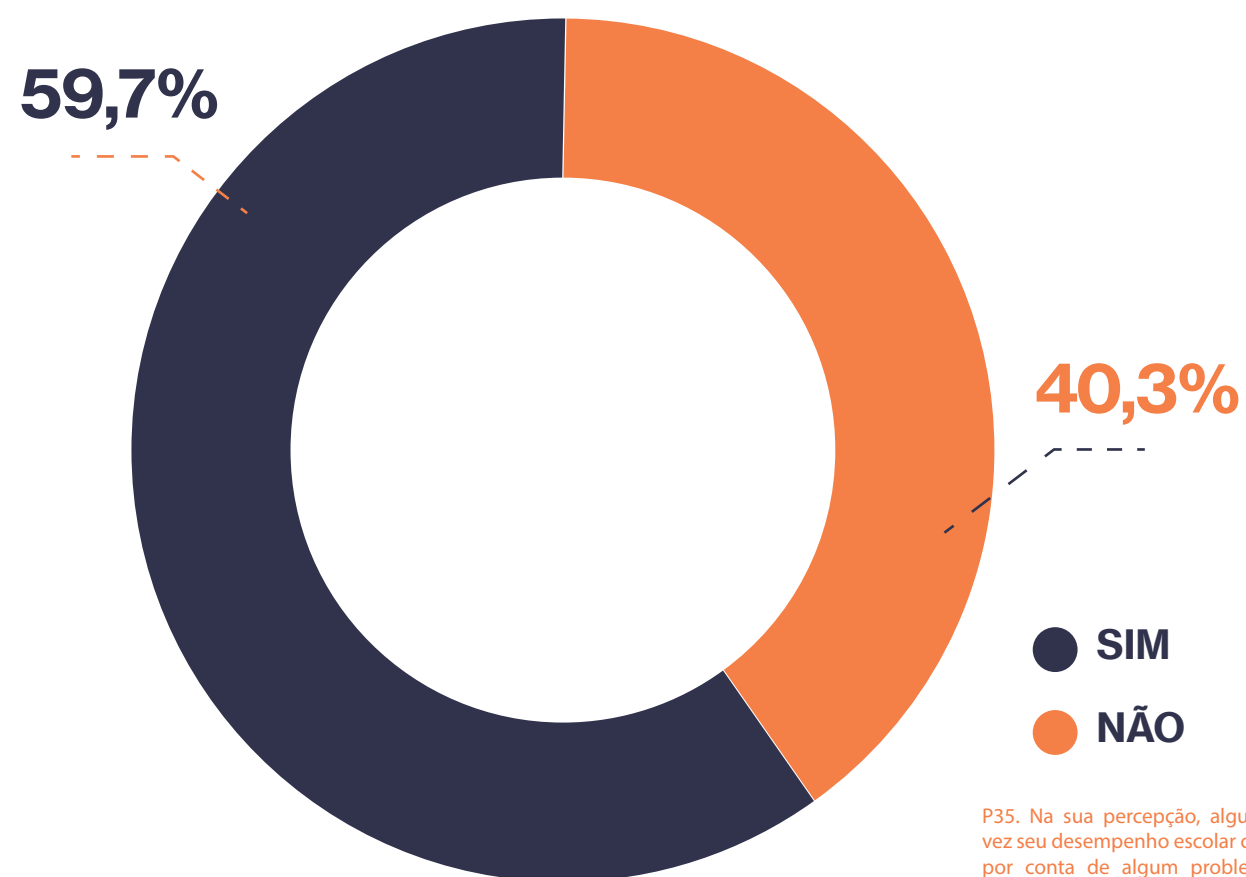
“Ano passado eu **tinha uma professora que selecionava os alunos que realmente ensinava.** Como em toda a sala, a minha sempre tem os alunos que não estão nem aí pra nada e que não tem respeito com o professor, mas eu ainda acho errado essa distinção e favoritismo, **o dever dela como professora é ajudar quem tem dificuldade, mas ela não tinha paciência**”

(Mulher, 14 anos, 9º ano, SP)

A importância de focar na capacidade de escuta e apoio do jovem que está com problemas de desempenho é destacada pelo fato de que **40% dos alunos relatam já ter tido queda de rendimento**

devido a problemas pessoais. Entre alunos que já abandonaram os estudos alguma vez, 45% discorda totalmente da frase "Minha escola me apoia/acolhe quando eu tenho problemas pessoais".

Alguma vez seu desempenho escolar caiu por conta de algum problema pessoal?

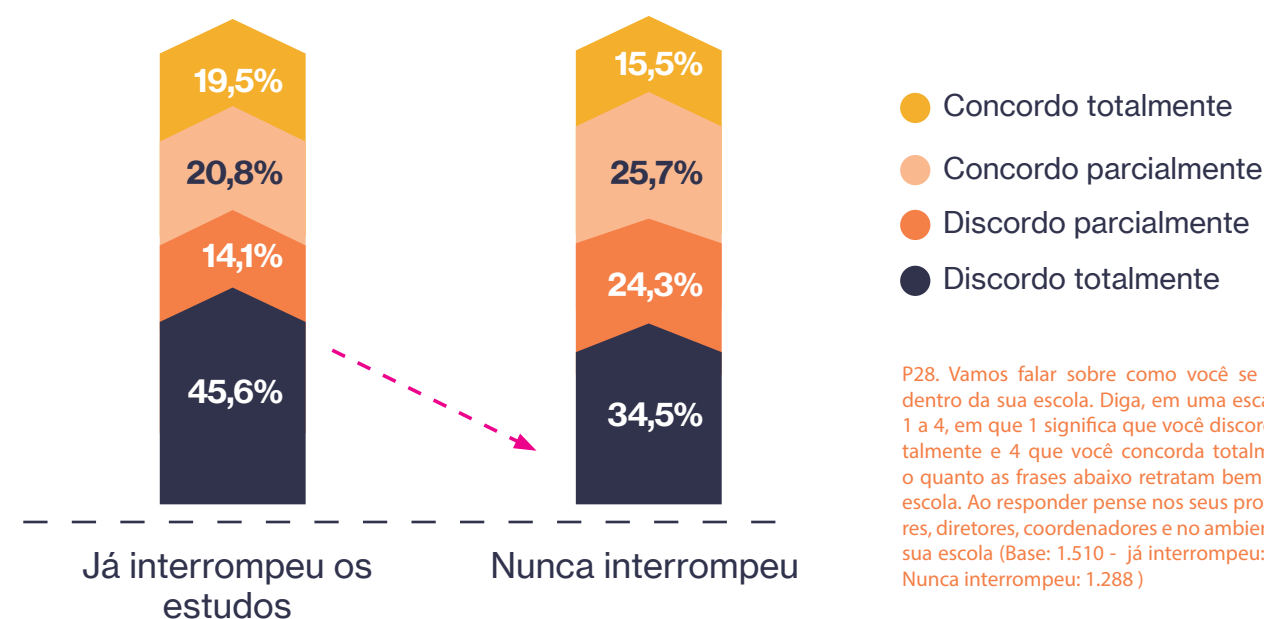


P35. Na sua percepção, alguma vez seu desempenho escolar caiu por conta de algum problema pessoal? (Base: 1.510)

Jovens que já interromperam os estudos são os que mais relatam falta de apoio e acolhimento pela escola.

Visão sobre a escola

Minha escola me apoia/acolhe quando eu tenho problemas pessoais



P28. Vamos falar sobre como você se sente dentro da sua escola. Diga, em uma escala de 1 a 4, em que 1 significa que você discorda totalmente e 4 que você concorda totalmente, o quanto as frases abaixo retratam bem a sua escola. Ao responder pense nos seus professores, diretores, coordenadores e no ambiente da sua escola (Base: 1.510 - já interrompeu: 222 / Nunca interrompeu: 1.288)



"Eu larguei a escola porque eu fiquei com depressão. **Eu não estava conseguindo acompanhar, não estava tendo motivação dos professores e nem compreensão pelo fato de eu estar doente psicologicamente.** Eu não estava conseguindo lidar com esse fato. Eu fiquei bem mal, eu não conseguia aceitar que eu tinha depressão. Eu não tentei voltar porque eu achei o ambiente da escola muito tóxico pra mim e eu não me sentia bem."

(Mulher, 16 anos, fora da escola, SP)

Ao enfrentar questões de saúde mental, ou mesmo desafios comuns da vida, mas sem o apoio em casa ou na escola, o jovem provavelmente irá enfrentar queda de rendimento escolar, aumento de faltas e isso estará associado à vergonha de pedir ajuda. Vimos como o que atrai os jovens à escola é o encontro com amigos.

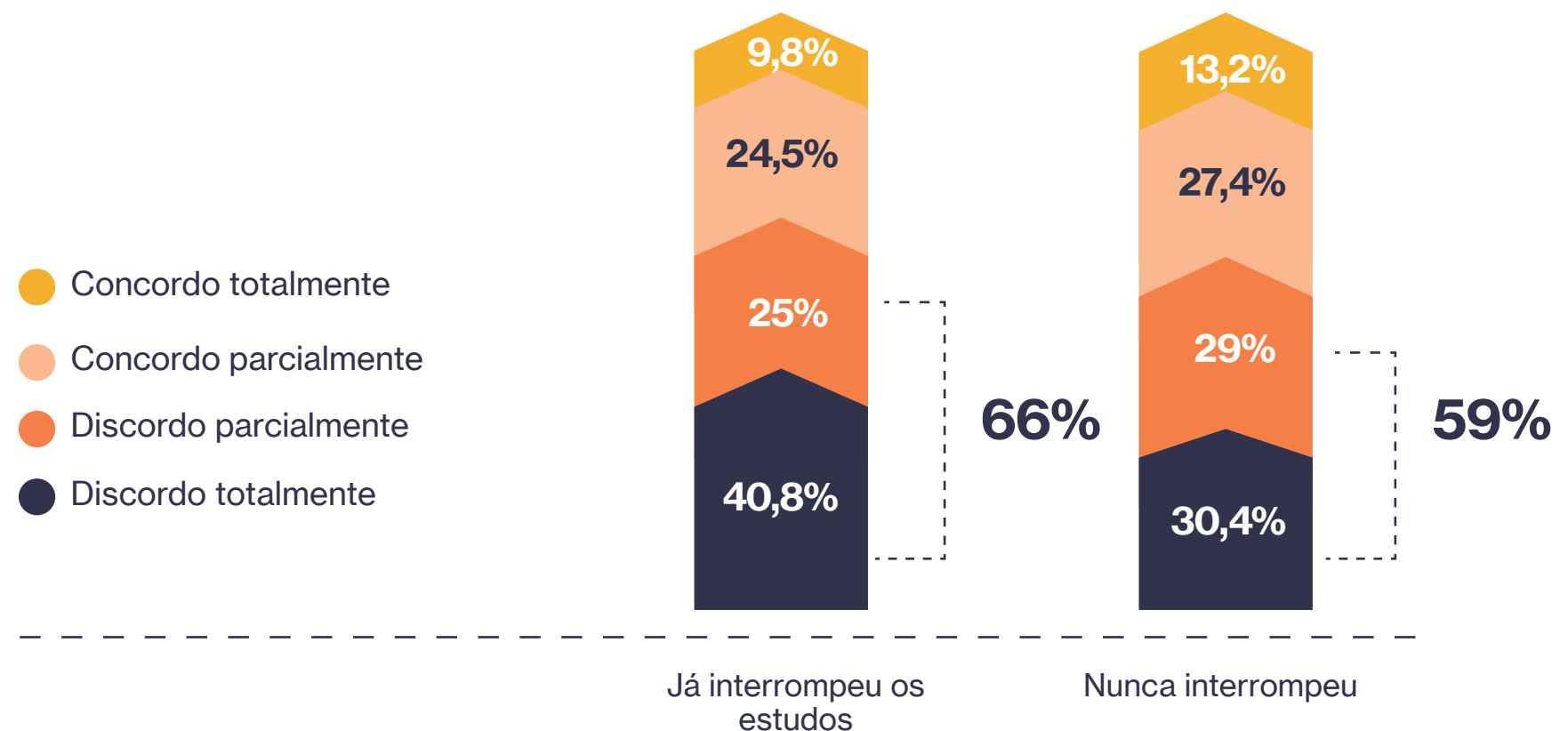
Se a escola deixa de ser um lugar onde “conhecem quem eu sou, meus desejos e preocupações”, há um grande aumento na probabilidade de abandono.

Enquanto a capacidade de acolhimento da escola é o principal preditor entre os alunos que se enxergam com baixo desempenho, os alunos de maior desempenho apresentam outros fatores explicativos para sua vontade de abandonar os estudos.

⚡ A percepção de que a escola não os conhece e a falta de pertencimento é maior entre os jovens que já consideraram abandonar os estudos.

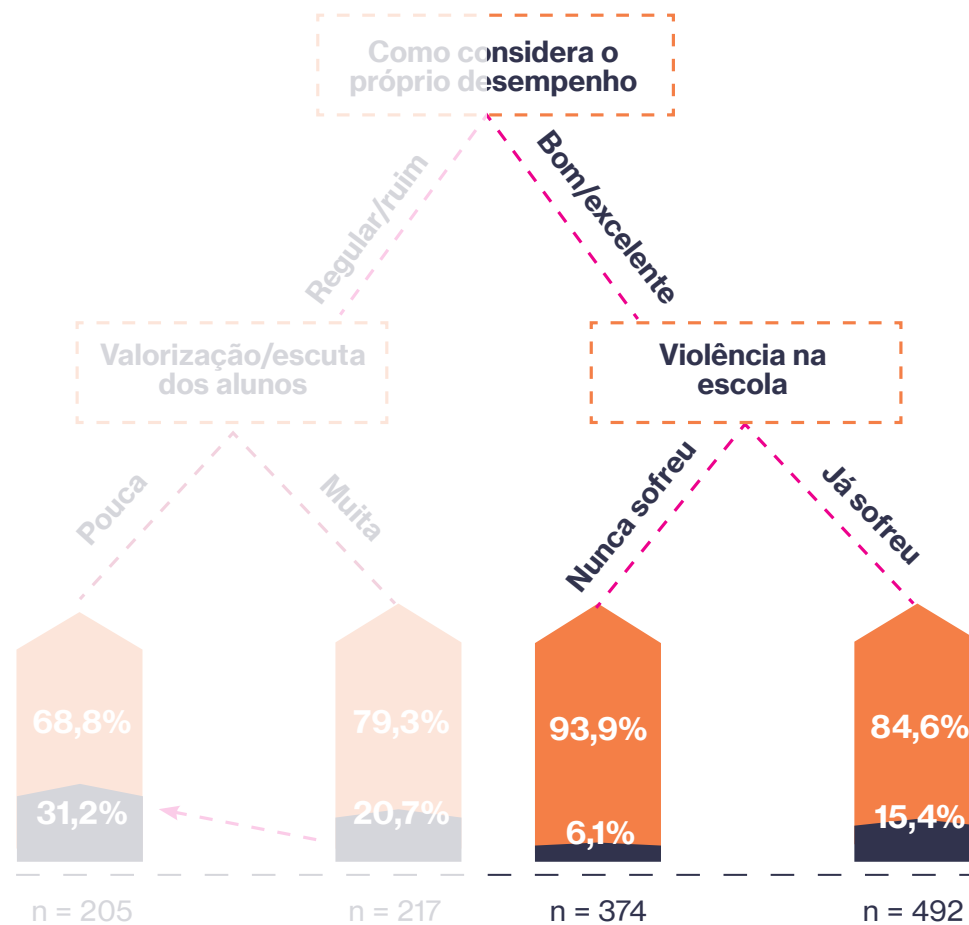
Visão sobre a escola

⚡ A minha escola conhece quem sou eu, quais são os meus desejos e preocupações



P28. Vamos falar sobre como você se sente dentro da sua escola. Diga, em uma escala de 1 a 4, em que 1 significa que você discorda totalmente e 4 que você concorda totalmente, o quanto as frases abaixo retratam bem a sua escola. Ao responder pense nos seus professores, diretores, coordenadores e no ambiente da sua escola (Apenas entre quem nunca abandonou - Base: 1.288 / Já considerou deixar de estudar: 208/ Nunca considerou: 1.080)

▣ Já entre os alunos com bom desempenho, o principal preditor para avontade de deixar a escola é a violência.



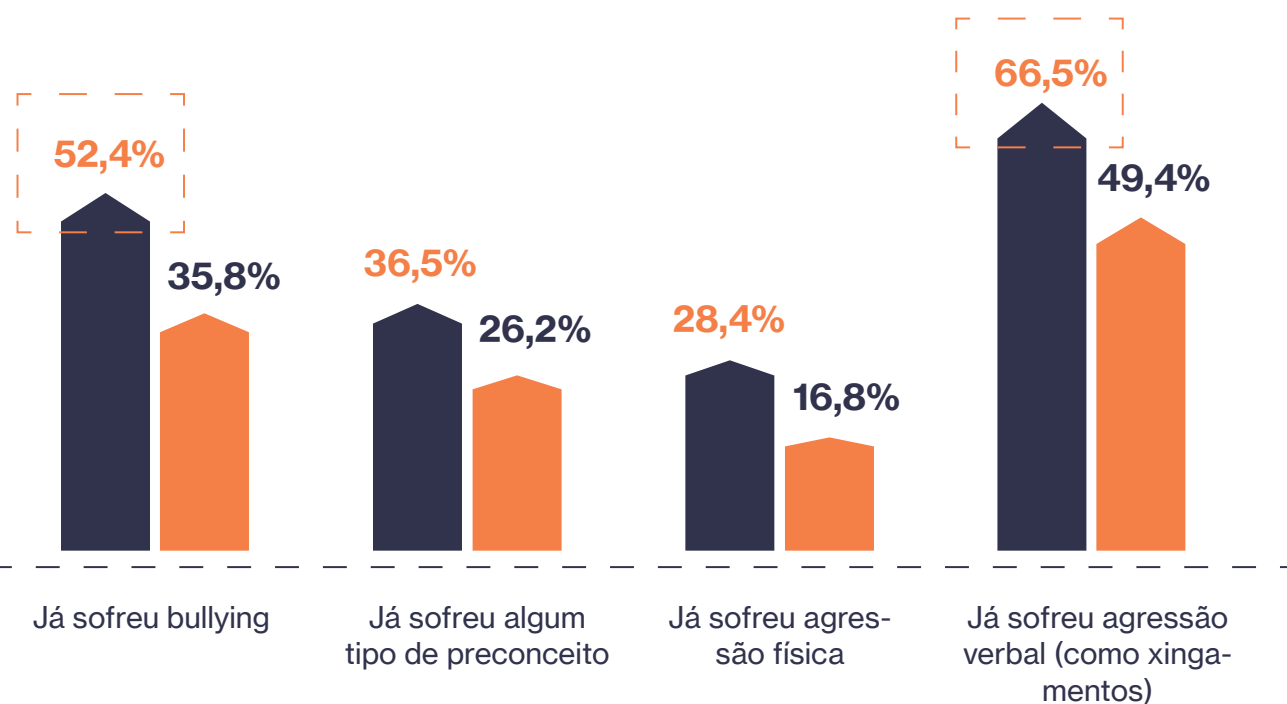
Mesmo com bom desempenho, um jovem que já sofreu violência na escola (bullying, preconceito, agressão física ou verbal) tem mais que o dobro de chance de querer abandonar (15,4%) do que aquele que nunca sofreu.

Jovens de bom desempenho que já sofreram violência na escola (qualquer tipo de violência) tem 15% de chance de considerar a evasão, contra apenas 6% entre jovens de bom desempenho que nunca sofreram nenhuma forma de violência.

A segurança na escola é um tema diretamente relacionado à descrição da gestão ideal apresentada pelos nossos entrevistados no capítulo anterior. A gestão rígida que eles pedem é uma direção capaz de conter um clima escolar de alto stress.

▣ Segurança na escola

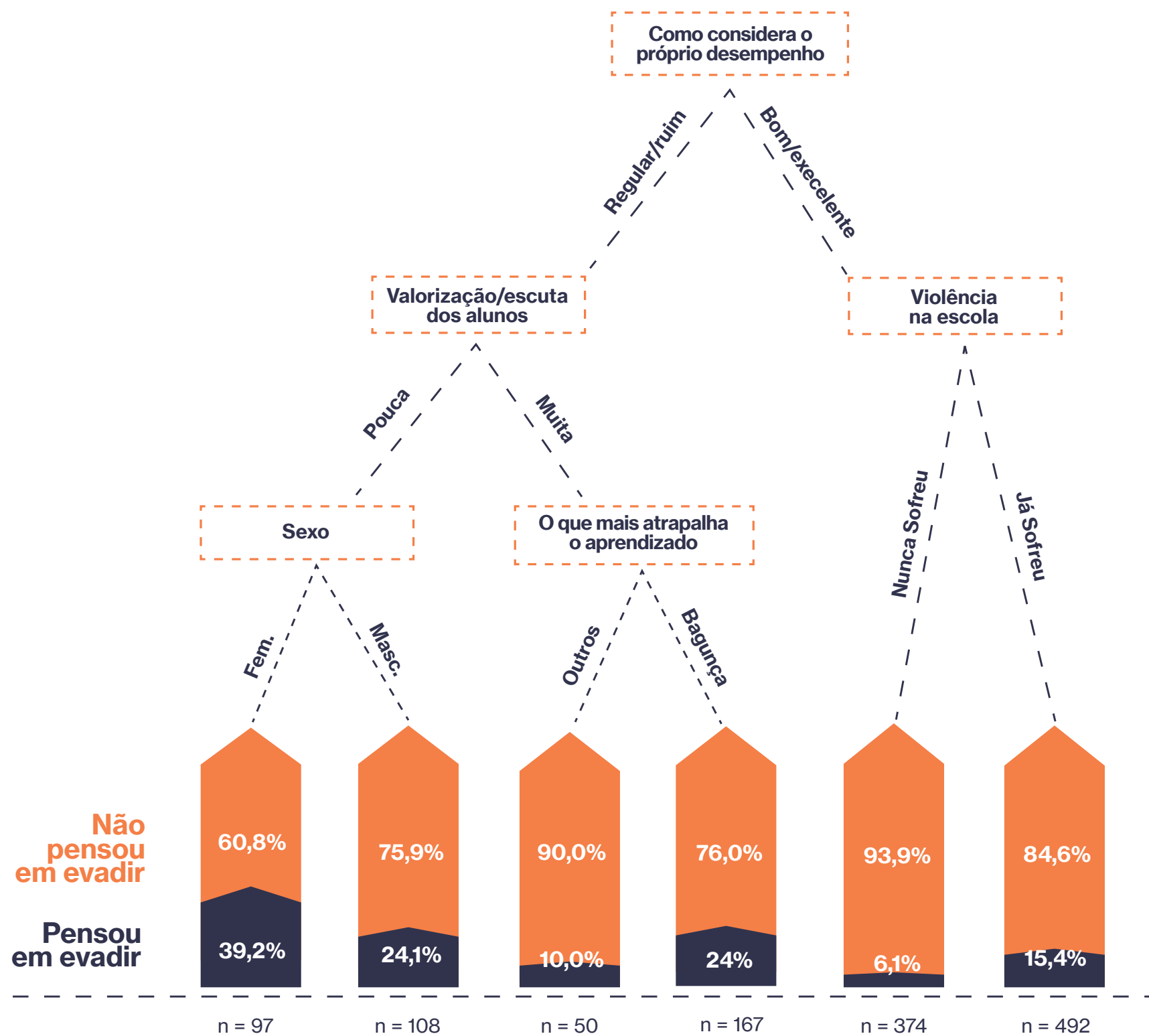
- Já considerou deixar de estudar ou já abandonou
- Nunca considerou



P29. Vamos falar sobre questões de segurança em sua escola. Indique se já passou por algum dos casos abaixo. Base (já considerou/já abandonou): 430 / ((nunca considerou): 1.080)

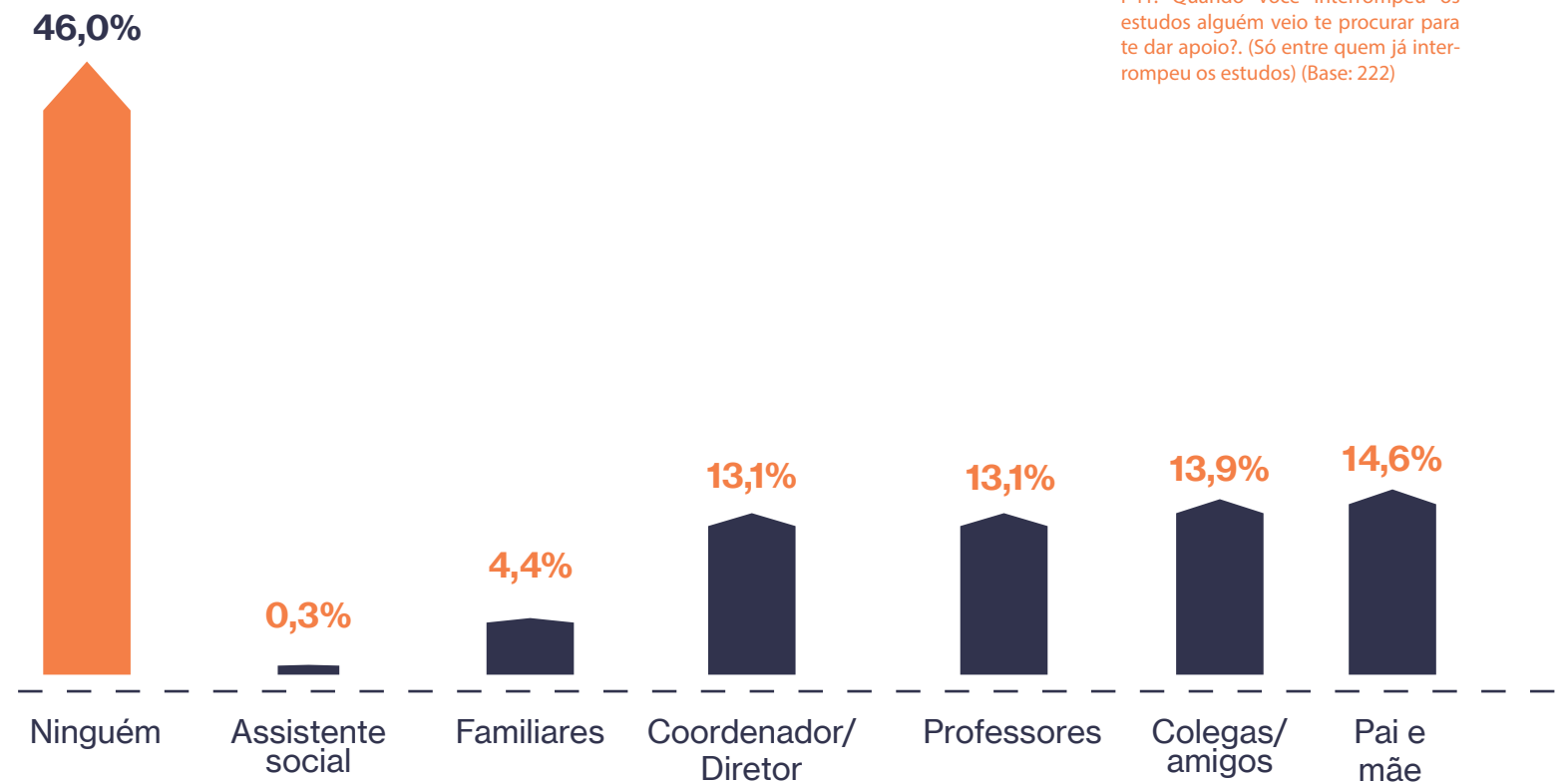
▣ O terceiro (e último) nível de preditores reforça a importância da gestão escolar e traz um fator socioeconômico importante.

A capacidade de organização escolar pela direção também aparece em outro ramo da nossa "árvore de decisões". Os alunos de baixo desempenho, que enxergam a escola como um espaço de acolhimento, mas que ainda assim dizem que o excesso de bagunça é a principal barreira para seu aprendizado tem 24% de chance de considerarem abandonar. Alunos do mesmo perfil, mas que apontam como barreiras de aprendizado questões mais estruturais, têm 10% de probabilidade. Quando há baixo desempenho e pouca escuta, aí o principal fator é o gênero dos alunos. Entre as meninas nesse perfil, quase 40% dizem considerar abandonar, contra 24% dos meninos.



Metade dos jovens que interromperam os estudos não foram procurados por alguém para mudarem de ideia.

Evasão



P41. Quando você interrompeu os estudos alguém veio te procurar para te dar apoio?. (Só entre quem já interrompeu os estudos) (Base: 222)

A sensação de acolhimento e organização do ambiente escolar são fatores que podem atenuar o desejo de abandono entre estudantes de baixo desempenho.

O que liga esses jovens à escola são as relações construídas com amigos e professores.

Bom clima escolar, professores presentes, gestão da sala de aula e infraestrutura são importantes e valorizados para que os jovens se conectem com a escola e tenham estrutura para aprender.

Com a falta de apoio e escuta tão marcada na vida dos jovens que abandonaram os estudos, não surpreende ver que a maioria não recebeu apoio ao tomar a decisão de sair da escola.

“Se um dia eu fosse [voltar] para a aula, o que teria de diferente seria **mais disciplina, teria mais ordem**, porque acho que hoje em dia é muito difícil ter em escolas. As aulas seriam as mesmas, mas seria mais organizado, não **seria essa bagunça de ter aula vaga todos os dias**, o ensino seria melhor”

(Homem, 16 anos, fora da escola, SP)



“Era mais que uma professora para mim, eu podia contar com ela para tudo, sempre conversava com ela dos meus problemas pessoais. Ela sempre carinhosa comigo, me ajudava bastante.”

(Mulher, 18 anos, fora da escola, Recife)



⚡ Importância da escuta e espaço de acolhimento

Rafaela, 21 anos, mora na zona leste da capital paulista, tem uma filha de sete meses e está desempregada

Parou de estudar no primeiro ano do EM por preferir trabalhar. Mora com o pai, a filha, duas irmãs e uma sobrinha de seis anos. A irmã mais velha, assim como Rafaela, não terminou os estudos, por ter engravidado.

A decisão de começar a trabalhar foi para comprar coisas para si que o pai não tinha condições de pagar.

Quando começou a trabalhar conseguia conciliar, mas só porque nunca foi “muito ligada na escola”.

Ela estudava de manhã e trabalhava a partir das 14hs: “Eu tinha mais vontade das coisas do que interesse na escola”.

Seu pai, quando jovem, também parou os estudos para trabalhar.

Quando Rafaela decidiu deixar a escola achou melhor não contar ao pai. “Ninguém veio, conselho tutelar, essas coisas.”, ela lamenta que ninguém da escola telefonou, mandou uma carta ou procurou seus pais. “Eles simplesmente desistiram”.

Ela afirma que o pai sempre foi rígido com relação aos estudos, por isso se a escola tivesse entrado em contato a chance dela ter abandonado a escola seria menor. Ele só veio saber do fato um ano depois.

Hoje, percebe não deveria ter largado os estudos: “eu não tinha a visão que tenho hoje. Eu não sabia como o mercado de trabalho era disputado”.

Um problema de visão e falta de compreensão da escola também contribuíram para seu desinteresse nos estudos: “Eu não enxergava muito as letras na lousa. Daí falava pro professor e parecia que eu não tava falando a verdade. Não tinha alguém ali para me incentivar (...) para quem já não quer, um pingão é uma letra.”

Soma-se à falta de apoio a percepção já mencionada de irrelevância das aulas para a vida profissional desses jovens.

O retorno aos estudos é marcado por um desejo de “terminar”, pensando nos ganhos práticos do diploma (status e emprego).

Por isso, a descrição dos que abandonaram sobre o que teria de mudar para eles voltarem passa por pouco vínculo e pragmatismo. Eles sentem que teriam de enfrentar alguns desafios:

❑ **Mal estar e vergonha** por não compreenderem alguns assuntos;

❑ A percepção de **falta de compreensão dos professores** quando não acompanham determinados conteúdos;

❑ **A adaptação na sala de aula** por estarem mais velhos e sem os antigos colegas;

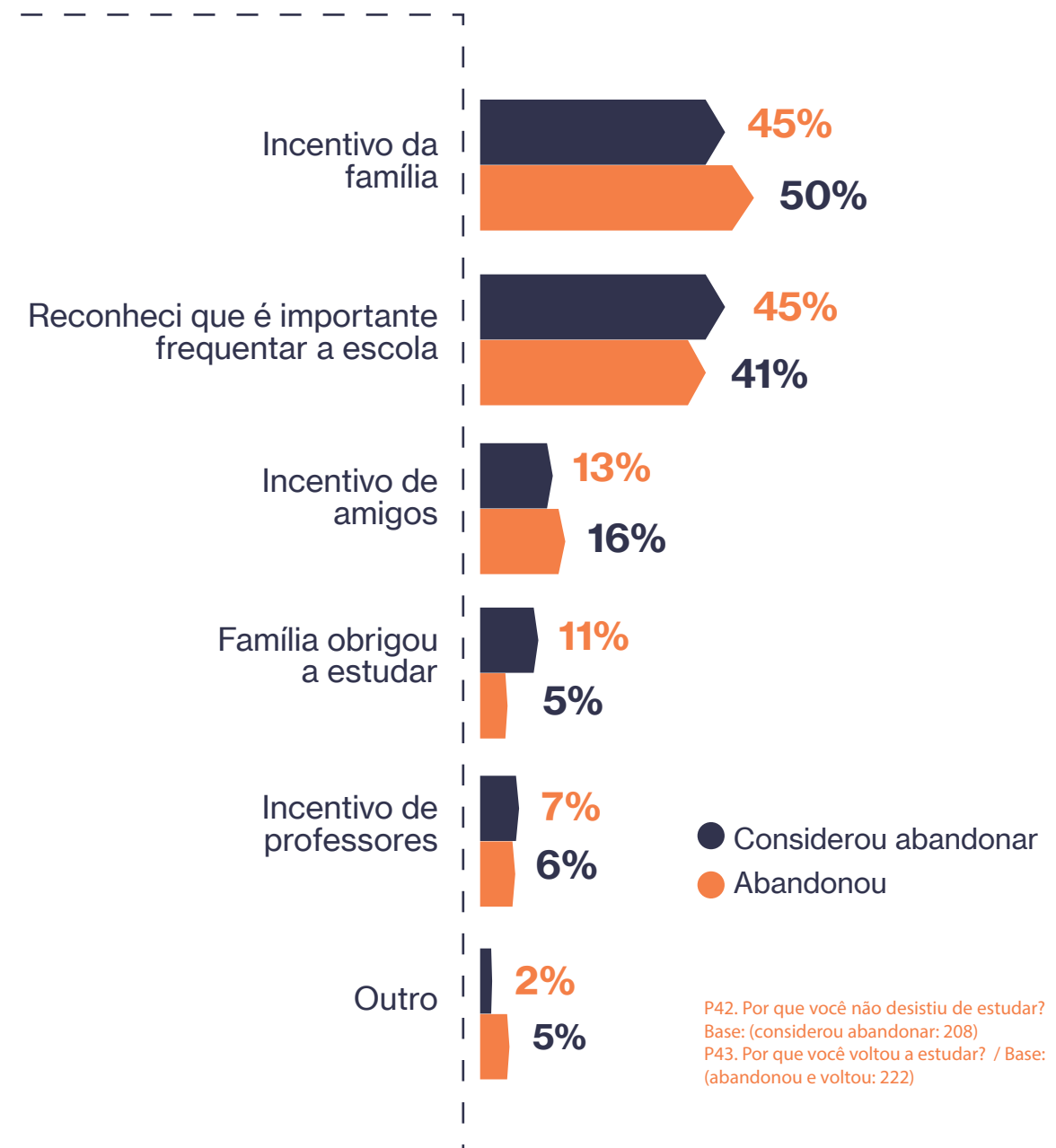
❑ **Falta de tempo e dificuldade em conciliar** responsabilidades.

É latente a tensão entre o desinteresse em algo que eles não sentem ser tão importante, e a pressão que descobrem, após terem abandonado, por não terem um diploma do Ensino Médio. **Aparece, então, críticas à forma como a escola se posiciona frente aos desafios da “vida real”, e arrependimento por terem abandonado.**

❑ **O incentivo da família e o reconhecimento de que poderiam alcançar mais objetivos estudando são os principais motivos para voltar/continuar a estudar.**

Evasão

❑ **Por que não abandonou/ por que voltou a estudar**



“Sabemos que nada nessa vida é fácil, mas para isso precisamos ralar muito, **vou correr atrás dos meus sonhos e com o apoio da minha família e fé em Deus eu consigo alcançar minhas metas e objetivos!**”

(Homem, 20 anos, fora da escola, Recife)

“Falar que a pessoa **tem que estudar porque tem que estudar, não é assim.** Quem não tem visão do mundo acha que tudo é fácil. **Se eles explicassem mais como seria o mercado de trabalho para o jovem acho que muitos não iriam largar os estudos.**”

(Mulher, 21 anos, fora da escola, SP)

“**Ela foi minha luz na escuridão, a força que eu precisava para viver.** Através da vida dela hoje eu tenho vontade de **terminar meus estudos, fazer uma faculdade.** Tenho o sonho da casa própria, de um cargo melhor. Através da vida dela hoje eu tenho sonhos e sonho alto, **quero que ela tenha um grande futuro, vou fazer por onde.**”

(Mulher, 21 anos, fora da escola, SP)

Me vejo muito para frente dos jovens da minha idade, a **vida me cobrou responsabilidades muito cedo, mas me vejo uma batalhadora,** uma jovem sonhadora e sei que **ainda dá tempo de terminar os estudos, fazer uma faculdade, ter um cargo melhor** e dar mais atenção para minha família e amigos. Sou um pouco ‘marruda’, às vezes quero muita coisa ao mesmo tempo e acabo deixando coisas de lado, mas com foco e Fé eu chego lá.”

(Mulher, 21 anos, fora da escola, SP)



“Eu não perdi nada ali naquele momento [quando deixou a escola]. Só ganhei tempo para dormir mais, para fazer o que eu queria. E o meu futuro? **O meu futuro está me cobrando agora.**”

(Mulher, 21 anos, fora da escola, SP)

Em meio aos arrependimentos e reconhecimentos das dificuldades de conseguirem empregos e melhor renda, os jovens que evadiram mostram muita resiliência e esperanças. **Alinhado com a valorização da imagem dos “batalhadores”, que vimos anteriormente, eles se enxergam como pessoas de muito esforço e superação.**

E, sendo muitos deles pais e mães, a presença dos filhos serve como um apoio e motivação para crescerem profissionalmente e até considerarem o retorno à escola.

Os desafios para evitar a evasão e trazer os que abandonaram de volta para os estudos são diversos, e passam por mudanças na forma como a escola se comunica com esses jovens, por apoio ao professor que tem de enfrentar uma heterogeneidade de alunos em ambiente conflituoso e pela atenção especial àqueles que demonstram potencial de abandonar. O retorno aos estudos ocorre principalmente por esforço da família, e não da escola

Dado isso, devemos pensar em como as escolas estão lidando com os desafios pessoais enfrentados pelos estudantes, que tocam, mesmo que indiretamente, em temas de saúde mental.

_04 **desafios e** **redes de** **apoio**

As falas dos jovens evidenciam a importância de suporte (amigos, professores, psicólogos) e de escuta para lidarem com seus principais desafios:

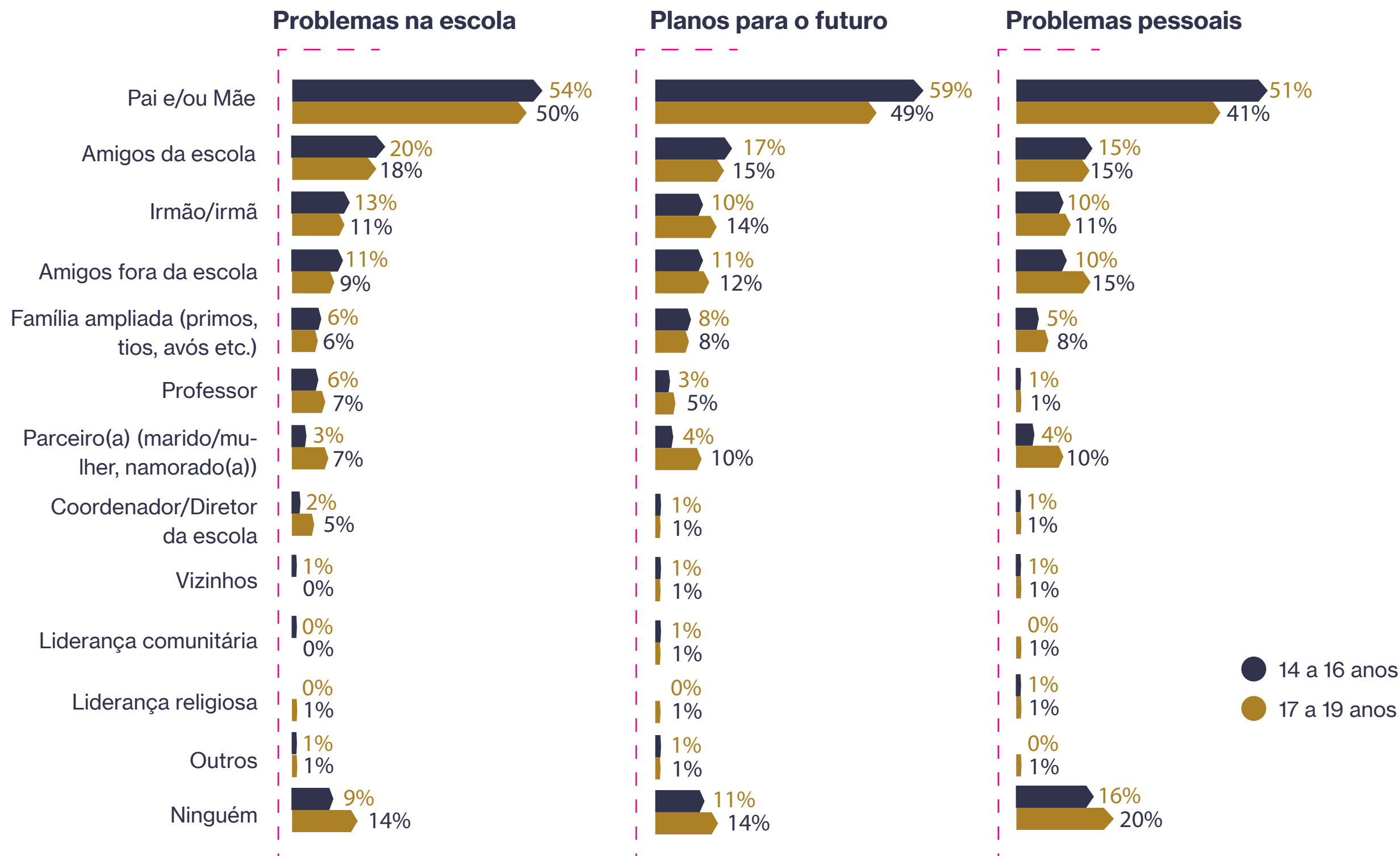
problemas pessoais, solidão, ansiedade, pressão e bullying etc. Muitos jovens sentem que seu desempenho já foi afetado por questões pessoais, mas não sentem que há um espaço para falar sobre esses problemas. Esse estudo tem um enfoque direcionado ao papel da escola no acolhimento dos jovens. No entanto, não podemos esperar que a comunidade escolar atue sozinha na resolução destes problemas. Fica evidenciado, pelos dados e pelas falas dos entrevistados, a necessidade de políticas intersetoriais, que possibilitem a oferta de serviços de assistência social para jovens vulneráveis, conectados a suas estruturas familiares, a suas condições de vida e às especificidades locais.

Exatamente porque a escola é um dos principais espaços de socialização dos jovens, muitas vezes eles mostram altas expectativas em relação ao acolhimento oferecido pela comunidade escolar e pelos professores. As entrevistas foram marcadas por descrições de docentes que demonstravam alta capacidade de conexão com os alunos e de gestores escolares que construíam vínculos de

confiança e mostravam abertura para apoiar os estudantes mesmo em questões pessoais. No entanto, os alunos ainda descreviam situações de conflito e demandam melhores canais de acolhimento na escola. Quando eles não têm um docente específico com quem comunicar dores e angústias, opiniões ou discutir interesses, **a escola passa a ser descrita como um espaço onde não se sentem acolhidos.**

Os pais são o principal ponto de apoio dos jovens para discutir problemas na escola, ou o seu futuro e mesmo problemas pessoais. No entanto, um olhar atento mostra que, se entre 9% e 14% não têm ninguém para falar sobre problemas na escola, para os problemas pessoais faltam espaço de diálogo para 16% a 20% dos jovens, dependendo de suas idades. **Fora da família mais imediata e de amigos, o professor é uma figura quase ausente nas discussões sobre temas que preocupam os jovens.** Ainda aparecem para em torno de 7% quando há problemas escolares. Mas não são considerados um ponto de apoio para discutir problemas pessoais. Os jovens não relataram outras lideranças comunitárias ou religiosas como possibilidades de escuta em casos de problemas pessoais.

Com quem conversa sobre



P7. Com quem você costuma conversar sobre: Problemas nos estudos ou na escola/ Planos para o futuro/ Problemas pessoais (Base: 1510)



“Na minha escola era muita pressão colocada, como era do Ensino Médio, era muita pressão. Os professores até ajudavam, mas eu acho que deveria ter uma ajuda psicológica em relação a isso. Porque eram muitos adolescentes tendo crise de ansiedade e não sabiam lidar com isso.”
(Mulher, 17 anos, 3ºEM, Recife)

“Muitas pessoas precisam desse apoio mental, porque **muito aluno desenvolve ansiedade, depressão, na minha escola eu conheço vários casos. Não faz sentido uma escola não saber lidar com os próprios alunos**”.

(Mulher, 21 anos, fora da escola, SP)



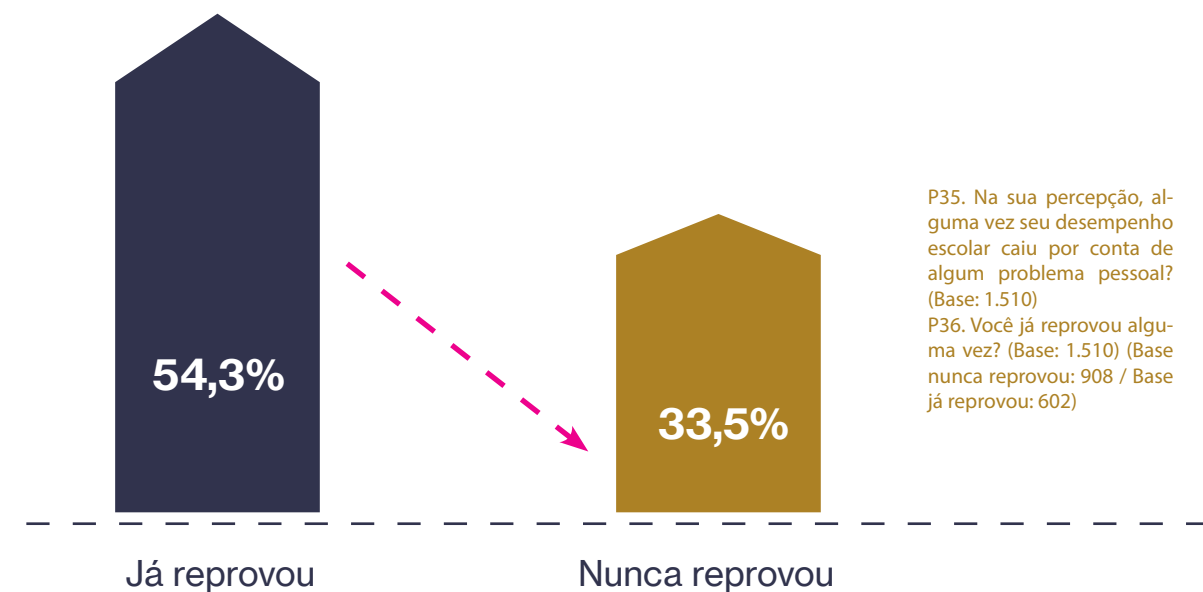
“Aí todos os alunos poderiam se abrir, falar de coisas que nem os pais sabem do que o filho está passando, mas a psicóloga vai saber falar com esse aluno que está transtornado ou até mesmo pensando em suicídio”
(Homem, 20 anos, fora da escola, Recife)

Fora dos círculos imediatos, os jovens se sentem ainda mais distantes de espaços de acolhimento. Seja para discussões sobre o futuro ou para questões da escola, buscas no Google aparecem como principal fonte de informações, seguidas do Youtube – esse, como era esperado, em maior nível para problemas na escola, que incluem dificuldades em disciplinas. Em relação a problemas pessoais, no entanto, mesmo os sites de busca e o conteúdo pronto do Youtube perdem importância. Entre os mais novos (14 a 16 anos), 56% não sabem onde procurar apoio. Cruzando os problemas pessoais que afetam o rendimento escolar e as reprovações, vemos que 55% dos que já tiveram de repetir uma série já tiveram questões pessoais impactando sua performance, contra 34% entre os que nunca reprovaram.

Há um reconhecimento latente de que o problema de escuta e acolhimento afeta a todos.

As falas de alunos que abandonaram indicam que problemas que levaram à evasão poderiam ter sido detectados antes, caso a escola estivesse preparada para lidar com as angústias dos adolescentes.

Alguns vezes seu desempenho escolar caiu por conta de algum problema pessoal?



“Uma das soluções que tem na minha escola, que não é muito eficaz, mas pelo menos eles tentaram fazer, é um grupo de conversa com psicólogos e alunos. Foram alunos da faculdade Anhanguera de Psicologia e eles foram conversar com os alunos. No começo estava sendo muito bom, ajudando muitos alunos a melhorar. O problema é que muitas vezes eles forçam os alunos a falar com os pais e isso é chato, porque as vezes os filhos não querem atrapalhar ou acham que não precisa”.

(Mulher, 15 anos, 9º ano, SP)



Desempenho e abandono

Higor, 20 anos, mora na Cidade Dutra, São Paulo e trabalha como ajudante do pai, em uma empresa de revenda de materiais de construção.

Com 4 anos, Higor teve diagnóstico de epilepsia, começou a frequentar a escola com 7 anos e teve muitas dificuldades, devido à medicação: “Eu chegava na escola já dopado. Tomava o remédio cedo.”

A mãe teve dificuldade em achar escola que o aceitasse:

“Até a segunda série a minha mãe teve que ficar dentro da sala de aula comigo, porque a escola não queria se responsabilizar por mim. Se eu tivesse uma convulsão lá dentro eles não sabiam o que fazer”.

Higor sempre sofreu bullying, era chamado de “demente”, “gardenal”.

“Dos meus 12 anos quando se agravou eu tinha mais convulsão, chegou uma fase que só de eu ir para escola eu ficava com

medo. Porque ... convulsionava e as crianças ficavam rindo de mim.”

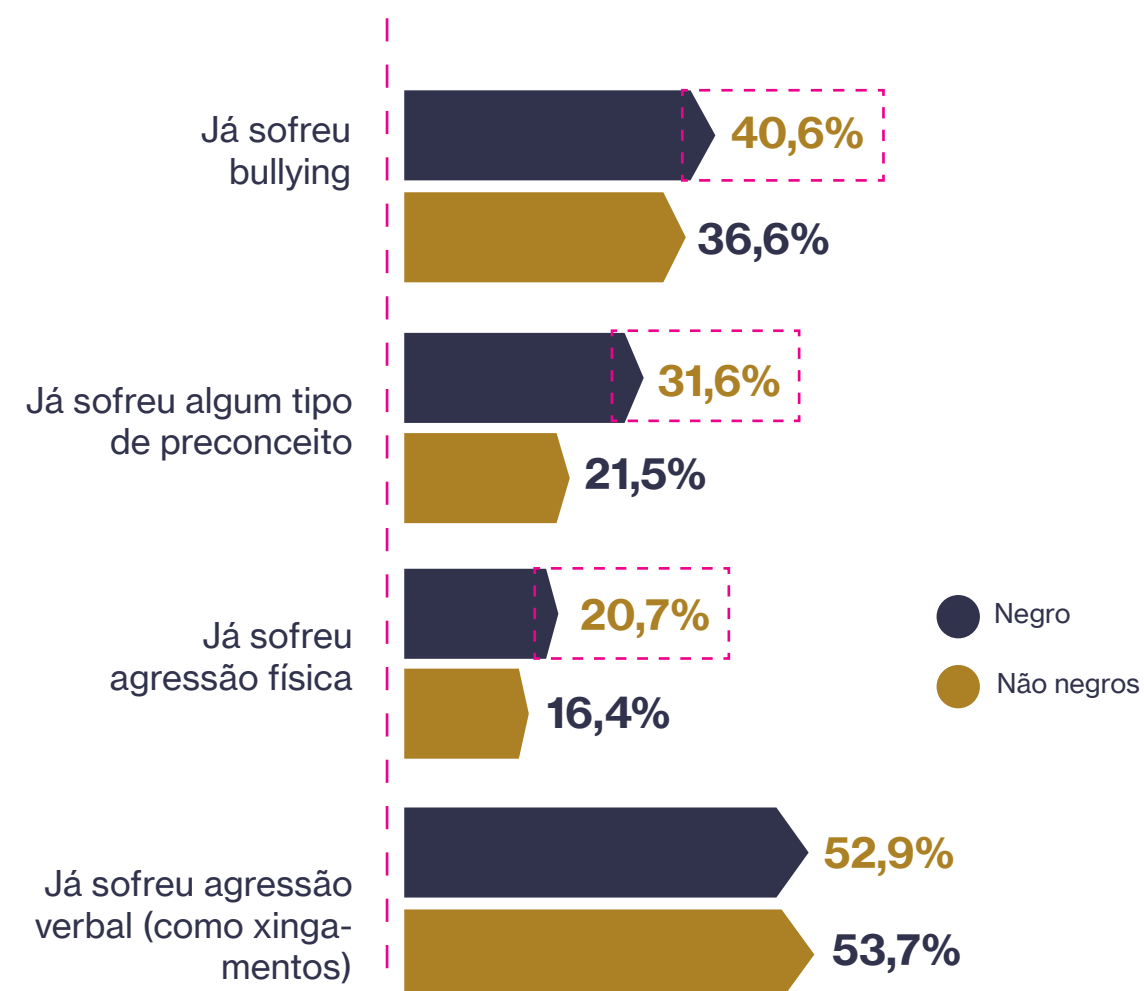
Reprovou vários anos do fundamental. Na oitava série ele decidiu parar de frequentar a escola.

“Tinha coisa da 5ª, 6ª série que eu não tinha aprendido ainda. Eu não sei coisas básicas, eu tenho muita vergonha, o pessoal pergunta para mim ‘pô mano você não sabe disso, já vai fazer 20 anos. Você sabe coisas básicas de criança.’ Pô mano não sei.”

Os alunos, inclusive os mais novos, de 9º ano, reconhecem que a organização do espaço escolar não favorece a percepção de que alguns jovens enfrentam problemas de ansiedade, depressão ou outros. Mais uma vez, imaginam que o professor seja a pessoa indicada a identificar os casos que demandam um apoio mais próximo.

As demandas de saúde mental não são distribuídas uniformemente pelos alunos. Há evidências de que alguns grupos estão mais sujeitos a necessidade de espaços de acolhimento especializados. Nossa pesquisa identificou que a violência no âmbito escolar afeta de maneira diferente brancos e negros.

Segurança na escola



P29. Vamos falar sobre questões de segurança em sua escola. Indique se já passou por algum dos casos abaixo. Base (negros): 998 / (não-negros): 512

O racismo carrega consigo, além da violência física ou verbal, também uma violência simbólica. Na criação de memes sobre como gostariam de ser e como realmente são, discutida no capítulo Projeto de Vida, os jovens mostraram implicitamente um dos efeitos simbólicos da desigualdade racial.

A aspiração a posições de sucesso exemplificadas por homens brancos, confrontada com a realidade de um ambiente escolar em que dois terços dos alunos é negro é um fator que pode

agravar ainda mais o desafio de acolhimento do ambiente escolar.

As entrevistadas e entrevistados negros relatam a forma como a questão racial é materializada na formação e exclusão dos “grupinhos” na escola.

Os jovens, então, reconhecem que suas escolas não estão preparadas para lidar com bullying, preconceito e agressões – o que explica o entendimento dos alunos sobre a necessidade de uma gestão mais disciplinadora, visto no capítulo anterior.

“Eu sempre tive o meu cabelo afro, **meu cabelo cacheado. Aí tinham várias meninas que sempre vinham, tiravam onda, diziam ‘olha o cabelo de bucha, cabelo de não sei o que’.** Aí uma vez eu revidei, mas tudo bem, ficou tudo bem com ela graças a Deus”.

(Mulher, 17 anos, fora da escola, Recife)

“Além das brigas, tinha bullying, **era sempre um chamando de macaco, ficavam lá chamando,** botando apelido nos outros, falando coisa desnecessárias.”

(Mulher, 17 anos, fora da escola, Recife)



“Meus pais queriam que eu fosse um empresário bem sucedido e de sucesso.”



Como seus pais gostariam que fosse

“Eu gostaria de ser um advogado, ajudar as pessoas em seus direitos.”



Como você gostaria que fosse

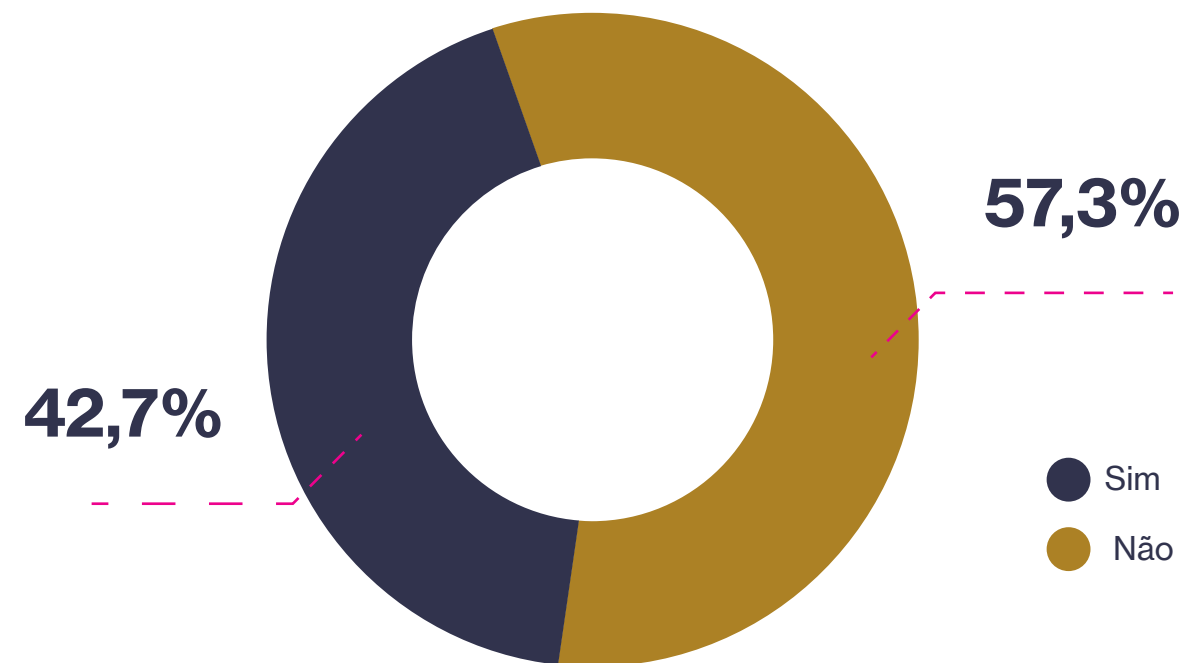
(Homem, 20 anos, fora da escola, SP)

“E acho que vou ser barbeiro o resto da vida”



Como você acha que realmente será

:: Sua escola está bem preparada para lidar bem com problemas de preconceito, bullying, agressões?



P30. Você acredita que a sua escola está bem preparada para lidar bem com problemas de preconceito, bullying, agressões etc.)? (Base: 1.510)



Case: protagonismo de alunos

:: A falta de apoio e valorização para projetos trazidos pelos alunos é presente nos relatos dos jovens, que se mostram frustrados e desmotivados

>> Estudantes do nono ano quiseram **fazer um clube de jornalismo na escola, numa sala que fica fechada.**

>> **Se dispuseram a limpá-la e organizá-la. Fizeram e depois foram impedidos de usar a sala, pois o diretor disse que seria usado para outro fim.**

“É porque, veja só, se a questão for o que eu posso fazer para mudar a minha escola, sinceramente, nada. Eu e os alunos estamos dispostos a ir lá, limpar, passar pano, varrer e arrumar para ficar bom para os outros alunos e para gente mesmo. Já mostramos disposição para isso.

Mas toda vez que a gente tenta fazer alguma coisa na escola, a gente não consegue. O aluno literalmente não tem voz nenhuma. Na minha escola já tentamos colocar um jardim, chegamos perto disso, conseguimos, mas depois o diretor disse para parar porque ia ter reforma e não ia poder.

Já tentamos um clube de jornalismo no colégio, o Jornal PMB, Padre Manoel Bandeira, **mas infelizmente o aluno não tem voz na escola hoje em dia.** A gente tenta mas não consegue.”
(Homem, 14 anos, 9º ano, Recife)

Aproximadamente metade dos alunos concorda que a escola não é um bom espaço de acolhimento, escuta e reconhecimento dos alunos.

Isso é ainda mais forte entre os alunos negros, e entre meninas.

:: Muitos jovens não se sentem reconhecidos pela escola nos seus conhecimentos e gostos pessoais.



Visão sobre a escola



P28. Vamos falar sobre como você se sente dentro da sua escola. Diga, em uma escala de 1 a 4, em que 1 significa que você discorda totalmente e 4 que você concorda totalmente, o quanto as frases abaixo retratam bem a sua escola. Ao responder pense nos seus professores, diretores, coordenadores e no ambiente da sua escola (Base: 1.510)

:: Minha escola me apoia/acolhe quando eu tenho problemas pessoais

:: Gênero



	 Feminino	 Masculino
Discordo totalmente	37,3%	33,8%
Discordo parcialmente	26,5%	20,4%
Concordo parcialmente	20,9%	29,4%
Concordo totalmente	15,4%	16,4%

:: Cor

	Negros	Não negros
Discordo totalmente	37,2%	31,6%
Discordo parcialmente	23,6%	22,8%
Concordo parcialmente	22,2%	32,2%
Concordo totalmente	17%	13,4%

:: Me sinto sozinho dentro da minha escola

:: Gênero

	 Feminino	 Masculino
Discordo totalmente	50,1%	57,2%
Discordo parcialmente	21,1%	20,5%
Concordo parcialmente	16,7%	15,0%
Concordo totalmente	12,1%	7,3%

Esse reconhecimento, muitas vezes traduzido na forma de atividades que deem protagonismo aos jovens, é essencial para diminuir a sensação de solidão dos alunos. Chega a quase 30% o número de meninas que se dizem sozinhas na escola, contra 22% dos meninos. Nas atividades sobre como os jovens se descreveriam e nos relatos de como se sentiam na escola, a figura da pessoa solitária e isolada aparecia, como nos exemplos abaixo.



“A escola não me ajudou em nenhum momento, então me senti sozinho e isolado, então resolvi sair da escola, antes até pedi para minha mãe me trocar de escola. Esperava que eu fosse terminar a escola e pensar na minha faculdade, quando resolvi sair da escola eu me sentia inferior às outras pessoas, sem interesse, pois já via que estava sem esperança e acabei entregando os pontos, e ligando o foda-se pra tudo.”

(Homem, 17 anos, São Paulo, fora da escola)

“A minha escola me vê, porque eu **sou assim na escola. Sou bastante sorridente, feliz**, engraçado, rio muito. E o último, de como eu realmente sou, é porque, digamos que eu **sou solitário. Antes eu tinha muitos e muitos amigos**, mas boa parte deles se mudaram, começaram a namorar e esqueceram a amizade, acabei ficando sozinho.”



Como minha escola me vê



Como eu realmente sou

“**Eu sou solitário** é que, **eu não queria ser. É horrível**, eu não quero isso para ninguém. Eu não queria ser uma pessoa solitária. Por isso que **solidão é uma coisa que eu não quero para ninguém**, porque já passei muitos anos com isso e é chato. Entende?”

(Homem, 14 anos, 9º ano, Recife)

Esse jovem, de 14 anos, pensa que os seus amigos e familiares o enxergam como alguém “brincalhão”, mesmo que em seu íntimo ele se sinta só, sem apoio ou amigos ao redor. Esse caso é um exemplo entre diversos que ouvimos ao longo do estudo, e lança luz sobre uma preocupação central para entender todos os aspectos discutidos nesse relatório: a solidão, falta de acolhimento e fragilidade das redes de apoio impactam como esse jovem se relaciona com sua escola, quanto ele se sente preparado para construir um projeto de vida e quanto ele vai considerar abandonar os estudos. Há uma necessidade urgente de atuar capacitando a gestão escolar para melhorar a relação com os alunos das mais vulneráveis, identificando dificuldades e dando voz para a participação e protagonismo dos alunos, de modo que eles se sintam parte daquele espaço, e aptos para dividir dificuldades e pedir ajuda. Sem isso, esforços direcionados a técnicas pedagógicas, gestão escolar ou materiais didáticos correm o risco de serem vistos pelos jovens como inovações sem sentido.

_05 **considerações finais**

**Qual o seu
principal sonho
para o futuro?**

60%

**Terminar os
estudos**

A pesquisa teve como objetivo explorar como os jovens constroem seus projetos de vida e a influência da escola e de outras referências nesse processo. Os dados quantitativos, aliados às entrevistas em profundidade com os jovens, presenciais ou online, nos ajudaram a mapear alguns temas importantes para o desenvolvimento de projetos e políticas públicas que enderecem as necessidades deste público.

Em primeiro lugar, é relevante destacar que o **principal sonho dos jovens** das classes C, D e E é completar os estudos e que o que mais gostam de fazer na escola é assistir às aulas. **Isso é, a educação** é parte da vida deles no presente e também um horizonte em seu futuro. O que diferencia os jovens é a percepção de auto-eficácia em alcançar seus objetivos, e quanto eles se sentem amparados por seus familiares, pela escola e por outras instituições. A sensação de capacidade de alcançar seus sonhos no futuro é o principal marcador dos três perfis de jovens encontrados no nosso estudo.

**O que mais
gosta de fazer
na escola?**

52%

**Assistir às
aulas**

48%

**Encontrar
pessoas**

Autoconfiante

28%
do total

Objetivos :: Sonham com objetivos relacionados a estudos.

Referências e apoio :: Principalmente família, mas também alta menção a pessoas famosas como referência.

Autoeficácia :: Sentem-se muito capazes de alcançar seus objetivos.

Socioeconômico :: Maioria da classe C, com pais mais escolarizados.

Resignado

31%
do total

Objetivos :: Tem objetivos materiais (trabalho, renda, melhora de vida).

Referências e apoio :: Família, amigos e professores.

Autoeficácia :: Sentem-se muito ou razoavelmente capazes.

Socioeconômico :: Maioria da classe C, com pais pouco escolarizados.

Desesperançoso

33%
do total

Objetivos :: São os que mais dizem não saber quais são seus objetivos.

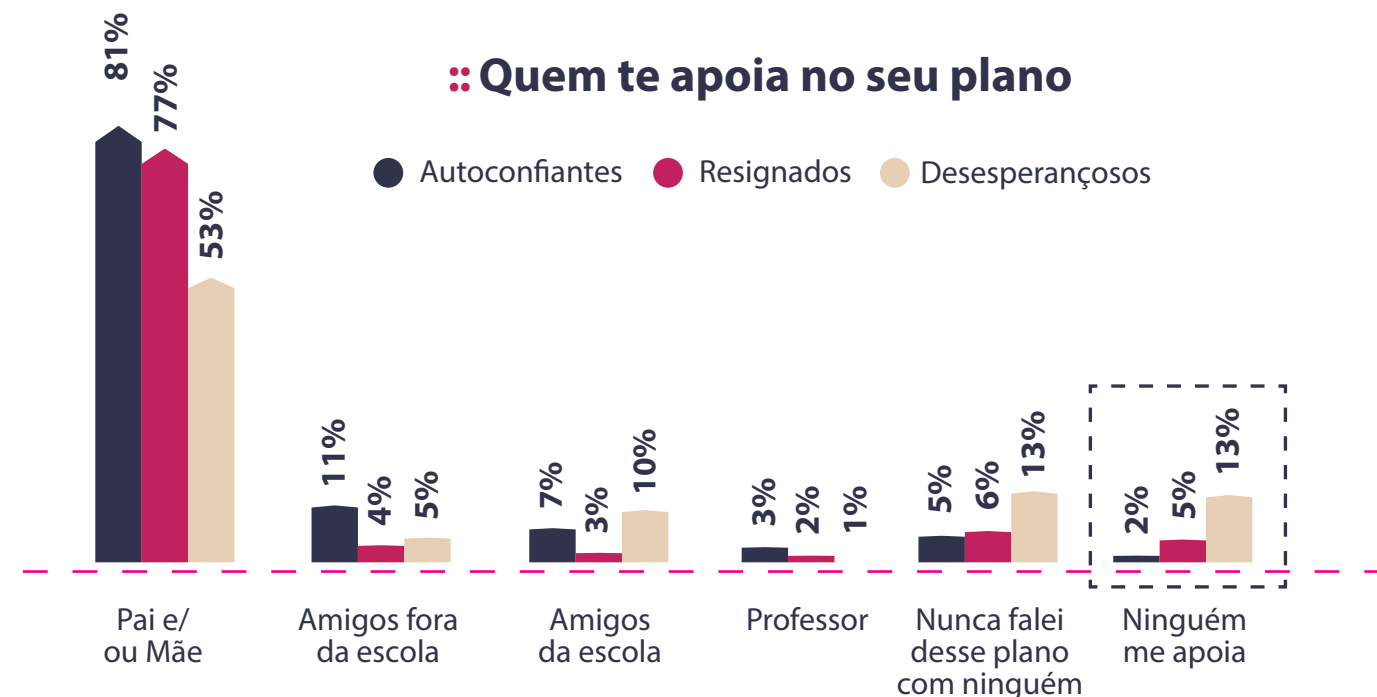
Referências e apoio :: Grande maioria não tem referências ou inspirações para pensar o futuro.

Autoeficácia :: São os que mais se sentem incapazes de alcançar seus objetivos.

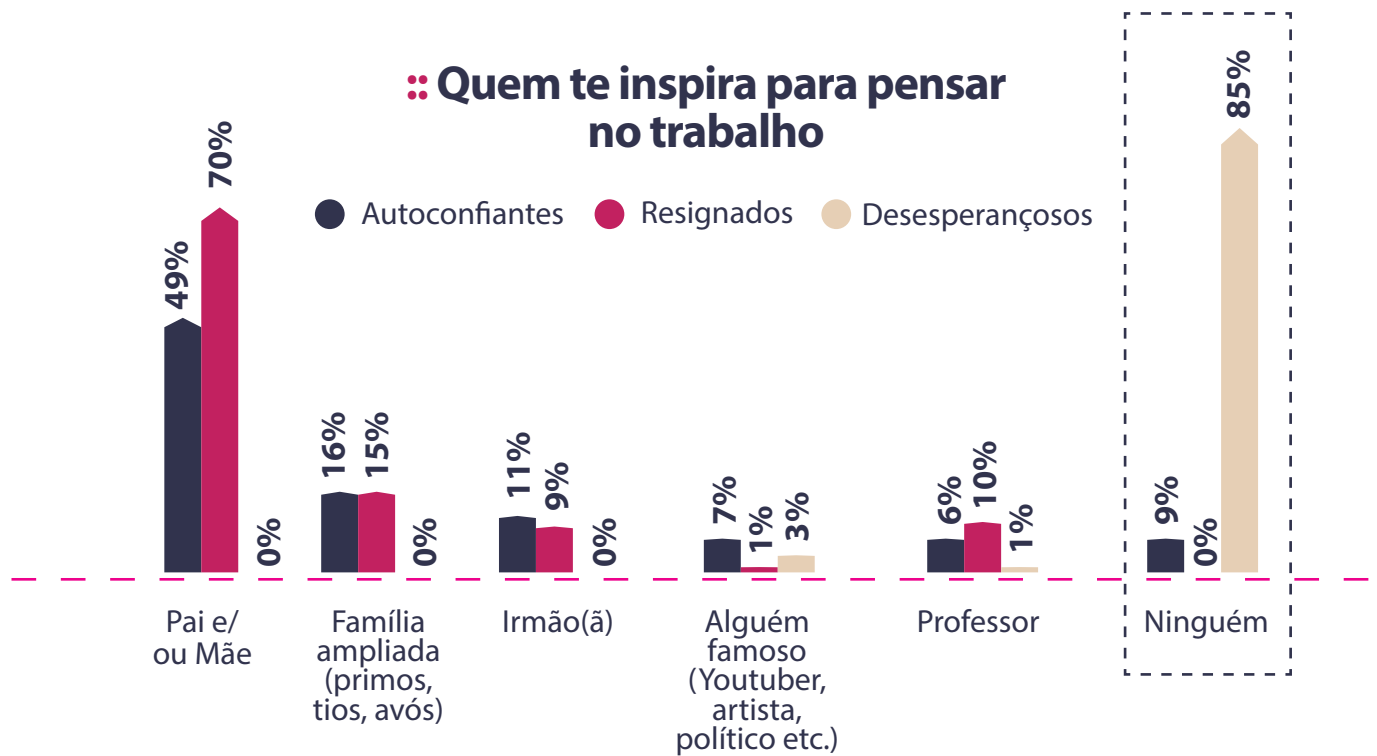
Socioeconômico :: Proporção maior das classes D e E, com pais menos escolarizados.

P16. Alguém te apoia neste plano? (Só entre aqueles que apontaram uma prioridade) (Base: Puro 1: 201/ Puro 2: 191 / Puro 3: 248)

:: Quem te apoia no seu plano



:: Quem te inspira para pensar no trabalho



P19. Quem te inspirou a pensar neste trabalho? (Base: Puro 1: 201/ Puro 2: 191 / Puro 3: 248)

51,4%

Nunca fez e não consideraria fazer um curso pela internet

Não considera que alunos estão preparados para usar a internet em sala de aula

Classe C

78,6%

86,5%

Classe D-E

Para os elaboradores de políticas públicas e projetos de educação, é salutar entender que as diferenças entre os perfis não são simplesmente fruto de questões socioeconômicas (renda, região) ou de fatores psicológicos dos jovens. As distinções de comportamento são permeadas também pela estrutura social à qual o estudante tem acesso. São as redes de apoio e referências que irão influenciar o quanto cada jovem se permite sonhar com um futuro diferente e quanto ele se enxerga alcançando seus sonhos. A qualidade da rede de apoio inclui desde a escolaridade dos pais, passando pelo acesso à assistência social, até a quanto o ambiente escolar é propício para acolher esse jovem de maneira integral.

A escola já é um espaço de socialização. Mas para tornar-se também espaço de escuta e acolhimento, os jovens entrevistados destacam a necessidade de organização e ordem. No capítulo 2, exploramos estratégias pedagógicas valorizadas pelos estudantes. Aparecem a valorização da participação, do trabalho em grupo e do debate, mas os entrevistados mencionam também as aulas expositivas mais tradicionais. Em todas elas, o principal é um ambiente organizado que permita **o aprendizado**. A descrição de uma aula ideal como uma aula ordenada não é excludente da vontade de que a sala de aula seja um espaço lúdico, que trate de temas práticos e com uma linguagem mais próxima do dia-a-dia dos jovens. O uso de tecnologias diversas em sala de aula, no entanto, é pouco comum – e os jovens desconfiam de que não seriam capazes de utilizar a internet em sala sem prejuízo para seu **aprendizado**. Em casa, no entanto, o uso da internet como espaço de aprendizado é comum, ainda que majoritariamente feita por celular, por falta de acesso a outros meios. Canais no Youtube servem como reforço escolar e como fonte de conhecimento técnico, mesmo para os jovens que abandonaram os estudos.

“Uma aula dinâmica em que todos possam participar e expressar suas dúvidas, poder questionar, ter mais liberdade dentro da sala de aula, expor suas opiniões. Algo que a gente aprenda sem ser aquela coisa de sentado na cadeira livro e cópia.”

(Mulher, 16 anos, fora da escola, SP)

O que mais te ajuda a aprender?

43%

que professores falem e escrevam na lousa

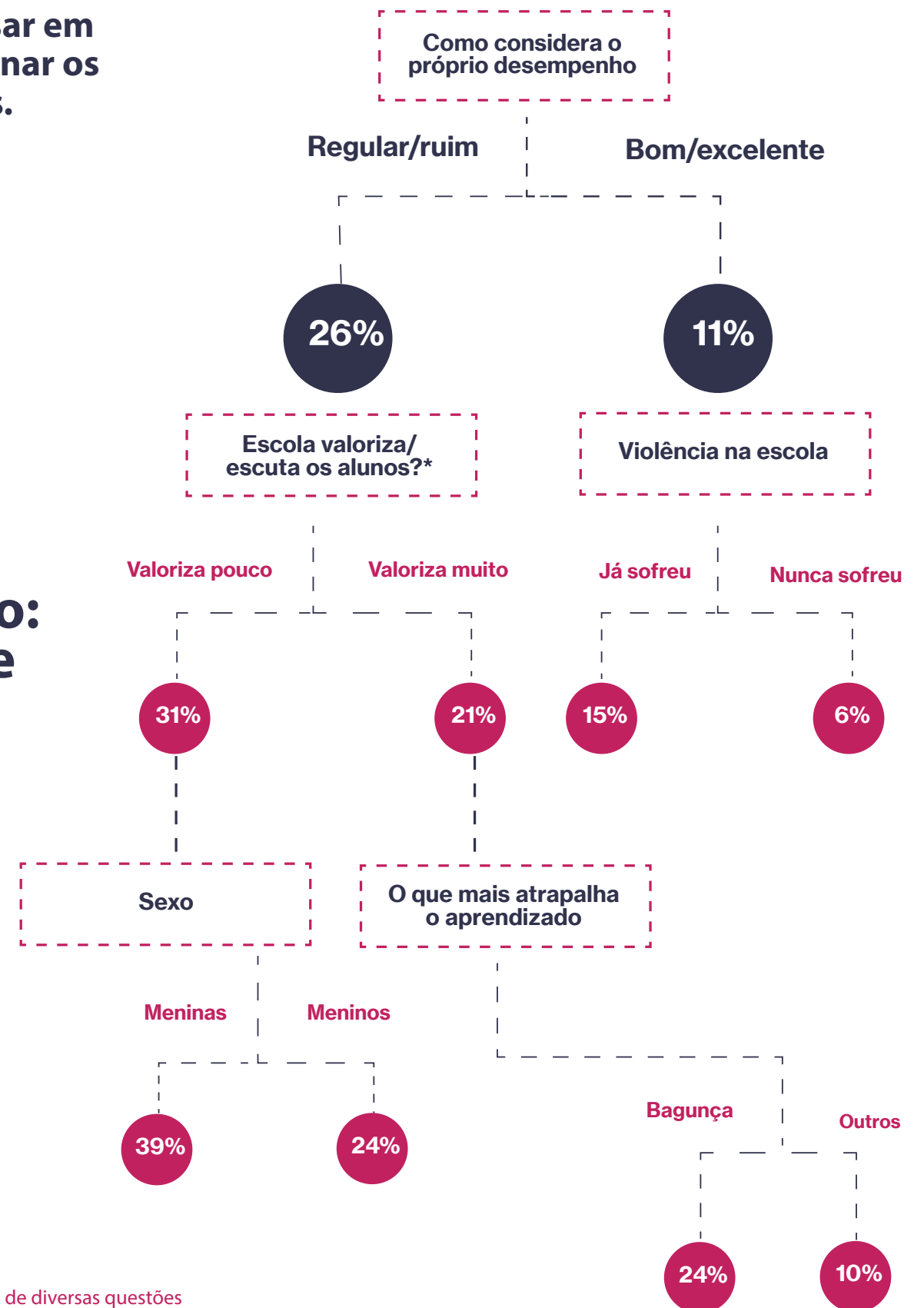
78%

dizem bagunça é o principal problema da escola.

O abandono escolar também foi tema da nossa pesquisa. Identificamos, a partir de análises estatísticas combinadas com interpretação de entrevistas em profundidade, preditores relevantes para a evasão. As variáveis que indicam maior probabilidade de abandono reforçam a centralidade da escola construir uma rede de apoio para esses jovens vulneráveis. A percepção de performance é a primeira variável a prever a evasão. Entre aqueles que consideram seu rendimento satisfatório, a violência dentro da escola vai influenciar a decisão de abandonar.

Para os demais, o acolhimento dado pela escola para suas dificuldades de rendimento que irá influenciar a possibilidade de evasão. Há um papel relevante da organização escolar – quanto o jovem associa à **bagunça suas dificuldades**. O mais importante desta análise é entender que o jovem dá sinais de que irá abandonar a escola. Portanto, é possível pensar em estratégias para identificar esses sinais e trazer o jovem de volta, antes que ele concretize a evasão. Esse papel não pode ser somente da escola. O problema exige políticas públicas intersetoriais, que envolvam assistência social, segurança pública, educação, saúde, entre outros.

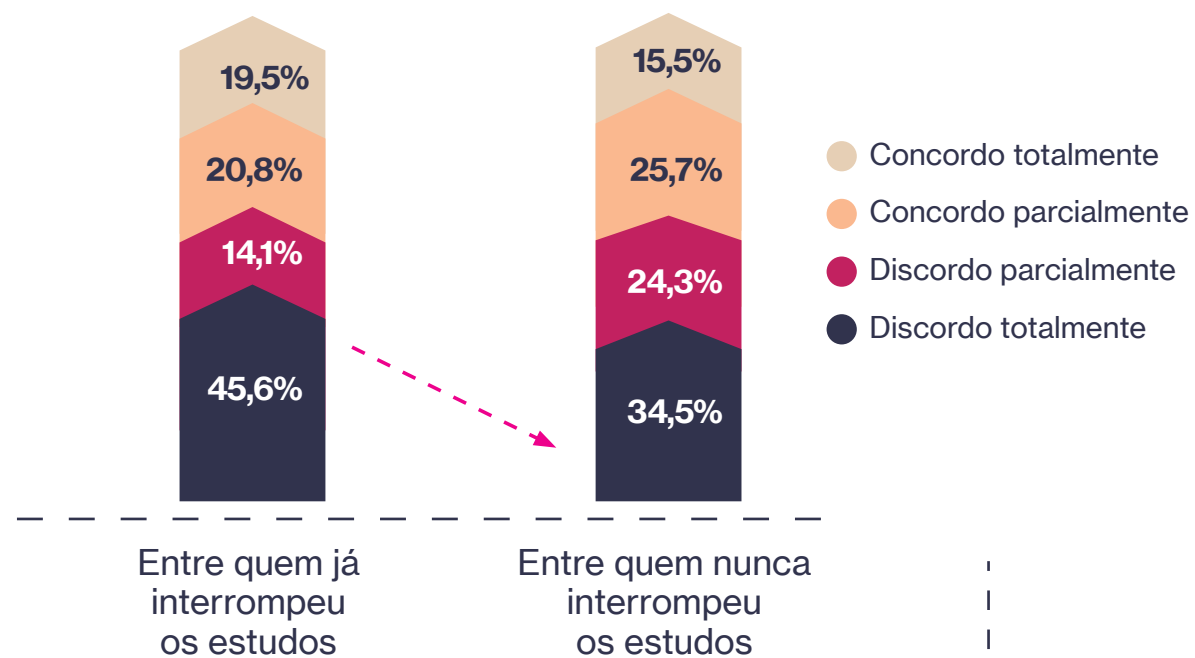
:: Porcetagens (%) referentes às chances de pensar em abandonar os estudos.



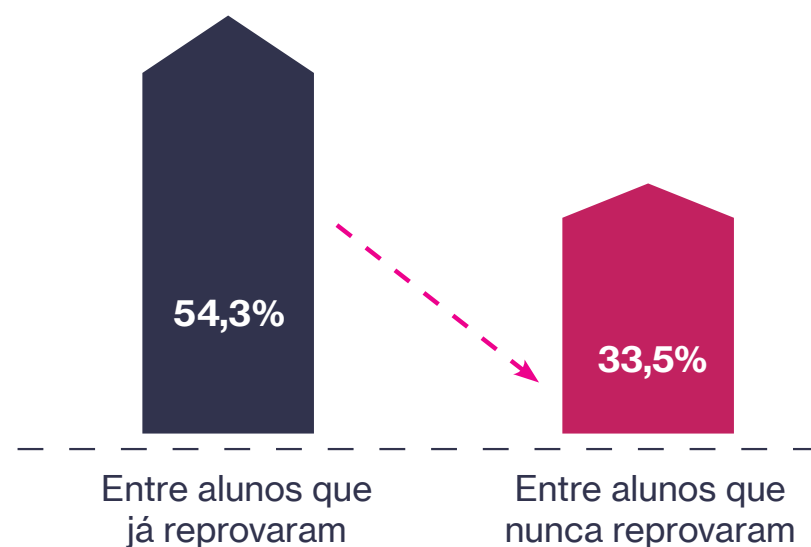
:: Resultado: Análise de CHAID

*Combinação de diversas questões relacionadas à valorização e escuta dos jovens pela escola.

⚡ Minha escola me apoia/acolhe quando eu tenho problemas pessoais



⚡ Alguma vez seu desempenho escolar caiu por conta de algum problema pessoal?



O último capítulo, dedicado às redes de apoio e a questões que envolvem saúde mental, destacou a relevância de trazer outros atores para apoiar a escola na garantia de que os estudantes completem os estudos. 60% dos estudantes dizem ter tido queda de rendimento devido a problemas pessoais, índice ainda maior entre os que alguma vez já **abandonaram a escola ou já reprovaram**. Os que abandonaram mencionam com maior frequência também que a escola não os apoia em momentos de dificuldade. No entanto, quando a escola não os apoia, muitos relatam não terem outras pessoas para falar sobre **esses problemas**.

20%

dos jovens de 17 a 19 anos não falam com ninguém sobre problemas pessoais

As entrevistas qualitativas mostraram um problema grave de sensação de solidão por muitos dos entrevistados. Mesmo que a escola não possua todas as ferramentas para lidar com esses problemas sozinha, ela é o principal ponto de contato destes jovens com políticas públicas, e poderia ser responsável pelo encaminhamento de **situações mais graves**. Esses casos mostrarão queda de rendimento, o que potencialmente pode aumentar o risco de evasão, excluindo jovens de seu direito à educação e de seu principal sonho, terminar os estudos.

As diferenças de perfis em relação aos projetos de vida (Autoconfiantes, Resignados e Desesperançosos) são causadas por inúmeros fatores, psicológicos, sociais e econômicos. Sabendo que a escola não será capaz de enfrentar todos esses desafios simultaneamente, ela pode servir de apoio para aqueles estudantes em situação de maior vulnerabilidade e sensação de isolamento. A escola pode ser o canal de referências e inspirações daqueles que não encontram uma rede de apoio estruturada fora dali. Para que isso ocorra, é necessário, mais uma vez, escutar os estudantes. A escuta passa por um ambiente organizado e com conflitos controlados, e por apoio também aos professores para capacitá-los para maior escuta e participação.



Como minha escola me vê



Como eu realmente sou

“A minha escola me vê, porque eu **sou assim na escola. Sou bastante sorridente, feliz**, engraçado, rio muito. E o último, de como eu realmente sou, é porque, digamos que eu **sou solitário. Antes eu tinha muitos e muitos amigos**, mas boa parte deles se mudaram, começaram a namorar e esqueceram a amizade, acabei ficando sozinho.”

“**Eu sou solitário** é que, **eu não queria ser. É horrível**, eu não quero isso para ninguém. Eu não queria ser uma pessoa solitária. Por isso que **solidão é uma coisa que eu não quero para ninguém**, porque já passei muitos anos com isso e é chato. Entende?”

(Homem, 14 anos, 9º ano, Recife)

:: equipe

:: FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO ::

Presidência

José Roberto Marinho

Secretaria Geral

Wilson Risolia

Assessora de Pesquisa & Avaliação

Rosalina Maria Soares

Equipe técnica de Pesquisa

André Vieira

Katcha Poloponsky

Juliana Leitão

Maíra Mascarenhas

Desenvolvimento Institucional

Gerente Desenvolvimento Institucional

Mônica Pinto

LEd - Laboratório de Educação

Gerente Geral

João Alegria

Gerente de Implementação

Ana Paula Brandão

Gerente de Produção

Deca Farroco

Gerente Canal Futura

José Brito

Equipe Técnica Led

Alzira Valéria

Priscila Pereira

:: PLANO CDE ::

Gerenciamento e Planejamento

Maurício de Almeida Prado

Rafael Camelo

Breno Barlach

Trabalho de campo

Florbela Ribeiro

Sara Azevedo Cardoso

Redação de relatório

Breno Barlach

Isadora Castanhedi

Design

Nando Motta

:: CONSULTORES ::

Especialista e Educadores

Jaqueline Lima Santos

Doutora em Antropologia e
Pesquisadora na Unicamp

Cintia Barreto

Professora e Doutora em Literatura
Brasileira pela UFRJ

João Rafael

Professor na Unidade

Escolar da FRM

Mauro Storani

Professor na Rede

Estadual do Rio de Janeiro

Jovens

Clara Vaz

Camila Silva

Elias Costa

Jonas Fernandes

Lays dos Santos

Patrick Pereira

:: AGRADECIMENTOS ::

Ana Beatriz Lima

Desenvolvimento Institucional - FRM

Anne da Rocha Ferreira

Laboratório de Educação - FRM

Meriene da Cunha Mazzei

Canal Futura - FRM

Tamiris de Almeida Cutrim

Canal Futura - FRM

Mariana Resegue

Em Movimento

Luiz Carlos Brandão C. Junior

Fundação Bradesco

Erika Cavalcanti

Fundação Bradesco

Marisa Ohashi

Fundação Bradesco



PLANO
cde PESQUISA
INOVAÇÃO
IMPACTO

